Abril

Editora ABRIL
edição 2092 - ano 41 - nº 51
24 de dezembro de 2008

veja

www.veja.com.br

EXEMPLAR DE ASSINANTE
VENDA PROIBIDA
R$ 8,40

REPORTAGEM

DARFUR
À espera do Salvador

O genocídio sem fim no coração da África desafia o sentimento cristão e o simbolismo do Natal

ARTIGO: "Precisamos do Cristo não porque os homens se esquecem de ter fé, mas porque, com freqüência, eles abandonam a Razão e cedem ao horror"

Importante: vai dar vontade de abrir tudo antes da hora.

Fogão Classical GE 5 bocas
Tripla chama, prateleiras deslizantes.

0+10 no cartão
R$ 129,90 sem juros
R$ 1.299,00 à vista

Refrigerador 2 portas Frost Free Titanium GE
Prateleiras de vidro.

0+10 no cartão
R$ 239,90 sem juros
R$ 2.399,00 à vista

Panasonic
Forno Microondas Panasonic 28 litros

0+10 no cartão
R$ 37,90 sem juros
R$ 379,00 à vista

10x em até sem juros no cartão*

*Exceto produtos HP, Sony e telefonia celular; consulte a loja sobre os produtos disponíveis; exclui-se da condição o Cartão Casas Bahia.
ORIENTAÇÃO DETALHADA SOBRE O PROCESSO COMERCIAL NA CONTRACAPA DESTE IMPRESSO.

BOSCH
Refrigerador 2 portas
Frost Free Bosch
445 litros
Painel touch control.

0+10 no cartão
R$ 259,90 sem juros
R$ 2.599,00 à vista

445 litros

Frost Free

BRASTEMP
Refrigerador 2 portas
Frost Free Brastemp
Prateleiras de vidro.

0+10 no cartão
R$ 199,90 sem juros
R$ 1.999,00 à vista

319 litros

Frost Free

Inox

5 bocas

BOSCH
Fogão Style
Bosch 5 bocas
Prateleiras deslizantes.

0+10 no cartão
R$ 109,90 sem juros
R$ 1.099,00 à vista

31 litros

Grill

Electrolux
Forno Microondas
Electrolux 31 litros

0+10 no cartão
R$ 46,90 sem juros
R$ 469,00 à vista

CASAS BAHIA
DEDICAÇÃO TOTAL A VOCÊ

www.casasbahia.com.br

JWT.COM.BR

Os melhores momentos
ficam registrados para sempre.

Prepare-se para
aumentar seu arquivo.

CROSSOVER ☆

Motor 3.5L V6 ☆
DURATEC 269cv

VISTA ROOF ☆
Teto solar panorâmico

Ar-condicionado ☆
DUAL ZONE

POWER LIFTGATE ☆
Porta-malas elétrico com
abertura e fechamento
automáticos

AWD ☆

SYNC® ☆
Tela Touch Screen
de 6,5" / DVD / Bluetooth®
Jukebox 10Gb

3 ANOS DE GARANTIA

NOVO FORD EDGE

VALIOSO COMO TUDO QUE É INESQUECÍVEL.

Ford

VIVA O NOVO

www.fordedge.com.br

0800-703 FORD
3673

Novo Ford Edge 2009. Seja o primeiro a ter um.

Claro

Escolha.

EU

COMPA

UM SORRISO, MEUS BRIN

UM A ALE

UMA

NOKIA 5220 XPRESS MUSIC
GRÁTIS
No PLANO ESTILO 400
• MP3 PLAYER E RÁDIO FM
• CAPACIDADE PARA ATÉ 1000 MÚSICAS
• CÂMERA 2.0 MEGAPIXELS

NOKIA 6210 NAVIGATOR
10x R$ 32,50 JUROS DE 4,72% a.m.
No PLANO ESTILO 300
+ PACOTE DE INTERNET DE 40mb
• 3G COM GPS INTEGRADO
• CÂMERA 3.2 MEGAPIXELS COM FLASH INTEGRADO
• MP3 PLAYER COM RÁDIO FM

NOKIA 2630
GRÁTIS
No PLANO ESTILO 40
• RÁDIO FM
• CÂMERA
• BLUETOOTH™

NOKIA

Se você é cliente Claro, envie um Torpedo com a palavra ESCOLHA para o número 250 e baixe, gratuitamente, o leitor QR Code no seu celular. Aí é só apontar a câmera do seu celular para o código, seguir as instruções e descobrir o que a Claro reservou para você.

T / NAZCA saa

ESCOLHI

RTILHAR

QUEDOS, UM CHOCOLATE

GRIA, UMEGPRESENTE,

HISTÓRIA.

Num mês a Claro paga.
No outro você paga.

A Claro compartilha a mensalidade do seu plano e você ainda ganha 50 Torpedos e 50 minutos de videochamada por mês.

WWW.CLARO.COM.BR

Atendimento Claro - Ligue 1052 ou acesse www.claro.com.br

A Claro compartilha a mensalidade do seu plano, e você ainda ganha 50 Torpedos e 50 minutos de Video Chamada 3G ou Video Chamada Web por mês, durante até 6 meses. Promoção válida para ClaroConta, de 14.11 a 31.12.2008 ou enquanto durar o limite de adesões. A Claro isentará, alternadamente 3 mensalidades do plano, em até 6 meses. A 1ª mensalidade será paga pelo cliente, assim como qualquer valor excedente ao contratado no período promocional. Cliente Claro participa trocando seu celular e pagando taxa de adesão. Mensalidade dos planos - Estilo 40: R$ 34,90 a R$ 47,56; Estilo 100: R$ 65,90 a R$ 90,90; Estilo 300: R$ 129,90 a R$ 184,90; Pacote de Internet de 40 MB: R$ 39,90. Bônus de Video Chamada 3G disponível para clientes 3G, com aparelho compatível, na área de cobertura 3G. Video Chamada Web disponive para clientes GSM e 3G apenas para uso em computador compatível. Bônus de Torpedo válido para envio para Claro, por até 6 meses. Mais informações no regulamento em www.claro.com.br. A leitura do QR Code depende da compatibilidade do aplicativo com o celular. Gratuidade da trilha da campanha limitada a 7 mil downloads através do Idolos Music Store. Consulte a compatibilidade do leitor de QR Code, do Idolos Music Store e tarifas para download em www.claro.com.br ou 1052. Imagens meramente ilustrativas.

Índice

EDIÇÃO 2092 | ANO 41 | Nº 51
TIRAGEM 1 212 349 EXEMPLARES

veja

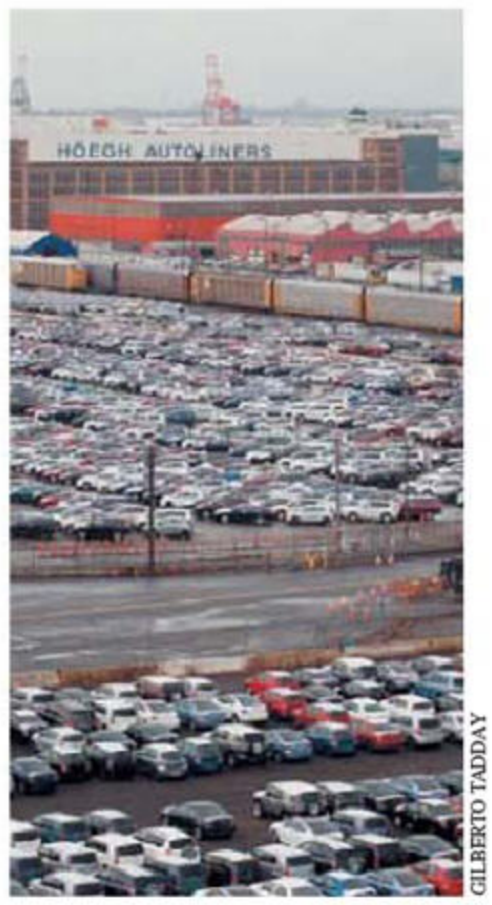
12 | **Carta ao Leitor**
17 | **Entrevista:** Jeremy Rifkin
26 | **Lya Luft**
32 | **Leitor**
38 | **Millôr**
41 | **Blogosfera**

ULF ANDERSEN/GETTY IMAGES

Rifkin: "Somos viciados em petróleo". PÁG. 17

ANDRE DUSEK/AE

Britto, do TSE: julgamento de governadores. PÁG. 56



GILBERTO TADDAY

Carros no porto de Nova Jersey: encalhados. PÁG. 70

PANORAMA

43 | **Imagem da Semana**
44 | **Holofote**
46 | **SobeDesce**
46 | **Conversa com** Glenda Santos
47 | **Números**
48 | **Datas**
50 | **Radar**
54 | **Veja Essa**

O ministro Celso Amorim: rosnando para Obama. PÁG. 54

BRASIL

56 | **Justiça** Governadores na fila da degola
60 | **Espionagem** A Abin bisbilhotou jornalistas
61 | **Rio Grande do Sul** Yeda põe as contas em ordem
62 | **Bahia** O suposto herdeiro de Luís Eduardo Magalhães
66 | **Crime** Uma radiografia dos serial killers

INTERNACIONAL

70 | **Estados Unidos** Falência ronda Ford, GM e Chrysler
74 | **Fraude** O gigantesco golpe de Bernard Madoff

GERAL

78 | **Gente**
80 | **Demografia** Um terço dos ibéricos tem antepassado judeu ou mouro
82 | **Negócios** Tania Bulhões: expansão na crise
84 | Novos rumores sobre a saúde de Steve Jobs
86 | **Humor** Reunião de líderes na Bahia: rir para não chorar
87 | **Cidades** A polícia carioca ocupa as favelas
88 | **Especial** Darfur: crise humanitária de proporções épicas
95 | **Reinaldo Azevedo**
108 | **Auto-retrato** Christopher Ciccone
110 | **Meteorologia** Quando a previsão é fundamental para os negócios
114 | **Educação** As metas brasileiras para eliminar as deficiências

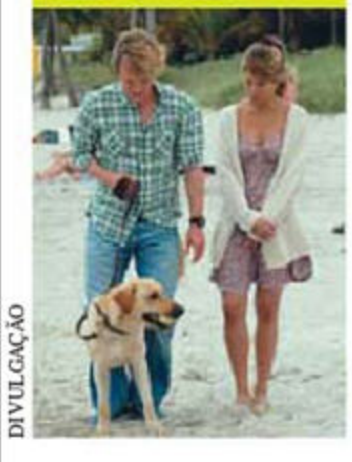
veja.com

MONTADORAS AMERICANAS

PAUL SANCYA/AP

As empresas automotivas General Motors, Ford e Chrysler ajudaram a moldar o século XX. Durante décadas, elas foram condutoras de avanços no setor e marcaram um estilo de vida americano. As três gigantes de Detroit, no entanto, entram no século XXI sob a pesada ameaça de falência. Conheça a história dessas três companhias, seus momentos de sucesso e fracasso e os homens que as criaram e conduziram, em www.veja.com.br/cronologia

CINEMA
Trailer do filme *Marley & Eu*



DIVULGAÇÃO

CARGA TRIBUTÁRIA
Em momentos de crise financeira, quando a ameaça aos cofres do governo se transforma em realidade, anúncios sobre reajustes de impostos tomam conta do noticiário. Saiba quantos impostos, taxas e contribuições compõem a carga tributária no Brasil atualmente. Em www.veja.com.br/perguntas

NELSON ANTOINE/FOTOARENA

VESTIBULAR
Em janeiro ocorre a segunda fase do vestibular mais concorrido do país: a Fuvest. Especialistas apontam assuntos que podem ser abordados nas provas e dão dicas aos 38 606 estudantes convocados para disputar 10 707 vagas. Em www.veja.com.br/vestibular

NIC BOTHMA/EFE

Darfur: mulheres sudanesas à espera de ajuda.
PÁG. 88

DOMINGOS ANTONIO DE SEQUEIRA

Dom João VI: livro mostra o Brasil de seu tempo.
PÁG. 126

GUIA

116 | **Férias** Os novos equipamentos para viagens
118 | Energia sem tomadas

ARTES & ESPETÁCULOS

120 | **Cinema** *Marley & Eu*, com Jennifer Aniston
123 | *Sete Vidas*, com Will Smith
126 | **Livros** Bons lançamentos de história do Brasil
130 | *Os Irmãos Karamabloch*, de Arnaldo Bloch
131 | **Diogo Mainardi**
132 | **Veja Recomenda**
133 | **Os livros mais vendidos**
134 | **J.R. Guzzo**

EDITADO POR KÁTIA PERIN kperin@abril.com.br

EM DIA

Em 5 de março de 1969, a reportagem de capa de VEJA tratava da transmissão via satélite, que começava a se estruturar na programação da televisão brasileira. Passados quarenta anos, a evolução da tecnologia e dos hábitos do espectador foi grande e rápida. As principais etapas desse processo estão em www.veja.com.br/emdia

ALFREDO FRANCO

GAME NÃO É (SÓ) BRINCADEIRA

Especialistas explicam em vídeo o fascínio por jogos eletrônicos, contam parte da história do gênero e fazem a lista dos dez melhores de todos os tempos. O **The Sims**, por exemplo, foi lembrado como o game que conseguiu atrair o interesse do público feminino.

O **Rock Band** é o preferido de crianças e adultos que sonham em participar de uma banda. Não é preciso saber música, basta convidar amigos, escolher quem toca o quê e se preparar para um grande show. Tem até aplausos — virtuais, claro. Em www.veja.com.br/videos

FALA!

EDITORA Abril

Promoção Teto Novo, Vida Nova.

Concorra a um apartamento.

Isso é que é tirar seu sonho de apartamento do papel.

Certificado de autorização da Caixa nº 6-0564/2008

Apartamento avaliado em R$ 70 mil.

Para participar é fácil: basta juntar 3 selos e colar no cupom que vem na revista Arquitetura&Construção, preencher com seus dados e enviar para a Editora Abril. Participe!

Consulte o regulamento no site www.arquiteturaconstrucao.com.br

apoio: TENDA Construindo Felicidade

publicisbrasil

PROMOÇÃO
Surpresa
goStosa
Sadia

Neste Natal,
em vez de procurar
presentes embaixo
da árvore, procure na
embalagem do Peru
ou Fiesta Sadia.

www.natalsadia.com.br

+de 1.000 prêmios

PROMOÇÃO Surpresa gostosa Sadia

Na compra de um **Peru** ou **Fiesta Sadia**,
ache o **selo escondido** dentro das embalagens
e **ganhe presentes incríveis neste Natal**.

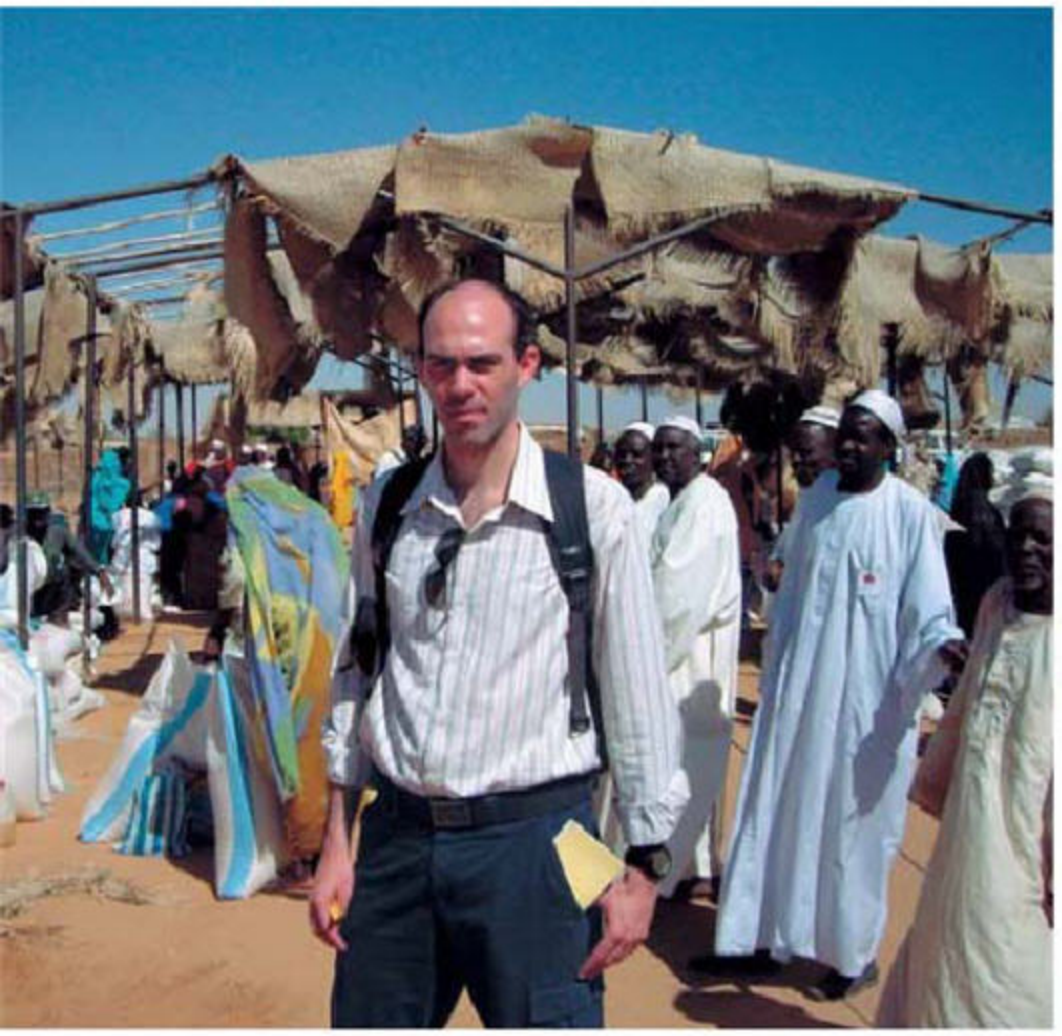
Imagens meramente ilustrativas. Promoção válida de 1/11/2008 a 31/12/2008. Conheça o regulamento no site www.natalsadia.com.br. CA Caixa: 2-0746/2008.

Carta ao Leitor

O Natal e Darfur

O Natal ultrapassou a sua origem de festa cristã, para expandir-se também como celebração da paz, da caridade e da solidariedade entre pessoas de diferentes credos. Esses valores sofridamente moldados por séculos de civilização se fazem tão mais necessários, evidentemente, onde há conflito, ódio e indiferença. É o caso eloqüente de Darfur, região do Sudão, o maior país da África, assolada por uma bárbara guerra civil iniciada em 2003, que até agora matou 300 000 pessoas e deslocou 2,7 milhões de indivíduos para campos de refugiados. O que está ocorrendo lá é um genocídio silencioso, cujas tintas estão longe de comover e mobilizar o mundo civilizado como deveriam. Felizmente, porém, há os abnegados que mantêm vivos, dia após dia, nos mais remotos cantos do planeta, os valores celebrados no Natal. Em Darfur, eles integram a frágil missão de paz da Organização das Nações Unidas e as dezenas de entidades humanitárias encarregadas de proporcionar um mínimo de dignidade às vítimas do conflito.

Para relatar e explicar a tragédia no Sudão, VEJA destacou o editor Diogo Schelp, um jovem de 32 anos já veterano em coberturas internacionais. A serviço da revista, ele esteve nos Emirados



Profissão: Repórter *O editor Diogo Schelp no campo de Abu Shouk, em Darfur: destacado para relatar e explicar o genocídio silencioso que está em curso no Sudão*

Árabes Unidos, em Israel, no México, Uruguai e Chile e na Colômbia, Venezuela, Argentina e Noruega. O Sudão foi o lugar mais inóspito e quente já visitado por ele. Schelp permaneceu três semanas no país e sua tarefa mais árdua não foi tanto visitar os campos de refugiados, mas vencer a burocracia do governo sudanês, em busca de um visto que lhe permitisse viajar a Darfur. "A certa altura, depois de passar os dias indo de uma entrevista a outra com burocratas e engolindo poeira nas ruas de Cartum, eu me sentia como o personagem de Jack Nicholson no filme *Profissão: Repórter,* esperando por algo indefinido em um hotel antigo de algum país africano", diz ele. A paciência o recompensou e também aos leitores de VEJA, brindados com a reportagem primorosa que começa na página 88.

Poltrona de couro espaçosa, nada para as pernas e snacks à sua es em casa porque lá não é essa mo

www.**voeazul**.com.br
Consulte seu agente de viagens ou ligue **3003-2985**.

Campinas/Salvador a partir de **R$ 219**
Porto Alegre/Campinas a partir de **R$ 159**
Salvador/Porto Alegre a partir de **R$ 349***
Em até 6x sem juros.**

AZUL

As tarifas mencionadas são válidas por trecho e estão disponíveis até 31/12/2008. O passageiro precisa voar entre 15/12/2008 e 31/1/2009. Para condições e preços, consulte seu agente de viagens. **Com escala em Campinas. ***Para parcelas de no mínimo R$ 50.

de poltrona no meio, mais espaço
colha. Você só não vai se sentir
leza toda. Tudo novo. Tudo Azul.

Azul
Linhas Aéreas Brasileiras

adidas.com

NÃO SUBESTIME
O PODER DO SEU
BOUNCE®

adidas

GABRIELA CARELLI

Somos viciados em petróleo

O economista americano diz que a crise financeira, a energética e o aquecimento global estão interligados, retroalimentam-se e não podem ter soluções separadas

Jeremy Rifkin, de 63 anos, é o consultor a quem os governantes de alguns dos principais países europeus recorrem quando o assunto é energia. Na Alemanha, ele ajudou a implantar o plano de adoção de fontes renováveis que reduziu a dependência do petróleo e do gás no país. Fez o mesmo trabalho para o primeiro-ministro espanhol, José Luis Zapatero, para o presidente francês, Nicolas Sarkozy, e para o presidente da Comissão Européia, José Manuel Durão Barroso. Autor de dezessete livros, Rifkin defende a tese de que a atual crise financeira, a crise energética e o aquecimento global estão interligados e não serão solucionados separadamente. "Eles se retroalimentam e, juntos, formam a pior das tempestades. Para sair do pântano financeiro e climático, é preciso acelerar a revolução verde", ele diz. Rifkin deu a VEJA a seguinte entrevista.

Os países ricos entraram em recessão e muitos anunciaram cortes em vários setores da economia. O momento é adequado para investir em energias renováveis? Este é o momento certo. Se não acabarmos agora com o vício do petróleo, os danos serão muito piores. Compara-se a crise atual com a Grande Depressão. Não há dúvida de que as duas têm pontos em comum, mas a devastação financeira e emocional provocada pela atual crise deixou parte do mundo cego para enxergar diferenças cruciais entre elas. Na década de 30, havia uma crise econômica. Hoje, o planeta enfrenta três crises simultâneas: a financeira, a energética e o aquecimento global. É o que chamo de a tripla armadilha. Elas estão interligadas e se retroalimentam. Não há como resolvê-las separadamente. Em breve, seremos 9 bilhões de habitantes no planeta. O impacto dessa população na produção de bens e no consumo será

ULF ANDERSEN/GETTY IMAGES

Origem

Compromisso com o Brasil.

A cada dia enfrentamos novos desafios. E lutamos para vencê-los, como se fossem o primeiro ou o último de nossas vidas. Ser livre, honesto, trabalhador e respeitarmos uns aos outros são valores fundamentais. Podemos errar, aprender, reconstruir e, assim, crescer. Por isso, não devemos ter medo de transformar nossos sonhos em realidade. Hoje, mais do que nunca, é importante ter esperança. Devemos exigir e respeitar direitos, ter fé em nós mesmos e no futuro do Brasil. Assumir um compromisso com as transformações capazes de resgatar a ética, a transparência e a felicidade. Vamos começar já.

FIESP

A INDÚSTRIA A SERVIÇO DO BRASIL

enorme, por mais que haja desaceleração econômica. Isso aumentará ainda mais a demanda por petróleo e outros combustíveis fósseis, como carvão e gás, cada vez mais escassos. Se não houver uma mudança, vamos entrar numa roda-viva de turbulências.

O primeiro-ministro da Itália, Silvio Berlusconi, diz que os custos para desenvolver novas energias e para combater o aquecimento global são excessivamente altos. Isso é sinal de que a revolução energética será adiada até pelos europeus, que tanto a defendem? Com sua visão ultrapassada de mundo, Berlusconi desconhece que não enfrentamos uma crise qualquer. Estamos na passagem entre duas eras. Olhar para a velha economia e buscar soluções nos parâmetros tradicionais não vai funcionar. Pessoas retrógradas como ele podem levar a Europa e o planeta ao fundo do poço. Nesse ponto, vale a analogia com a crise de 1929. A Grande Depressão foi uma das conseqüências da transição entre a primeira revolução industrial e a segunda, entre o vapor e a eletricidade. Está na hora de iniciarmos a terceira, a revolução verde. Ela não pode ser adiada. É o impulso que pode fazer a economia global andar de novo. Os principais governos europeus já deram os primeiros passos nessa direção e se mostraram dispostos a continuar no mesmo caminho durante o encontro sobre o clima em Poznan, na Polônia, há duas semanas. O melhor exemplo de como a energia verde funciona está na Alemanha. Em oito anos, o país reduziu drasticamente sua dependência do petróleo. Metade da energia solar existente no mundo é produzida lá. O governo alemão não está temeroso diante da crise. O ministro dos Transportes da Alemanha acaba de anunciar incentivos à produção de carros elétricos que devem resultar na produção de 1 milhão de veículos desse tipo no país até 2020.

O preço do barril de petróleo, que ultrapassou 140 dólares, caiu agora para 45 dólares. A baixa no preço dos combustíveis não desmonta seus argumentos? De forma alguma. O valor atual do barril de petróleo demonstra apenas que a economia está paralisada pelos efeitos da crise financeira. Por causa do aumento da população mundial e do consumo, o preço do petróleo vai subir em breve, por mais lenta que a economia esteja. A Agência Internacional de Energia prevê que o barril atinja os 100 dólares no ano que vem e permaneça assim até 2015. O barril deverá custar 200 dólares em 2030. Com o preço do petróleo nesses patamares, não há como o mundo funcionar. O valor do petróleo repercute em todos os bens de consumo. Comida, roupas, carros, papel, computadores, todo produto que consumimos hoje tem seu valor pressionado pelo combustível. Com o petróleo muito caro, os preços sobem tanto que a economia do planeta inteiro se contrai. O poder de compra diminui, as fábricas fecham as portas, pessoas perdem o emprego. Aí reside um dos principais argumentos sobre a necessidade de novas fontes de energia. Quando o barril chegou aos 147 dólares, em julho, aconteceu o que chamo de pico da globalização. Atingimos uma barreira intransponível.

> **“O preço do petróleo subirá em breve. Em 2030, o barril deve custar 200 dólares. Com esse patamar de preço, não há como o mundo funcionar. Aí reside a razão pela qual precisamos de novas fontes de energia”**

Por que o senhor diz que o pico da globalização ocorreu quando o preço do petróleo atingiu seu recorde histórico? A globalização, que nasceu com o aumento do poder de consumo dos americanos e fomentou a prosperidade mundial, entrou em declínio. A falha da globalização é ter sido fundamentada na premissa de que a energia é barata. O preço baixo dos combustíveis fez com que os países ricos começassem a movimentar uma enorme quantidade de capital para fabricar seus produtos em lugares distantes, como China e Índia. Com isso, um terço da população mundial, que antes não consumia, começou a fazê-lo. Surgiu uma nova classe média global. Só nos últimos cinco anos, o hiperconsumo quadruplicou o preço do petróleo. A globalização tornou-se insustentável do ponto de vista econômico e ambiental. Com os recursos naturais de que dispõe, o planeta é capaz de abrigar apenas 200 milhões de pessoas com o estilo de vida de um cidadão americano.

Como convencer os governos e os investidores a aplicar dinheiro numa mudança radical de matriz energética sem garantia de que ela será bem-sucedida? Investir no futuro não significa descuidar-se do presente nem cometer um suicídio econômico. É necessário adotar a estratégia dos dois trilhos de trem. Por um lado, diminuem-se o desperdício dos combustíveis fósseis e das centrais nucleares e seus respectivos danos ambientais. Simultaneamente, deve haver investimentos públicos e privados maciços na produção de combustíveis renováveis, no hidrogênio, em construções verdes e em redes de distribuição de energia inteligentes. É preciso ter em mente que essa transição levará décadas. Pode durar todo o século XXI. Um bom exemplo vem dos Estados Unidos. O novo presidente, Barack Obama, pretende ajudar o setor automobilístico, responsável pela geração de 3 milhões de empregos no país, a curto e longo prazo. Haverá um pacote emergencial, no qual serão destinadas dezenas de bilhões de dólares para as

empresas à beira da falência. O dinheiro não servirá apenas para a recuperação das fábricas de carros. Parte dele deverá ser aplicada em novas tecnologias. Além do pacote, o novo presidente anunciou investimentos em sistemas de fontes renováveis. Os trilhões de dólares que estão sendo injetados na economia por diversos países funcionam como os aparelhos que mantêm vivo um paciente em coma. É preciso transformar e revitalizar a economia global.

O que já foi feito de eficaz em direção à revolução energética? A Alemanha e a Espanha já avançaram muito nessa questão. Parar é o maior erro que os dois países poderiam cometer agora. Quem salta e pára no meio do salto cai. O próximo passo é atingir a chamada meta 20-20-20, proposta pela União Européia. Isso significa aumentar em 20% a eficiência das energias tradicionais, diminuindo o desperdício, reduzir em 20% a emissão de gases do efeito estufa e transformar o sistema de energia de forma a ter 20% de toda a produção a partir de fontes renováveis. Se isso acontecer, em dez anos um terço da energia elétrica da Europa virá do vento, do sol e dos mares. Na Alemanha, o sistema de fornecimento de gás acumulava um desperdício de cerca de 60%. Para diminuir a perda, o governo colocou em algumas usinas sistemas para estocar a energia desperdiçada, na forma de hidrogênio, em baterias. Hoje, perde-se menos de um décimo da energia produzida nessas usinas.

Quais barreiras tecnológicas precisam ser superadas para adotar amplamente as energias renováveis no mundo? As energias renováveis estão disponíveis em todo lugar no planeta. Do país mais pobre ao mais rico, todo mundo tem em torno de si a energia de que precisa. O sol brilha, o vento sopra e temos calor embaixo dos pés, porque nosso planeta é quente. Temos lixo aos montes para queimar. A maioria da população mundial vive em áreas costeiras e tem a energia das ondas à disposição. No entanto, com a tecnologia atual, as fontes renováveis não podem ultrapassar 20% do total da matriz energética. Acima desse porcentual, elas danificam a rede elétrica tradicional, porque a produção não tem regularidade. O sol e o vento variam conforme o dia. Como não há um sistema de armazenamento eficaz para os períodos de alta produção, a energia excedente entra na rede e provoca panes. Por enquanto, a única forma de estocar esse tipo de energia é armazenar o excesso em baterias. A maioria das baterias é feita de lítio, o que pode ser outro problema no futuro.

> **“O futuro está na internet da energia, redes de distribuição que reproduzem no sistema energético a interatividade do mundo virtual, com comunicação imediata entre produtores e consumidores”**

Por que o fato de a maioria das baterias ser feita de lítio pode vir a ser um problema? As baterias com essa substância são também a principal aposta da indústria automobilística para mover os carros elétricos. Se não tomarmos cuidado, passaremos da dependência dos combustíveis fósseis para a dependência do lítio. As reservas de lítio, assim como as de petróleo, são limitadas e estão em poucos lugares do planeta. A maior parte delas está localizada nos Andes, principalmente no Chile. O presidente boliviano Evo Morales anunciou, em março, a exploração de reservas de lítio em seu país. É provável que a Bolívia vire uma grande produtora de lítio nas próximas décadas. O risco é dependermos de alguns poucos países para extrair o lítio, o que pode provocar novos imbróglios geopolíticos.

O que fazer para que não se repita o erro de depender de poucos países para obter energia? A solução é modificar a forma de distribuição de energia. Na verdade, essa mudança é a grande revolução energética. A cultura do petróleo foi fundamentada em uma infra-estrutura centralizada, formada por grandes centros produtores. Para as renováveis darem certo, é preciso fazer o que chamo de a internet da energia. Nos últimos dez anos passamos por uma grande revolução nas comunicações, com o computador pessoal, a telefonia móvel, a internet, os serviços de satélite e as redes sociais. Tudo isso tem de ser aplicado ao setor energético, para que se obtenha uma rede inteligente e livre de monopólios. As novas energias devem funcionar de forma integrada, com comunicação imediata entre produtores e consumidores. Essa será a base da terceira revolução industrial.

Como a internet da energia funcionaria na prática? Grandes empresas de informática, como a IBM, têm projetos de softwares para a criação de redes inteligentes de distribuição de energia. Esses softwares reproduzem no sistema energético a interatividade do mundo virtual. Há até um cálculo para o custo da implantação de redes desse tipo na Europa. Antes, porém, é preciso superar o obstáculo de integrar as antigas energias com as novas.

Quem está na frente na corrida pelo novo cenário energético mundial? A Europa está na liderança. Não foi a China, a Índia nem os Estados Unidos que impuseram sobre o cenário mundial o vínculo entre a luta pela defesa do clima e a inovação tecnológica. O continente sempre foi um berço de grandes idéias. A revolução verde já está plantada ali. ■

vivo

Neste Natal, quem é Vivo Pós fala até 10x mais.

- São 10x os minutos do plano em ligações locais para Vivo durante 6 meses.
- Cadastre-se grátis pelo site www.vivo.com.br/natal ou ligue *9000 do seu celular.

SAMSUNG

E pode ouvir sua banda preferida num celular Samsung.

Samsung F275
- Duplo slider com som de alta qualidade
- MP3 player com cartão de 1 GB e rádio FM com reconhecimento de música
- Câmera de 2.0 megapixels

Conteúdo exclusivo Rolling Stones

Samsung E215
- Câmera digital
- MP3 player e gravação de vídeo
- Rádio FM integrado

Conteúdo DJ Marky

Samsung F250
- MP3 player com cartão de 512 MB
- Câmera de 1.3 megapixel com gravação de vídeos
- Tecnologia Bluetooth® estéreo

Conteúdo Paula Toller, O Rappa e DJ Marky

vivo Sinal de qualidade.

Consulte o regulamento da promoção "Até 10x Vivo Pós" em www.vivo.com.br/natal. Promoção válida de 17/11/2008 a 12/1/2009 para os planos participantes, mediante cadastro e pagamento de taxa única de R$ 19,90 (promocionalmente gratuita). A partir do Vivo Escolha 350 o bônus mensal é de 2.000 minutos. Bônus válidos em ligações locais para qualquer Vivo (exceto Vivo MG) e consumidos após os pacotes contratados. Oferta sujeita a permanência mínima de 6 meses (conforme condições contratuais). Ofertas sujeitas a análise de crédito. Aparelhos GSM Vivo só funcionam com Vivo Chip. Consulte sobre disponibilidade dos serviços GSM em sua cidade. Imagens meramente ilustrativas.

O iPhone que você estava esperando.

iPhone 3G

Agora nas lojas e na rede 3G com a qualidade da Vivo.

Consulte oferta em www.vivo.com.br/iphone

Apresentamos o iPhone 3G. Com rápida tecnologia 3G sem fio, mapas com GPS, suporte a funções corporativas, como Microsoft Exchange e a nova App Store, o iPhone 3G coloca ainda mais funcionalidades na palma da sua mão. E, assim como o primeiro iPhone, ele combina três produtos em um: um telefone revolucionário, um iPod com widescreen e um avançado aparelho com internet, e-mail com HTML rico e navegação em toda a web. O iPhone 3G, mais uma vez, demarca os padrões de funcionalidade de um celular.

TM & © 2008 Apple Inc. All rights reserved. Oferta do aparelho sujeita a disponibilidade de estoque. Consulte sobre disponibilidade dos serviços 3G da Vivo em www.vivo.com.br.

vivo

Para acesso à internet e e-mails é necessária conexão Wi-Fi ou contratação de um pacote de dados da operadora. Aparelhos Vivo GSM funcionam apenas com Vivo Chip. Imagens ilustrativas.

Luft
Lya

Acreditar no Natal

Acreditei em Papai Noel por muitos anos. Menina do interior com a fantasia sempre a mil, ele fazia parte das minhas histórias encantadas. Até uns 7 anos de idade, eu também acreditava na cegonha e no coelho da Páscoa. Quando o pôr-do-sol tingia o céu, diziam-me que os anjinhos começavam a assar aqueles biscoitos de Natal que se faziam em todas as casas da pequena cidade. Trovoadas de começo de verão eram São Pedro arrastando os móveis para a fábrica de brinquedos ter mais espaço.

Na antevéspera de Natal, um recanto da sala era ocultado por lençóis estendidos, e ali atrás ocorria o milagre: na noite de 24, com o coração saltando de ansiedade, a gente escutava sininhos como que de prata: era hora. Levada pela mão da mãe ou do pai, eu entrava na sala, de onde os lençóis tinham sido removidos, e lá estava ela: a árvore de Natal, toda luz de velas, toda cor de esferas, e embaixo os presentes. Muitíssimo menos dos que se dão hoje às crianças, mas havia presentes. Cantávamos canções natalinas, todo mundo se abraçava, depois abríamos os pacotes e comíamos a ceia. No dia seguinte, chegavam tios, primos, alguns amigos. Era só isso, sem alarde, mas com emoção. Guardei a sensação de que Natal é fraternidade, é reconciliação, é alegria de estar junto, é a chegada de pessoas queridas, é o tempo da família. Para quem não a tem, é o tempo dos amores especiais. Não éramos particularmente religiosos, mas uma de minhas avós, luterana convicta, na manhã seguinte me levava à igrejinha, onde eu gostava de cantar. Algo de muito bom se comemorava nesse tempo, o nascimento de Cristo e a esperança dos povos. Nem tudo seria guerra e perseguição, pobreza, crueldade, injustiça.

"Acreditar em Papai Noel, em anjos, em famílias amorosas ou amigos fiéis, em governantes mais justos e líderes mais capazes — em alguma coisa a gente acaba sempre acreditando"

As pessoas se queixam muito de que o Natal hoje é só comércio. Depende de quem o comemora. Se me endivido por todo o próximo ano comprando presentes além de minhas possibilidades, pois no fundo acho que assim compro amor, estou transformando o meu Natal num comércio, e dos ruins. Se entro nesses dias frustrado porque não pude comprar (ou trocar) carro, televisão, geladeira, estou fazendo um péssimo negócio para minha alma. E, se não consigo nem pensar em receber aquela sogra sempre crítica, aquele cunhado cínico, aquele sobrinho malcriado, abraçar o detestado chefe ou sorrir para o colega que invejo, estou transformando meu Natal num momento amargo. Então, depende de nós. Claro que há as tragédias, as fatalidades, doença, morte, desemprego, alguma maldade — essas não faltam por aí. Um avô meu morreu de doença muito dolorosa, na véspera de Natal. Foi a primeira vez que vi um adulto, minha avó, chorando. Há poucos anos, minha mãe morreu na antevéspera de Natal, depois de longuíssimo tempo de uma enfermidade maldita. Mas foram também ocasiões de conforto e consolo, abraço, amor e entendimento.

Na medida em que não se podem dar muitos e caríssimos presentes, talvez até se apreciem mais coisas delicadas como a ceia, o brinde, o carinho, os votos, a reunião da família, o contato emotivo com os amigos, mensagens pelo correio ou e-mail, música menos barulhenta e aroma de velas acesas. Mais que tudo isso, o perfume de uma esperança ainda que realista. A crise nas finanças pode incrementar a valorização dos afetos. Se não pudermos viajar, curtiremos mais nossa casa. Se não há como trocar velhos objetos, vamos cuidar mais dos que temos. Se não podemos comprar o primeiro carro, vamos olhar melhor nossos companheiros no metrô. Vamos curtir mais nossos ganhos em afeto.

Não é preciso ser original para escrever sobre o Natal. A gente só quer que ele seja tranqüilo e gostoso, e que nos faça acreditar: em Papai Noel, em anjos, em famílias amorosas ou amigos fiéis, em governantes mais justos e líderes mais capazes, em um povo mais respeitado — em alguma coisa a gente acaba sempre acreditando. Porque, afinal de contas, é a ocasião de ser menos amargo, menos crítico, menos lamurioso e mais aberto ao sinal deste momento singular, que tanto falta no mundo: a possível alegria, e o necessário amor.

LYA LUFT
é escritora

ILUSTRAÇÃO ATÔMICA STUDIO

Próximo e Forte

Trabalhamos todos os dias para ser o Melhor Banco do Mundo para nossos 80 milhões de clientes, 170 mil funcionários e 2,8 milhões de acionistas*.

Um banco sólido que está sempre ao seu lado.
Junte-se a nós.

SANTANDER
WORLD'S
BEST
BANK
EUROMONEY
2008
Awards for excellence

*Incluindo Banco Real, Alliance & Leicester e os depósitos de Bradford & Bingley.

Santander

O VALOR DAS IDÉIAS

santander.com.br

EDITORA Abril

Fundador: VICTOR CIVITA
(1907-1990)

veja

Às Suas Ordens

■ ASSINATURAS

Serviço de Vendas de Assinaturas (S.V.A.)
Ligue Grátis: **0800-7752828**
Grande São Paulo **(11) 3347-2121**
De segunda a sexta, das **8 às 22 horas.** Sábado, das **9 às 16 horas.**

Internet: **www.assineabril.com**
Fax: **(11) 5087-2100**

Serviço de Atendimento ao Cliente (S.A.C.) (Para renovar, mudança de endereço, troca de forma de pagamento e outros serviços):

Ligue Grátis: **0800-7752112**
Grande São Paulo **(11) 5087-2112**
De segunda a sexta, das **8 às 22 horas.**

Internet: **www.abrilsac.com**

■ EDIÇÕES ANTERIORES

Venda exclusiva em bancas, pelo preço de capa vigente. Solicite seu exemplar na banca mais próxima de você.

■ REPRINTS EDITORIAIS

Você pode solicitar reimpressões das melhores reportagens de VEJA com a capa da edição (mínimo de 500 cópias).

Fax: **(11) 3037-5101**

E-mail: **reprint.veja@abril.com.br**

■ LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO

Para adquirir os direitos de reprodução de textos e imagens de VEJA, acesse

www.conteudoexpresso.com.br

ou ligue para: **(11) 3089-8853.**

■ PARA ANUNCIAR

ligue **(11) 3037-5748/4610**

e-mail: **publicidade.veja@abril.com.br**

■ PROGRAMA *VEJA NA SALA DE AULA*

Para conhecer melhor:
www.vejanasaladeaula.com.br

Para assinar ligue grátis:
0800-7752828
Grande São Paulo:
(11) 3347-2121
De segunda a sexta, das 8 às 20 horas. Sábado, das 9 às 16 horas.

■ NA INTERNET

http://www.veja.com.br

■ TRABALHE CONOSCO

www.abril.com.br/trabalheconosco

Presidente e Editor: Roberto Civita
Vice-Presidente Executivo: Jairo Mendes Leal
Conselho Editorial: Roberto Civita (Presidente), Thomaz Souto Corrêa (Vice-Presidente), José Roberto Guzzo
Diretor de Assinaturas: Fernando Costa
Diretora de Mídia Digital: Fabiana Zanni
Diretor de Planejamento e Controle: Auro Luís de Iasi
Diretora Geral de Publicidade: Thais Chede Soares
Diretor Geral de Publicidade Adjunto: Rogerio Gabriel Comprido
Diretor de RH e Administração: Dimas Mietto
Diretor de Serviços Editoriais: Alfredo Ogawa

Diretor Comercial e Administrativo: Claudio Ferreira

veja

Diretor de Redação: Eurípedes Alcântara
Redator-Chefe: Mario Sabino
Editores Executivos: Carlos Graieb, Jaime Klintowitz, Marcio Aith, Vilma Gryzinski **Editores:** Carlos Rydlewski, Diogo Xavier Schelp, Fábio Portela Savietto, Felipe Patury, Giuliano Guandalini, Isabela Boscov, Julio Cesar de Barros, Karina Pastore, Lizia Bydlowski, Monica Weinberg, Okky de Souza, Thaís Oyama **Editores Especiais:** Lauro Jardim, Roberto Pompeu de Toledo **Subeditores:** Anna Paula Buchalla, Gabriela Carelli, Jerônimo Teixeira, Marcelo Marthe **Editores Assistentes:** Camila Pereira, Eduardo Gracioli Teixeira, Isabel Moherdaui, Thomaz Favaro **Repórteres:** Adriana Dias Lopes, Benedito Sverberi, Cíntia Cancian Borsato, Juliana Linhares, Kalleo Coura, Laura Diniz, Leandro Narloch, Marcos Todeschini, Naiara Magalhães do Carmo, Paula Neiva, Raquel Salgado, Roberta de Abreu Lima, Sandra Brasil, Sérgio Martins **Sucursais:** ***Belo Horizonte*** **- Chefe:** Policarpo Junior **Editor:** Alexandre Oltramari **Repórteres:** Diego Escosteguy, Expedito Filho, Otávio Cabral ***Porto Alegre*** **-** Igor Paulin ***Rio de Janeiro*** **- Chefe:** Lucila Teixeira Soares **Editor:** Ronaldo França **Repórteres:** Marcelo Bortoloti, Ronaldo Soares, Silvia Rogar ***Salvador*** **-** Leonardo Coutinho ***Nova York*** **- Correspondente:** André Petry **Checadores - Chefe:** Rosana Agrella Silveira, Andressa Tobita, Eny Elisa Souto Caldo, Renata de Oliveira, Simone Aparecida Costa **Fotografia - Editora Visual:** Gilda Castral **Coordenador:** Alexandre Reche **Fotógrafos:** ***Rio de Janeiro*** **-** Oscar Cabral ***Brasília*** **-** Ana Araújo **Pesquisa:** Paulo José Bianchi (coordenador) Ana Paula Galisteu, Gilson de Souza Passos, Ismael Carmino Canosa **Diretor de Arte:** Carlos Neri **Editor de Arte:** Reinaldo Antunes de Moura **Designers:** Daniel Marucci, Edson Diogo, Eduardo Lunghin Junior, Leonardo Eichinger, Marcos Vinícius Rodrigues, Mario José Carvalho, Maurício Cioffi, Tadeu Nogueira **Infografia - Editora:** Andreia Caires **Infografistas:** Adriano Pádua Pidone, Alexandre Akermann, André L. Araujo de Oliveira, Ewerton dos Santos Gondari, Wander Moreira Mendes **Produção Editorial: Supervisores de Editoração/Revisão:** Clara Baldrati, Felice Morabito, Jô de Melo, Marcos Prestes **Secretários de Produção:** Ana Faustino, Júlio Yamamoto, Shirley Souza Sodré, Vera Fedschenko **Coordenadores:** Marcelo Silvestre dos Santos, Marco Antonio Alvarez Salvador, Ricardo Horvat Leite **Revisão:** Ana Elisa Camasmie, André Luís Porto Araújo, Célia Regina Arruda, Célia Regina Rodrigues de Lima, Elvira Gago, Jorge Roberto Pinheiro Cotrin, Marina de Souza, Selma Corrêa, Sergio Campanella, Valquíria Della Pozza **Supervisor de Tratamento de Imagem:** Danilo A. Ferreira **Preparadores Digitais:** Eduardo Henrique Conde Salomão, Edval Vilas Boas, Fabio Martins Makiyama, Oliveira Figueiredo Jr., Ricardo Ferrari, Roberta de Donno, Rubens Antonio Melo de Paula, Silvio Felix **Atendimento ao Leitor:** Eduardo Tedesco, Loraine Gonçalves dos Santos **Estagiários:** Carlos Giffoni, Carolina Romanini, Eduardo Lopes, Jacqueline Manfrin, Mariana Lemos Amaro, Renata Abo Arrage Betti, Renata Pereira Moraes, Rafael Machado de Oliveira (RJ) **Colaboradores:** Claudio de Moura Castro, Diogo Mainardi, Lya Luft, Millôr Fernandes, Reinaldo Azevedo e Stephen Kanitz **VEJA.COM - Editor Executivo:** Roberto Gerosa **Editora:** Katia Perin **Repórteres:** Giancarlo Lepiani, Isadora Pamplona, Jadyr Magalhães Pavão Jr., Paulo Celso Pereira, Raquel Hoshino, Silvio Nascimento **Estagiários:** Carolina de Gama Farina, Érica Pontes de Faria, Marina Dias **Webmasters:** Adriano Ramos de Oliveira, Ana Azevedo, Dalva Azevedo **Webdesigner:** Alexandre Hoshino **Assistente:** Andre Fuentes **Arte e Imagens:** Alexandre Ortiz Ramos **Serviços Internacionais:** Alcir N. da Silva (Nova York), Rogério Altman (Paris), Associated Press/Agence France Presse/Reuters

www.veja.com.br

SERVIÇOS EDITORIAIS

Apoio Editorial: Carlos Grassetti (Arte), Luiz Iria (Infografia) **Apoio Técnico e Difusão:** Bia Mendes **Dedoc e Abril Press:** Grace de Souza **Treinamento Editorial:** Edward Pimenta

PUBLICIDADE CENTRALIZADA Diretores: Marcos Peregrina Gomez, Mariane Ortiz, Robson Monte, Sandra Sampaio **Diretor de Publicidade Regional:** Jacques Baisi Ricardo **Diretor de Publicidade Rio de Janeiro:** Paulo Renato Simões **Gerente:** Cristiano Rygaard **Executivos de Negócios:** Beatriz Ottino, Caroline Platilha, Henri Marques, José Rocha, Rodolfo Garcia e Samara Sampaio de O. Reijnders **PUBLICIDADE VEJA Diretora:** Selma Souto **Gerentes de Vendas:** Adriano Chrisostomo, João Paulo Pizarro (SP), Andrea Veiga, Edson Melo (RJ) **Executivos de Negócio:** Aílze Cunha, Alexandre Resende, Ana Paula Teixeira, Daniela Serafim, Eliane Pinho, Emiliano Hansenn, Fernando Pompeu, José Castilho, Juliana E. Leonardo, Karine Thomaz, Leda Costa, Lucia Veiga, Luciano Almeida, Luciene Ribeiro, Marcelo Cavalheiro, Marcelo Pezzato, Marcia Mittermayer, Marcia Torres, Marcio Bezerra, Maria Angelica Gois, Maria Lucia Strotbek, Pedro Bonaldi, Renata Mioli, Rodrigo Toledo, Selma Costa, Silzer Daghi, Sueli Fender, Sueli Mello, Susana Vieira, Thiago Ricco, Vanessa Ferreira, Viviane Martos **Coordenador:** Airton Soré (SP) **Planejamento, Controle e Operações: Gerente:** José Paulo Rando **Processos:** Luís Augusto Castex **Controle e Gestão:** Mirtes C. A. Santos **MARKETING E CIRCULAÇÃO: Diretor de Marketing Publicitário:** Ricardo Packness de Almeida **Gerente de Eventos:** Sandra Galli **Diretora de Marketing Leitor:** Simone Sousa **Gerente de Circulação Assinaturas:** Marcia Simone Donha **Gerente de Circulação Avulsas:** Andréa Abelleira **Gerente de Publicações:** Angelica Garcia **ASSINATURAS Diretor de Atendimento e Relacionamento com o Cliente:** Fabian S. Magalhães **Operações de Atendimento ao Consumidor:** Malvina Galatovic **RH: Diretora:** Claudia Ribeiro **Consultora:** Marizete Ambran

Em São Paulo: Redação e Correspondência: Av. das Nações Unidas, 7221, 19º andar, Pinheiros, São Paulo, SP, CEP 05425-902, tel. (11) 3037-2000 **Publicidade São Paulo** www.publiabril.com.br **Classificados** 0800-701-2066, Grande São Paulo tel. (11) 3037-2700 **ESCRITÓRIOS E REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE NO BRASIL:** Central-SP tel. (11) 3037-6564; **Bauru** Gnottos Mídia Representações Comerciais, tel. (14) 3227-0378; **Belém** Midiasolution Belem, tel. (91) 3222-2303; **Belo Horizonte Escritório** tel. (31) 3282-0630; Triângulo Mineiro F&C Campos Consultoria e Assessoria Ltda., tel. (16) 3620-2702; **Blumenau** M. Marchi Representações, tel. (47) 3329-3820; **Brasília** Escritório tel. (61) 3315-7554, Representante Carvalhaw Marketing Ltda., tel. (61) 3426-7342; **Campinas** CZ Press Com. e Representações, tel. (19) 3251-2007; **Campo Grande** Josimar Promoções Artísticas Ltda., tel. (67) 3382-2139; **Cuiabá** Agronegócios Representações Comerciais, tel. (65) 8403-0616; **Curitiba** Escritório tel. (41) 3250-8000, Representante Via Mídia Projetos Editoriais Mkt. e Repres. Ltda., tel. (41) 3234-1224; **Florianópolis** Interação Publicidade Ltda., tel. (48) 3232-1617; **Fortaleza** Midiasolution Repres. e Negoc. tel. (85) 3264-3939; **Goiânia** Middle West Representações Ltda., tel. (62) 3215-5158; **Manaus** Paper Comunicações, tel. (92) 3656-7588; **Maringá** Atitude de Comunicação e Representação, tel. (44) 3028-6969; **Porto Alegre** Escritório tel. (51) 3327-2850, Representante Print Sul Veículos de Comunicação Ltda., tel. (51) 3328-1344; **Recife** MultiRevistas Publicidade Ltda., tel. (81) 3327-1597; **Ribeirão Preto** Gnottos Mídia Representações Comerciais, tel. (16) 3911-3025, **Rio de Janeiro** tel. (21) 2546-8282; **Salvador** AGMN Consultoria Public. e Representação, tel. (71) 3311-4999 **Vitória** Zambra Marketing Representações, tel. (27) 3315-6952

PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL: Almanaque Abril, Ana Maria, Arquitetura e Construção, Atividades, Aventuras na História, Boa Forma, Bons Fluidos, Bravo!, Capricho, Casa Claudia, Claudia, Contigo!, Disney, Elle, Estilo, Exame, Exame PME, Frota S/A, Gloss, Guia do Estudante, Guias Quatro Rodas, Info Corporate, Info, Loveteen, Manequim, Manequim Noiva, Men's Health, Minha Novela, Mundo Estranho, National Geographic, Nova, Placar, Playboy, Quatro Rodas, Recreio, Revista A, Revista da Semana, Runner's World, Saúde!, Sou Mais Eu!, Superinteressante, Tititi, Veja, Veja Rio, Veja São Paulo, Vejas Regionais, Viagem e Turismo, Vida Simples, Vip, Viva! Mais, Você S/A, Women's Health **Fundação Victor Civita:** Nova Escola

VEJA 2 092 (ISSN 0100-7122), ano 41/nº 51. Veja é uma publicação semanal da Editora Abril S/A. **Edições anteriores:** Venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **VEJA** não admite publicidade redacional.

INTERNATIONAL ADVERTISING SALES REPRESENTATIVES COORDINATOR FOR INTERNATIONAL ADVERTISING: UNITED STATES: Global Advertising, Inc. 218 Olive Hill Lane, Woodside, California 94062. World Media, 19 West 36th Street, New York, New York, 10018, tel.: 1-212-244-5610, fax: 1-212-213-8836, Charney/Palacios & Co. 5201 Blue Lagoon Drive, Suite 200, Miami, Florida 33126, tel.: 1-786-388-6340, fax: 1-786-388-9113 JAPAN: Shinano Internation, Inc., Akasaka Kyowa Bldg. 2F, 1-6-14, Akasaka, Minato-Ku, Tokyo 107-0052, tel.: 81-3-3584-6420, fax: 81-3-3505-5628 TAIWAN: Lewis Int'l Media Service Co. Ltd. Floor 11-14 Nº 46, Sec. 2 Tun Hua South Road Taipei, tel.: 02-707-5519, fax: 02-709-8348. **VEJA** is published weekly by EDITORA ABRIL S/A (av. Otaviano Alves de Lima, 4400, São Paulo, SP, CEP 02909-900, Brazil). A Yearly subscription abroad costs US$ 280. Except for Asia the subscription costs US$ 380. To subscribe call: 55-11-5087-2112, or write to: av. Otaviano Alves de Lima, 4400, São Paulo, SP, CEP 02909-900, Brazil.

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A. Av. Otaviano Alves de Lima, 4400, CEP 02909-900, Freguesia do Ó, São Paulo, SP

IVC FIPP ANER

Abril

Presidente do Conselho de Administração: Roberto Civita
Presidente Executivo: Giancarlo Civita
Vice-Presidentes: Arnaldo Tibyriçá, Douglas Duran, Marcio Ogliara, Sidnei Basile

www.abril.com.br

dentsu

Realize o seu desejo de Natal com CinemaOne.

Sistema de Home Cinema Compacto
(PICTS4000_55)

- **Home Cinema Compacto que reúne tudo em um só aparelho: DVD com saída HDMI (ideal para flat TV), dock para iPod, CD player, entrada USB e para TV e caixas de som e subwoofer integrados**

Preço à vista: R$ 1.299,00

O lançamento da Philips que parece ter vindo do espaço.

PHILIPS

OS SERVIÇOS FAST SHOP FAZEM TODA A DIFERENÇA PORQUE CUIDAM DE VOCÊ.

Instalação e Orientação de Uso[1]
Um serviço com instalação profissional para você aproveitar 100% da qualidade do seu produto.

Garantia Estendida[1]
Quando a garantia do fabricante acaba, a garantia da Fast Shop continua.

Entrega com Hora Marcada[1]
Você escolhe a melhor hora para a Fast Shop entregar a sua compra.

Televendas: (11) 3232-3100
Horário de atendimento: de segunda a sexta das 8 às 22 horas. Sábados, domingos e feriados das 10 às 19 horas.

LOJAS FAST SHOP: São Paulo • Barueri • Belo Horizonte • Campinas • Curitiba • Guarulhos • Mogi das Cruzes • Niterói • Osasco • Porto Alegre • Ribeirão Preto • Rio de Janeiro • Salvador • Santo André

Garantimos a quantidade mínima de 10 unidades do produto ou até o término do estoque. Oferta válida somente para a data de hoje. Cartões de crédito aceitos: American Express, Aura, Credicard, Diners Club, Fast Shop Aura e Visa. Não aceitamos a forma de pagamento em cheque. [1]Consulte nossa equipe de vendas sobre preços e disponibilidades dos serviços Fast Shop: Instalação e Orientação de Uso, Garantia Estendida e Entrega com Hora Marcada. O serviço Entrega com Hora Marcada é válido somente para a praça de São Paulo. Fotos meramente ilustrativas. Ficam ressalvadas eventuais retificações da oferta aqui veiculada.

A sustentabilidade tem três elos, o logotipo do Unibanco tem três elos. E estamos nos esforçando para que isso não seja apenas uma feliz coincidência.

A sustentabilidade é um conceito formado por três pilares interdependentes, três elos unidos, como os que formam o logotipo do Unibanco. Econômico, social e ambiental. Para uma empresa buscar a sustentabilidade, ela precisa estar atenta a todos eles. No elo econômico, o Unibanco criou linhas de crédito sustentável para empresas que investem em tecnologias e processos sustentáveis. No elo social, foi o primeiro banco privado brasileiro a investir no microcrédito, que dá a pequenos empreendedores o acesso ao crédito que eles precisam para crescer e prosperar. No ambiental, administra a Usina Bandeirantes, que transforma lixo em energia limpa e abastece os escritórios do banco. E esses são apenas alguns dos muitos projetos do Unibanco. Porque a sustentabilidade se constrói passo a passo. Elo a elo. Vamos construir juntos?

Acesse o site de sustentabilidade do Unibanco e saiba mais:
www.unibanco.com.br – Sustentabilidade

F/NAZCA 565

Leitor

Assuntos mais comentados
Amor, drogas e morte (capa) – 78
Diogo Mainardi – 32
Claudio de Moura Castro – 26
Carta ao Leitor – 25
Acervo Digital – 19

Sexo, drogas e overdose

A paixão pela pessoa errada não é nenhuma novidade na vida do ser humano. "O coração é mesmo sem juízo", diz o verso de uma canção romântica. Entretanto, é necessário, principalmente às mulheres maduras, agir com um pouco de racionalidade quando o cupido invadir o coração. O homem mais jovem vê a mulher mais velha como mãe ou tutora, com raríssimas exceções. O olhar dele estará sempre fora do relacionamento, voltado para outras mais jovens. Quando a mulher madura é poderosa financeiramente, a situação torna-se ainda mais delicada ("Escândalo, pó e morte", 17 de dezembro).

MARIA DAS GRAÇAS PEIXINHO MONTEIRO
Feira de Santana, BA

Paixões fulminantes não afetam somente senhoras de "meia-idade". A prova está na paixão igualmente tresloucada e avassaladora vivida por Fernanda, jovem e bela, ela mesma integrante do triângulo amoroso dessa novela, na qual parece que falta amor e sobram dor, drogas e traição. A vida é mais inverossímil do que as novelas, em que diretores e produtores dirigem o destino dos protagonistas.

MARIA DAS GRAÇAS TARGINO
Teresina, PI

A Polícia Militar do Rio de Janeiro levou a sério a proposta do governador Sérgio Cabral de legalizar a venda de drogas. Policial fardado no exercício da função em veículo oficial vendendo pó!

WALDEMAR ROLIM FILHO
João Pessoa, PB

Carta ao Leitor

Confesso que fiquei um pouco decepcionado com a escolha da capa, que, a meu ver, não apresenta o vigor editorial necessário para tanto destaque em uma revista que visa a publicar informações de caráter cultural e na maioria das vezes não sensacionalista ("A corrida das notícias", 17 de dezembro).

GIL CEZAR ALKMIM TEIXEIRA
Ribeirão Preto, SP

"As drogas são a maior pandemia da vida moderna. Não há nada pior para uma família do que ter um ente querido envolvido em tal situação."

CARLOS FABIAN SEIXAS DE OLIVEIRA
Campos dos Goytacazes, RJ

Fundo do poço *Marcelo Silva e Fernanda Cunha: sexo, drogas e overdose*

TONY ANDRADE/AG. O GLOBO

Acredito que as ações inéditas do governo para estimular o consumo ou a discussão sobre o poder do Google na maior via de comunicação do planeta são assuntos muito mais significativos do que a morte de Marcelo Silva. A escolha da capa de VEJA, na minha opinião, deveria ser orientada pelo grau de relevância do assunto no dia-a-dia dos brasileiros. A candidata escolhida para a edição passada talvez sirva para estampar publicações menos comprometidas, mas creio não estar à altura da revista mais importante do país.

LUIZ AUGUSTO PEREIRA
São Paulo, SP

Diogo Mainardi

Ao ler "E Machado virou circo..." (17 de dezembro), senti um alívio na alma. Diogo expressou em cada palavra o que eu gostaria de ter dito a todo o Brasil ao assistir à minissérie *Capitu,* da Rede Globo. Conseguiram avacalhar a obra de Machado de Assis. E, já que a série *Capitu* é Machado de Assis encenado por Orlando Orfei, eu incorporo Raul Gil e tiro o chapéu para você, Diogo Mainardi.

JULIANO ROMÃO
Birigüi, SP

Gostaria de fazer duas observações a respeito de artigo de Diogo Mainardi ("Cof, cof, cof...", 10 de dezembro). Primeira: o colunista de VEJA insinua ter havido um erro ortográfico no título de meu artigo "Expectadores da recessão", na *Folha de S.Paulo* de 2 de dezembro. Conforme o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa,* "espectador", com "esse" (do latim *spectatore),* é "1. Aquele que vê qualquer ato; testemunha. 2. Aquele que assiste a qualquer espetáculo". "Expectador", com "xis" (do latim *exspectatore),* é "aquele que tem expectativa, que está na expectativa", exatamente o sentido pretendido em meu artigo. Segunda: respeito a opinião do articulista sobre Keynes, keynesianismo e neoliberalismo. Mas é incorreto, além de agres-

TECHNOS

Qualidade em tudo

Neste Natal, dê um presente com estilo.

Rodrigo Hilbert usa ref.: VD57AD/1C

artplan

0S10BW/1P

4513AB/2M

6P29BB/0B

6P29BJ/4P

Conheça mais modelos em www.technos.com.br

www.fruthos.com.br

fruThos
Direto da fruta.

QUEREMOS AGRADECER A VOCÊ TUDO QUE A GENTE COLHEU ESTE ANO.

Em seu primeiro ano de vida, Fruthos já esteve presente em mais de 700 mil lares.* Para nós, é a maior recompensa pelo esforço e pela dedicação em oferecer sempre mais qualidade de vida e saúde para você.
E que, em 2009, você também relaxe e tome um Fruthos.

*Fonte: Nielsen HomeScan Mov'08 (Out/07–Set/08).

Prove também os sabores laranja e pêssego. Conheça nossa linha light nos sabores uva, pêssego, manga e maracujá.

Disponíveis nas embalagens de 200 ml e 1 l.

LEW'LARA\TBWA

sivo, o rótulo de "keynesiano em causa própria". A ferrovia Transnordestina é uma obra de grande importância para o Nordeste. Ela escoará 30 milhões de toneladas/ano de grãos, entre outros produtos, numa das regiões mais carentes do país, que tem terra fértil e índices pluviométricos satisfatórios.

BENJAMIN STEINBRUCH
São Paulo, SP

Claudio de Moura Castro

Como sempre, Claudio de Moura Castro não me surpreendeu com a abordagem que fez em "Aprovar quem não aprendeu?" (17 de dezembro). Seu artigo deveria ser encaminhado a todas as escolas públicas e privadas deste país, a todos os professores realmente comprometidos com a tarefa de educar e, especialmente, às instâncias formais vinculadas ao Ministério da Educação.

ANA CLÁUDIA VINHOLES SIQUEIRA LUCAS
Pelotas, RS

Somente quem acompanhou o ano escolar do filho e, por fim, sua dolorida reprovação sabe da importância das palavras de Claudio de Moura Castro. Sinto-me de alma lavada após ter lido esse artigo, por ter lutado até o fim pela não reprovação.

ROSANE DE ARAZÃO
Campinas, SP

Acervo Digital

Parabéns pela criação do Acervo Digital. Só uma organização como a Editora Abril/VEJA para se propor a um desafio desse porte. Nós, leitores, ficamos honrados com tamanha deferência.

PROCORIO ELVECIO PEREIRA
Jaraguá do Sul, SC

Obrigado e parabéns à equipe de VEJA pela disponibilidade total e irrestrita do Acervo Digital. Com visual bem trabalhado e ótima usabilidade, essa ferramenta certamente revolucionará a forma como pesquisamos e acessamos informações de nosso passado recente. Um grande abraço a todos da equipe pelos quarenta anos de existência de VEJA.

RODNEI REIS
Sacramento, MG

Duda Mendonça

O reconhecimento pela excelência dos serviços que prestamos é que propicia situações como a relação que hoje temos com o governo de São Paulo. Essa aproximação aconteceu como conseqüência de uma concorrência pública extremamente disputada pelas melhores e maiores agências do país, cujo objetivo era divulgar o ousado plano de expansão do transporte metropolitano sobre trilhos de São Paulo, vencida pela agência da qual faço parte. Do mesmo modo, atendemos ao governo federal por meio do Ministério da Saúde. No tocante à pessoa física de Duda Mendonça, vale ainda relembrar que nas últimas eleições municipais prestei serviços a candidatos de diversos partidos, entre eles o PT e o PSDB. "Ele quer ser tucano" (Holofote, 10 de dezembro).

DUDA MENDONÇA
São Paulo, SP

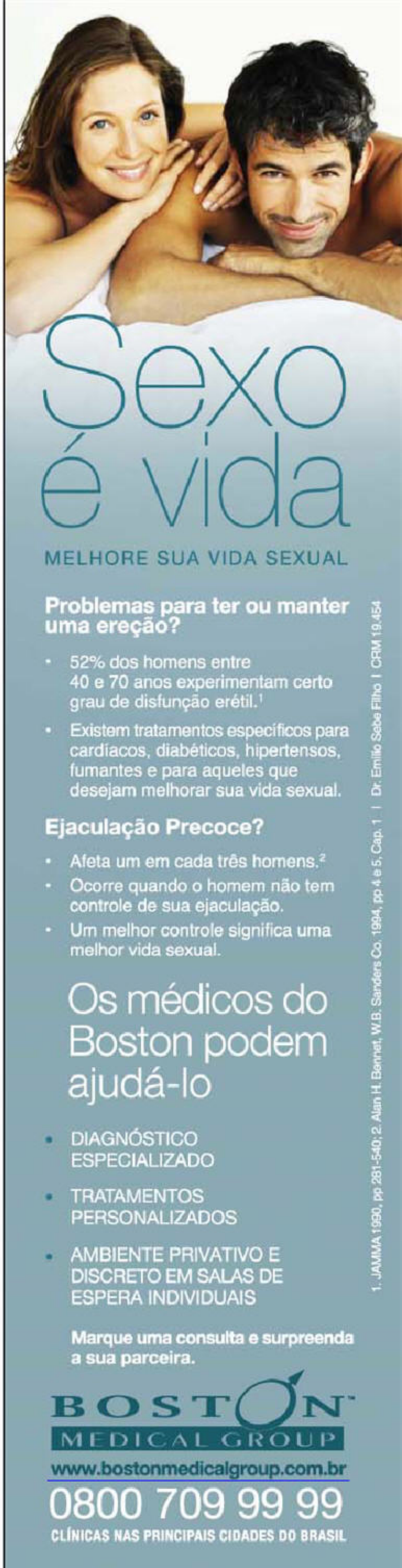
Nenê Constantino

A respeito da reportagem "Bilionário na delegacia", em que meu nome é citado na apuração de um crime ocorrido em outubro de 2001, gostaria de fazer alguns esclarecimentos: meu depoimento prestado na Divisão de Homicídios, em 4 de dezembro, em momento algum faz referência ou insinuação sobre os autores do crime. O senhor Wanderley Batista da Silva, citado pela polícia, foi meu colega de trabalho por quase 25 anos. Também não insinuei nem aleguei nada em relação ao senhor Nenê Constantino, avô de meus filhos, ou ao ex-governador Joaquim Roriz, a quem devo toda consideração e respeito. Por último, informo que compareci à delegacia de polícia no dia 5 de junho de 2008 apenas para relatar o atentado que sofri.

EDUARDO QUEIROZ ALVES
Brasília, DF

Correções: no texto sobre a Fazenda Capoava (edição especial "O Melhor do Brasil", pág. 52), o valor informado de 1 322 reais refere-se ao pacote de sexta a domingo, para casal. ■ Esclarecimento: a pílula Innéov Fermeté (da L'Oréal), citada no Guia de 17 de dezembro, não contém vitamina A, e sim vitamina C, portanto não tem como efeitos colaterais o ressecamento da pele e a queda de cabelo.

PARA SE CORRESPONDER COM A REDAÇÃO DE VEJA: as cartas para VEJA devem trazer a assinatura, o endereço, o número da cédula de identidade e o telefone do autor. Enviar para: **Diretor de Redação**, VEJA – Caixa Postal 11079 – CEP 05422-970 – São Paulo – SP; **Fax:** (11) 3037-5638; e-mail: **veja@abril.com.br.**
Por motivos de espaço ou clareza, as cartas poderão ser publicadas resumidamente. Só poderão ser publicadas na edição imediatamente seguinte as cartas que chegarem à redação até a quarta-feira de cada semana.



Mohallem Meirelles

"Epa, epa, não aperta esse botão.
Já falei para não mexer nisso."

Câmbio automático de 4 velocidades
com opção de trocas seqüenciais

"Coloquem o cinto."

Motor 2.0 L, 16 válvulas, 149 cv

"Papai, quero fazer xixi."

Freios a disco com ABS e EBD

- Vidros elétricos nas 4 portas
- Direção hidráulica
- CD/MP3 player com entrada auxiliar USB e para iPod, 4 alto-falantes, 2 tweeters e controle remoto no volante
- Computador de bordo
- Ar-condicionado digital
- Active Headrests – encostos de cabeça ativos
- Banco do motorista com ajustes elétricos
- Retrovisores elétricos com desembaçador
- Travamento elétrico central das portas e porta-malas
- Sensores de aproximação no pára-choque traseiro
- Abertura das portas e sistema antifurto acionados por controle remoto
- Porta-objetos nas 3 fileiras de bancos

5 anos Garantia

Garantia de 5 anos sem limite de quilometragem. Fotos ilustrativas.

CARENS

Mais conforto, mais espaço, mais um monte de coisas.

KIA

KIA MOTORS

O poder de surpreender

"Só vou se levar a Bia, o Jorginho e o Dudu!"

Espaço para 7 pessoas

"Buáá... Caiu meu sorvete..."

Bancos de couro

"Pai, amanhã vou pegar o carro, tá?"

6 air bags

Carens. Tem tudo que uma família precisa.

Espaço para 7 pessoas.

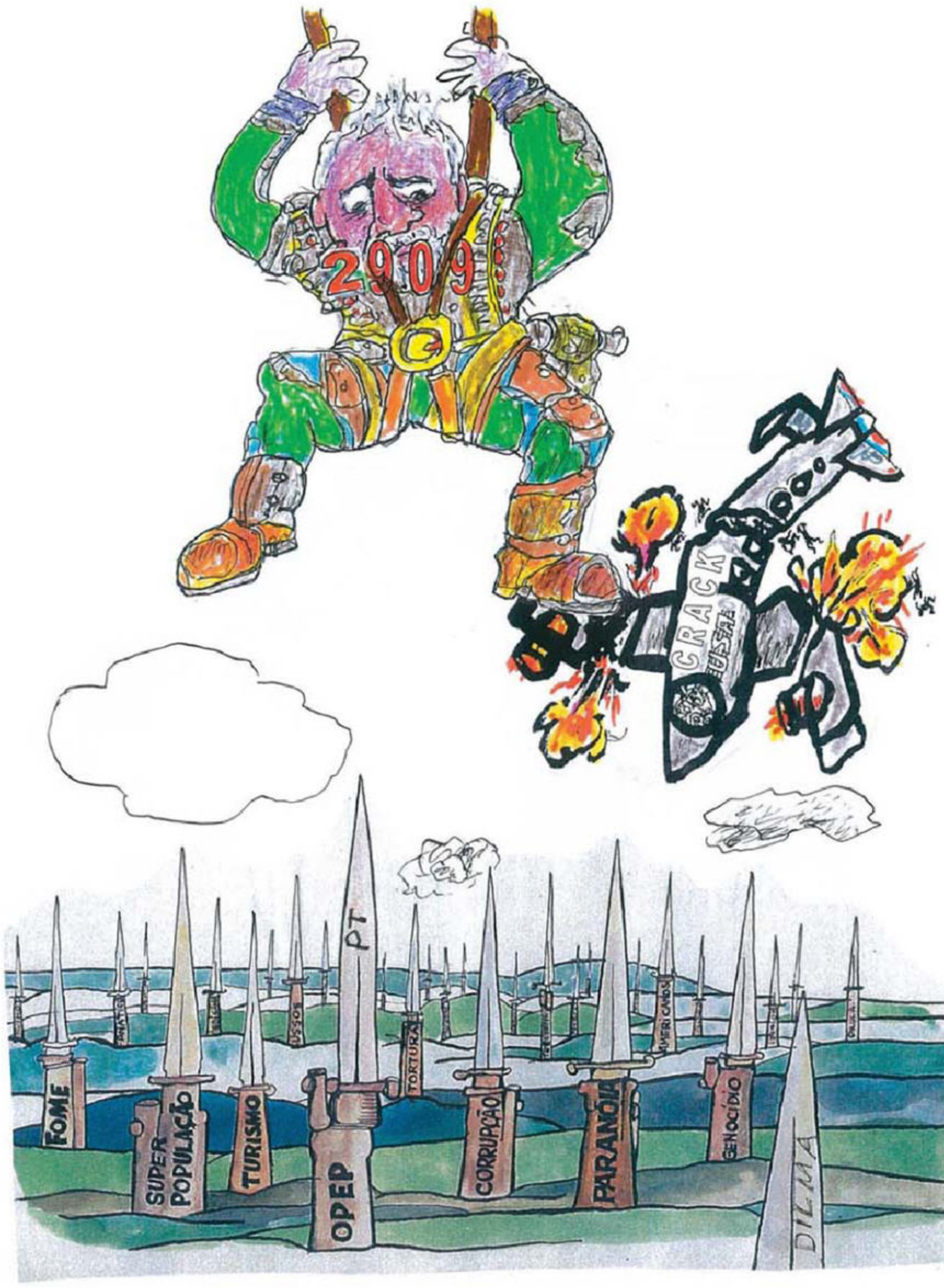
Carens EX 2.0 L completo

0800 77 11011

www.kia.com.br

IBAMA HOMOLOGADO

Enquanto isso, boas entradas



DM9 E DDB

"Antes, eu ficava esperando no castelo e nada do príncipe aparecer... Também, o desenho demorava horas pra carregar!"

Clara,
princesa de um reino distante.

"Sou outra depois do processador Intel® Core™ 2 Quad. Antes, eu demorava um tempão pra ficar bonita. Isso quando ficava..."

Fernanda Ferrary,
modelo.

O processador Intel® Core™ 2 Quad eleva a experiência de multitarefas*, multimídia* e jogos 3D* para um novo patamar.

Você merece um computador com Intel® Core™ 2 Quad.

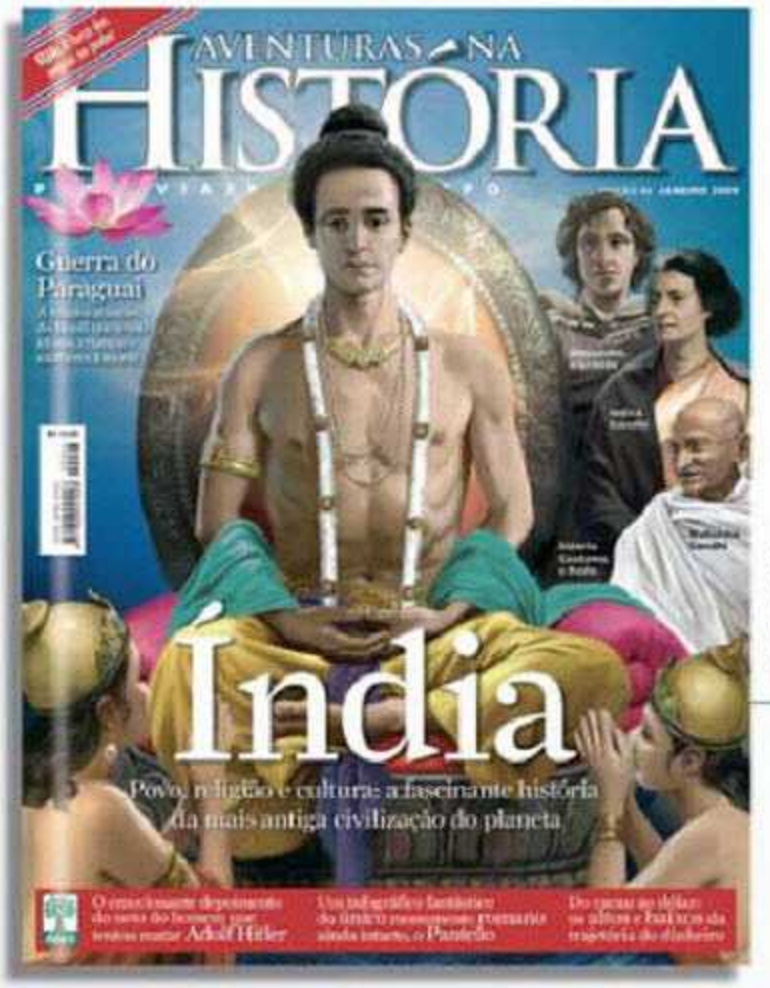
www.intel.com.br/eumereco

*2008 Intel Corporation. Intel, o logotipo Intel e Intel Core 2 Quad são marcas registradas da Intel Corporation ou de suas subsidiárias nos Estados Unidos e em outros países. Todos os direitos reservados. * Desempenho medido com base no TMPGEncoder Xpress* 4.4 otimizado para o Intel® HD Boost, comparando o processador Intel® Core™ 2 Quad Q9300 e o processador Intel® Core™ 2 Quad Q6600. Consulte o site www.intel.com/performance/desktop/dighome para ver mais informações. Desempenho baseado nos resultados de teste do Adobe Photoshop Lightroom*, comparando o processador Intel® Core™ 2 Quad Q9300 com o processador Intel® Core™ 2 Quad Q6600. Mais informações estão disponíveis no site www.intel.com/performance/desktop/dighome.

Nesta semana em todas as bancas

Confira as estratégias das maiores grifes de luxo nos países emergentes

A melhor revista de História do Brasil



A revista do homem

A maior revista de corrida do mundo, agora no Brasil

Não deixe de ler!

EDITORA Abril

EDITADO POR KATIA PERIN kperin@abril.com.br

BLOG
REINALDO AZEVEDO

Os perfeitos idiotas

Lula não é Chávez porque não pode, não porque não queira. Quem o impede são as instituições fortalecidas, que herdou de FHC e que não conseguiu, embora tenha tentado, enfraquecer. (Postado em 18/12)
http://veja.abril.com.br/blogs/reinaldo

PODCAST
DIOGO MAINARDI

Capitu traiu

Incerteza? Que incerteza? O romance só faz sentido com o adultério. Capitu traiu porque Machado de Assis, em *Dom Casmurro,* tinha um propósito: transmitir o legado de nossa miséria. (Postado em 17/12)
www.veja.com.br/diogomainardi

CENAS URBANAS
TONY BELLOTTO

Cidade dos velhos

A tendência, irreversível, é que sejamos cada vez mais um país de velhos. Veremos apenas a vida asséptica de senhores e senhoras pelas ruas, praças e praias. (Postado em 11/12)
www.veja.com.br/tonybellotto

BLOG DO VINHO
ROBERTO GEROSA

Férias e praia

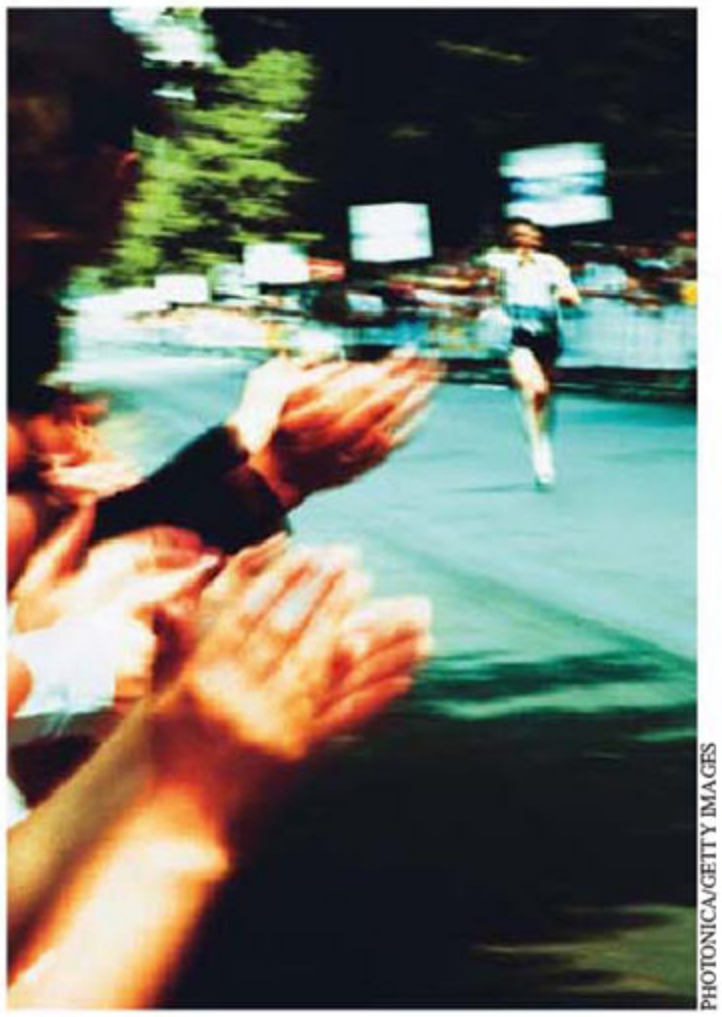
Nem todo programa precisa ter vinho. São férias, afinal... Bebe-se sem compromisso. (Postado em 16/12)
www.veja.com.br/vinho

O LEITOR PARTICIPA

CHEGADA
RENATO DUTRA

A vitória dos leitores

Em março deste ano, três leitores de VEJA concordaram em deixar o sedentarismo e encarar o desafio de começar a correr. Eles foram selecionados em mais de 900 e-mails enviados ao professor de educação física Renato Dutra, titular da coluna Chegada no site da revista. A proposta foi mostrar que nunca é tarde para iniciar um programa de exercícios físicos voltado para a saúde e o bem-estar. Assim, o executivo Duilio Saba, 50 anos, Sandra Tescari, 41 anos, que trabalha com comércio exterior, e a médica Fernanda Miranda, 39, encontraram um espaço em sua apertada agenda profissional, mudaram hábitos de toda espécie e calçaram os tênis. Neste mês, encerram o compromisso que assumiram com VEJA.com. Abaixo, frases do último relatório que enviaram ao site:



PHOTONICA/GETTY IMAGES

"Hoje, se não treino me sinto mal, parece que falta alguma coisa, o organismo 'pede' para se exercitar! Já me inscrevi para uma corrida no dia 18 de janeiro de 2009."

(Sandra Tescari)

"Meu maior desafio nesse programa foi correr 10 quilômetros. Consegui, completei em 1h26min, mas quero continuar a treinar e melhorar essa marca!"

(Fernanda Miranda)

"Meu corpo, meu humor, meu sono, minha agenda e meus relacionamentos mudaram para melhor depois que me acostumei a correr. Quero bater meus recordes nas corridas."

(Duilio Saba)

A íntegra do relatório de cada um dos corredores, com a avaliação de Renato Dutra e vídeos com o resumo de todo o treinamento, está em:
www.veja.com.br/chegada

veja 40 anos

Propostas para pesquisas

Dezenas de leitores enviaram propostas para melhorar e valorizar o trabalho de pesquisa no país. Destaque para:

DANA NEELY/GETTY IMAGES

"O que se deve exigir, no mínimo, de uma instituição de ensino superior é o desenvolvimento de pesquisas que possam tirar o Brasil de sua mesmice. Recursos, avaliações, abertura de novos cursos, credenciamentos só deveriam ser liberados para as instituições que desenvolvessem pesquisas."
(Valdemar Avelino Trindade)

"Investir em ciência e tecnologia é essencial na política nacional. Só assim nos tornaremos independentes e evitaremos que nossos gênios deixem o país."
(Neila Godoi Marques Reis)
www.veja.com.br/40anos/educacao

■ Esta página é editada a partir dos textos publicados por blogueiros e colunistas de VEJA.com

Smart Capture da Kodak...

...fotos perfeitas em qualquer situação

*Fonte: Young & Rubicam Brand Asset Valuator 2007. Kodak e Kodak EasyShare são marcas registradas da Eastman Kodak Company.

Kodak
A marca de fotografia preferida do consumidor brasileiro*

Kodak EasyShare M1033

SMART CAPTURE

Fotos incríveis com o exclusivo Smart Capture Mode. Recurso inteligente de captura que ajusta foco, luz e congela o movimento automaticamente.

10	3X	3"		
MEGA PIXEL	ZOOM ÓPTICO	VISOR LCD	DETECÇÃO DE ROSTOS	ESTABILIZADOR DE IMAGEM

Você encontra as câmeras digitais Kodak, nos principais hipermercados e magazines, comércio online e lojas Kodak.

Kodak

CIC 0800-8914213
www.kodak.com.br

Panorama

Imagem da Semana

Dá para acreditar na mudança?

É ele mesmo, um charme, fotografado aos 20 anos; mas já tem gente achando que levou um chapéu de Obama

■ O presidente eleito Barack Obama tem um tremendo senso de estilo. Vem de berço: basta conferir na foto acima, quando o projeto político era apenas um brilho nos seus olhos, algo embaçados pelo fumacê. Ele tinha 20 anos, uma colega de faculdade em Los Angeles identificou o charme natural do rapazola e pediu que posasse. A fotógrafa amadora, Lisa Jack, só foi checar os negativos muitos anos depois. Na semana passada, a revista *Time* publicou a série de fotos, da qual a mais cativante é a com chapéu panamá e um jeito de pegar o cigarro que... bem, anos 80, certo? O gosto impecável de Obama só vira duvidoso em matéria de aconselhamento espiritual. O pastor da igreja que freqüentava em Chicago, Jeremiah Wright, foi filmado em infame invectiva na qual culpava os americanos brancos por todos os males do universo, inclusive o 11 de Setembro. Agora, Obama escolheu para fazer um sermão na cerimônia de posse, em 20 de janeiro, outro pastor do barulho, Rick Warren. Ele não apenas é contra o casamento de homossexuais — pastor evangélico, podia ser diferente? —, como fala horrores dos gays. O pessoal que esperava um tipo de governo revolucionário e ainda estava deglutindo os nomes mais conservadores do futuro ministério engasgou com o pastor Warren. Em vez de mudança na qual se pode acreditar, como dizia o slogan vitorioso, não estão acreditando na mudança de Obama. E nem adianta repetir um dos mandamentos do folclore político americano: durante a campanha, você apunhala os inimigos; na transição, os amigos. Do lado socialmente correto, anote-se que Obama passou os últimos meses mascando chicletes de nicotina e conseguiu não só ser eleito presidente dos Estados Unidos como, muito mais difícil, parar de fumar. Ou quase. ■ **VILMA GRYZINSKI**

FELIPE PATURY
Com reportagem de **Fábio Portela, Leonardo Coutinho e Raquel Salgado**

VIDAL CAVALCANTE/AE

■ Papai Noel da caatinga

Há um ano, o governador do Ceará, **Cid Gomes**, dispensou uma licitação de compra de livros didáticos para fechar um contrato de 7,5 milhões de reais com a editora Aprender. A empresa é ligada a Edgar Linhares, que preside o Conselho de Educação do Ceará e foi assessor de Cid Gomes quando o político era prefeito de Sobral. O Tribunal de Contas do estado considerou que a operação fora irregular e só não mandou cancelá-la porque isso deixaria os alunos sem livros no meio do ano letivo. Na semana passada, Cid mostrou que não está nem aí para o tribunal. Dispensou outra licitação, desta vez de 5,8 milhões de reais, para comprar mais livros da editora Aprender.

OTAVIO DIAS DE OLIVEIRA

■ Há três meses numa boa

O prefeito de São Paulo, **Gilberto Kassab**, ainda colhe frutos da bem-sucedida campanha de marketing político que ajudou a sua reeleição. Há um ano, Kassab era desconhecido por boa parte dos paulistanos. Desde o fim do segundo turno, crava uma taxa de aprovação de 76% do eleitorado. As pesquisas foram encomendadas pelo DEM, o partido de Kassab, ao instituto APPM, que mensalmente ouve 1 000 pessoas para aferir a imagem do prefeito.

LIA LUBAMBO/EXAME

■ Acabou a energia

O contrato para que a Rhodia Energy começasse a investir na produção de energia a partir do bagaço de cana já estava pronto. Depois de seis meses de negociação, o diretor da multinacional, **José Borges Matias**, decidira investir 125 milhões de reais num projeto em Mato Grosso do Sul. Desistiu na véspera da assinatura. No último dia 10, Matias telefonou ao ex-futuro sócio para dizer que a crise havia adiado o negócio por pelo menos um ano.

AG LIBERTO LIMA/AE

■ Reforma para o PT

Um batalhão de mais de dez operários reforma a casa de praia de **João Santana**, em Trancoso, no sul da Bahia, para prepará-la para o fim de ano. Com um puxadinho aqui e um bangalô ali, ele quer deixá-la pronta para receber o petismo para uma festança de réveillon. Gente da estirpe de José Dirceu já confirmou presença. O rega-bofe guarda enormes semelhanças com o que seu antigo chefe, Duda Mendonça, fez em 2004.

WINSON PEDROSA/AE

■ Um mundo de camisinhas

Surgem a cada ano 35 000 casos de aids no Brasil. Isso permite dizer que, tecnicamente, a epidemia está estabilizada. Para que não haja retrocesso, o governo investe pesadamente na distribuição gratuita de preservativos. Em 2008, bateu seu recorde, com 400 milhões de unidades entregues. Na semana passada, o ministro da Saúde, **José Gomes Temporão**, abriu uma licitação para adquirir, de uma só vez, 1,2 bilhão de camisinhas para 2009. Será a maior compra de preservativos já realizada no mundo.

MARCELO CASAL JR./ABR

Uma leoa muito ousada

A secretária **Lina Vieira** inova na gestão da Receita Federal. Nomeou líderes sindicais para as superintendências. Aboliu as metas impostas aos fiscais, porque acredita que quantidade não é qualidade e que o pessoal andava estressado. Quer implantar a eleição de delegados regionais. Eles seriam selecionados em uma lista com o nome dos três colegas mais queridos nas repartições. Também inova ao conferir in loco os focos de contrabando. Neste mês, aproveitou uma reunião em Foz do Iguaçu para ver como andavam as coisas no lado paraguaio. Visitou Ciudad del Este como uma cidadã comum. Foi de carona com o delegado Gilberto Tragancin, cuja assessoria lembra que não é crime fazer compras do outro lado da fronteira.

O SOM É CRISTALINO.
VAI VER QUE É POR ISSO
QUE AS CAIXAS PARECEM
TAÇAS DE CHAMPANHE.

Prepare seus sentidos. Com o LG Home Theater, você vai viver a verdadeira experiência do cinema na sua sala. Isso porque foi desenvolvido pelo especialista em áudio Mark Levinson, que, a partir de um design único, projetou um Home Theater com o mais puro som digital. Home Theater LG Design Art, o som colorido.

www.lge.com.br/wow

LG
Life's Good

HT762TZ

SOBE

▲ José Serra
O governador paulista lidera as pesquisas para presidente em 2010 com 46,5% das intenções de voto

▲ Rímel
As vendas do cosmético que ajuda a realçar os cílios femininos duplicaram no país em 2008

▲ Nepotismo capixaba
Dezessete dos 24 desembargadores do Espírito Santo empregam parentes no Tribunal de Justiça do estado

DESCE

Marcos Valério ▼
Em apenas um mês, o mensaleiro careca foi denunciado por corrupção, lavagem de dinheiro e, agora, por sonegação

Ipea ▼
Fez um concurso que não testou profundamente conhecimentos de economia dos candidatos, mas sua adesão a teses de esquerda

Mata Atlântica ▼
Enquanto a devastação na Amazônia se estabilizou, a destruição deste ecossistema brasileiro voltou a atingir patamares preocupantes

"Gianecchini é macho e supercarinhoso"

É da modelo mineira Glenda Santos, de 25 anos, o corpo sinuoso que se vê na nova abertura da novela Pantanal, *agora exibida pelo SBT. Glenda é dona de um estranho animal de estimação: uma cobra píton de 2,3 metros chamada Gianecchini*

Por que você tem uma cobra?
Eu adotei ela em protesto contra o tráfico de animais silvestres. No ano que vem, vou até fundar uma ONG para defendê-los. Não quero ser só musa, sabe?

Mas por que uma cobra?
É fácil de cuidar. Ela se alimenta de ratos. Então, até crio alguns aqui.

Você não tem medo de cobra?
Tinha, mas superei. Minha cobra é um macho supercarinhoso e mansinho. Chamo ela de Gianecchini em homenagem ao Reynaldo, que eu não conheço, mas admiro muito.

Gianecchini é uma cobra carinhosa? É, adora quando faço carinho na cabeça dela. A gente se comunica, sabe?

Reprodução proibida. Produto registrado. Preços válidos até 31/12/08 ou enquanto durarem os estoques (prevalecendo o que ocorrer primeiro). Peças ampliadas. 63

VIVARA

www.vivara.com.br | vendas 0800 77 44 999

SANTOS

MARIANA AMARO

DIVULGAÇÃO

Glenda e Gianecchini: *Eva e Adão*

Como? Gianecchini vai de um lado para o outro para avisar que está com fome. A gente se entende tanto que ela dorme comigo toda noite. Aí, vai se acoplando ao meu corpo. Vai se aninhando até achar o lugar dela.

Você se sente uma Eva com a serpente do pecado na cama? Tem gente que fala isso, que a cobra simboliza o pecado. Mas o pecado está nas pessoas.

Seu namorado não tem ciúme de Gianecchini? Não, mas também não divide a cama com ela. Ele tem medo de Gianecchini.

.Números

O ABISMO ENTRE AS DUAS CORÉIAS

A esperança de reunificação das Coréias do Sul e do Norte ressurgiu com os rumores de que uma doença grave teria acometido o tirano comunista Kim Jong Il. Seu desaparecimento pode ajudar os coreanos do norte a recuperar-se do atraso em relação aos vizinhos

CORÉIA DO SUL		CORÉIA DO NORTE
48 milhões	População	24 milhões
25 000 dólares	Renda per capita	1700 dólares
79 anos	Expectativa de vida	72 anos
É a 13ª maior economia do mundo		1 em cada 20 pessoas serve no exército
A taxa de desemprego é de apenas 3,3%		2,5% da população já realizou trabalhos forçados
Os sul-coreanos têm 7 centímetros a mais que os norte-coreanos		4% da população morreu de fome desde 1998

REUTERS

Theoneste Bagosora
Prisão perpétua para o genocida responsável pela morte de 800000

DEANNE FITZMAURICE/CORBIS/LATINSTOCK

Mark Felt
Era ele o "Garganta Profunda", que orientou a investigação feita pelos jornalistas no caso Watergate

RENATO FRANCESCHINI/AFP

Carlo Caracciolo
O "Príncipe Editor" fundou o La Repubblica, *um dos mais influentes jornais europeus*

Morreram

■ **Mark Felt**, o "Garganta Profunda", a mais célebre fonte anônima da história do jornalismo. Foi ele quem guiou os repórteres Bob Woodward e Carl Bernstein, do *Washington Post*, nas investigações do caso Watergate, que obrigou o presidente Richard Nixon a renunciar, em 1974. Felt ocupava, então, o segundo cargo na hierarquia do FBI, a polícia federal americana, e mantinha uma boa relação com Woodward, que investigava a invasão do comitê de campanha democrata situado no edifício Watergate, em Washington. Com sua ajuda, os jornalistas concluíram que o crime havia sido cometido em benefício e com a anuência do republicano Nixon, que era candidato à reeleição. Os repórteres prometeram manter seu nome em sigilo até sua morte. Em 2005, no entanto, o próprio Felt revelou ser a fonte que, por mais de trinta anos, usou como codinome o título de um filme pornô. Dia 18, aos 95 anos, de causas não reveladas, em Santa Rosa, na Califórnia.

■ o publisher **Carlo Caracciolo**. Fundador do influente jornal romano *La Repubblica* e dono do grupo que publica a revista semanal de informação *L'Espresso*, a segunda da Itália, Caracciolo era conhecido como o "Príncipe Editor". Era, de fato, filho de um príncipe napolitano, o duque de Melitto, e de uma americana. Ele lutou na resistência antifascista durante a II Guerra Mundial e, com o fim do conflito, foi estudar direito em Harvard, nos Estados Unidos. Retornou à Itália para dar início a sua carreira editorial. Em 1951, já publicava revistas técnicas. Em 1976, associou seu grupo ao jornalista Eugenio Scalfari para fundar o *La Repubblica*. No ano passado, lançou-se em mais um desafio: uniu-se ao banqueiro francês Edouard de Rothschild para salvar da falência o jornal parisiense *Libération*, o preferido da moderna esquerda francesa. Dia 15, aos 83 anos, de causas não reveladas, em Roma.

■ o caudilho equatoriano **León Febres Cordero**. Presidente entre 1984 e 1988, ele dominou a política do país por vinte anos. Seu governo, alcunhado de "rambocracia", foi dedicado ao combate da guerrilha de esquerda. O atual presidente, Rafael Correa, fez carreira apresentando-se como anti-Cordero. Dia 15, aos 77 anos, de câncer no pulmão, em Guayaquil.

■ o mafioso **Gaetano Lo Presti**, apontado pela polícia italiana como um dos artífices da ressurreição da Cosa Nostra siciliana. O grupo entrou em declínio há quinze anos, depois que seu grande capo, Salvatore "Toto" Riina, foi preso. Na cadeia, Riina aprovou Lo Presti como o novo chefão, sob a condição de que eliminasse seus concorrentes. Preso na terça-feira, Lo Presti foi achado morto em sua cela horas depois. Dia 16, aos 52 anos, na Sicília.

Condenados

■ a dez anos de prisão **Calisto Tanzi**, ex-dono do grupo italiano **Parmalat**, cuja quebra, em 2003, deixou um rombo de 14 bilhões de euros, naquele que se tornou um dos maiores escândalos financeiros da Europa. Calisto Tanzi foi responsabilizado por falsificar balanços, obstruir auditorias e manipular cotações na bolsa. Em Milão.

■ à prisão perpétua **Theoneste Bagosora**, por liderar o genocídio de Ruanda, perpetrado em 1994. Ex-coronel do Exército ruandês, Bagosora comandou os extremistas hutus que massacraram 800000 pessoas da etnia tutsi em apenas três meses. A sentença contra ele foi expedida pelo Tribunal Criminal Internacional da ONU na Tanzânia. Bagosora pretende recorrer à instância superior sediada em Haia, na Holanda. Em Arosha.

WWW.NOVASCHIN.COM.BR

O PEGA LEVE TÁ PEGANDO.

PEGA NA PRAIA

PEGA NO ABRAÇO

PEGA NO BEIJO

EU PEGAVA FÁCIL

PEGA NO TOQUE

NOVA SCHIN

SE BEBER, NÃO DIRIJA.

LAURO JARDIM ljardim@abril.com.br

Chinaglia passa o bisturi

Lembra da conta de 1,6 milhão de reais que o Hospital do Coração apresentou à Câmara pelo tratamento do então deputado Ricardo Izar? O presidente da Casa, Arlindo Chinaglia, mandou fazer auditoria e renegociou. O valor foi reduzido em 800000 reais. O caso chamou atenção para o problema. Estuda-se agora acabar de vez com o cheque em branco da saúde dos parlamentares. O assunto entrará em pauta em 7 de janeiro.

CRISTIANO MARIZ

Corte profundo
Chinaglia: após renegociação, economia de 800000 reais

■ FUTEBOL

Petrobras, não

Na última conversa que teve com Ricardo Teixeira, Lula sugeriu ao presidente da CBF que a seleção brasileira tivesse a Petrobras como uma de suas patrocinadoras. Seria importante para a estatal e para a seleção, na opinião de Lula. Teixeira elencou os quatro patrocinadores privados que já tem e respondeu a Lula que preferia ficar longe de dinheiro estatal. Dá menos confusão.

Sensatez
Teixeira: evitando mexer com dinheiro público para fugir de confusão

■ CERVEJA

A InBev vai para Nova York

Em 2009, a sede mundial da belgo-brasileira InBev, a maior cervejaria do mundo, deixa a cidade de Leuven, na Bélgica, onde o grupo se originou, há mais de 600 anos. Muda-se de armas e bagagens para Nova York. Em meados do ano, Carlos Brito, o presidente mundial da InBev, passará a comandar a empresa no país da Anheuser-Busch, comprada pelo grupo em novembro. Com certeza, vai ter chiadeira na Bélgica.

Cultura de negócios

Aliás, a turma graúda da InBev anda encantada com o que encontrou na Anheuser-Busch. O que se diz por ali é que fizeram em um mês nos EUA o que demoraram quatro anos para fazer na Europa. "O americano entende muito bem a nossa cultura de negócios", é a frase que mais se ouve no primeiro escalão. Nenhum problema com os poderosos sindicatos americanos? Por enquanto, não. Foi fechado um acordo para os próximos cinco anos. As demissões não serão no chão da fábrica.

■ POLÍTICA

Marqueteiro de exportação

O ex-primeiro-ministro de Portugal Pedro Santana Lopes convidou Duda Mendonça para ser o marqueteiro de sua campanha à prefeitura de Lisboa em 2009.

■ BAHIA

Negociação em curso

César Mata Pires, dono da OAS e ex-genro de ACM, enfim, topou sair da TV Bahia, a retransmissora da Globo na Bahia. Mata Pires tem 34% da empresa. Quando ACM morreu, o empreiteiro quis tomar conta da companhia. Foi rechaçado por ACM Júnior e pelos herdeiros de Luís Eduardo Magalhães, donos dos outros 66%. Ficou em posição desfavorável e partiu para a briga. Agora, sua parte está sendo negociada: pode ir para um private equity ou ser comprada pelos sócios.

■ ECONOMIA

Cenários furados

Chega a ser tragicamente divertido reler hoje previsões feitas no início do ano por reputados analistas financeiros sobre o desempenho da Bovespa em 2008. Os oráculos dos cinco maiores bancos brasileiros cravavam algo

entre 72 000 pontos (no caso do Unibanco, o mais "pessimista") e 84 000 pontos (no caso da Caixa, a mais animada com o mercado). Agora, neste mundo pós-quebra do Lehman Brothers, se o índice Bovespa fechar 2008 em 40 000 pontos, já será caso de comemoração.

Crise sobre duas rodas

Alguns fundos de private equities estão conversando com pelo menos duas empresas do setor automotivo, mais especificamente no segmento de motocicletas, com o objetivo de fusões e aquisições. São elas: a Dafra e a Sundown. O segmento também se desacelerou com a crise: fechou outubro com 121 000 unidades vendidas, uma queda de 25% em comparação ao mesmo mês de 2007 e de 35% em comparação a setembro.

Penúria chique

O presidente do grupo Bertin, João Pinheiro Nogueira Batista, desembarcou no BNDES, na quarta-feira passada, para uma reunião dos empresários do setor de carnes com o presidente do banco, Luciano Coutinho. O assunto, é claro, foi o impacto da crise sobre os frigoríficos. Batista, um dos nomes mais importantes do setor, chegou sozinho no jatinho da empresa.

BRUNO DOMINGOS/REUTERSIMAGEM

Revisão
Niemeyer quer mais praças em Brasília

■ CIDADES

Niemeyer insatisfeito

Oscar Niemeyer voltou inquieto de Brasília na semana retrasada, aonde não ia havia quase cinco anos. Cismou que faltam praças e parques à capital federal. Ao chegar a seu escritório no Rio de Janeiro, pôs-se a projetá-los. "Sem praças, a cidade fica provinciana", disse na semana passada, quando completou 101 anos. "Mas farei tudo sem pressa."

HENRY ROMERO/REUTERS

Empatou
A vida de Pelé contada pelas lentes do diretor Ridley Scott: projeto adiado pela crise global

■ GENTE

O filme do Rei micou

Até explodir a crise financeira, estavam de vento em popa as negociações entre os empresários de Pelé e alguns grandes estúdios de Hollywood para a realização de uma cinebiografia do Rei do Futebol — um dos diretores contatados era, por exemplo, Ridley Scott. Com a crise, as conversas acabaram e o jogo voltou ao zero a zero.

Com **Paulo Celso Pereira**

Na hora em que o fato acontece, ele vira notícia e chega até você.

A seção Radar está também no seu celular e na internet.

www.veja.com.br/radaronline

ENTRE QUE O MUNDO É SEU

HSBC PREMIER

No Brasil e no mundo, HSBC

hsbcpremier.com.br

Café é Saúde.

Para um consumo saudável,
beba até 4 xícaras de café por dia.

Quem disse que ataca o estômago? Super-herói que é super-herói nunca machuca um inocente.

Café não causa doenças digestivas. Isso sim é super.

Há muitos séculos, o café é conhecido pela humanidade. O que muita gente não sabe é que ele está pronto para ajudar. É isso mesmo. O café pode prevenir várias doenças, como depressão e obesidade, além de melhorar a concentração e o desempenho de atletas. É ou não é um verdadeiro herói? Sempre que precisar, conte com ele. **Beba café.**

Fonte: OIC – Organização Internacional do Café.

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

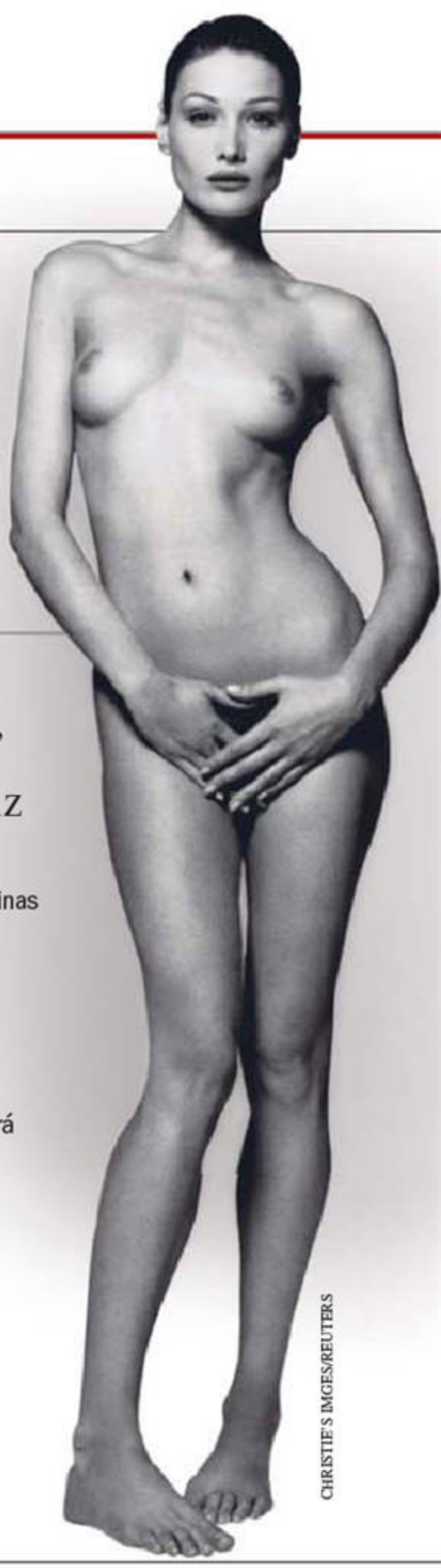
BRASIL UM PAÍS DE TODOS GOVERNO FEDERAL

“Gente, por favor. Ninguém tire o sapato porque, aqui, como é muito calor, a gente vai perceber antes de alguém decidir jogá-lo, por causa do chulé.”

Do presidente **LULA**, na coletiva de imprensa da cúpula da América Latina e do Caribe

“**Meu homem deveria ter feito compras na Pardon!**”

Frase inscrita nas sacolas da rede de lojas Pardon!, ilustrada, sem autorização, com esta foto de **CARLA BRUNI**, a primeira-dama da França, o que rendeu a ela na semana passada 40 000 euros em indenização



CHRISTIE'S IMGES/REUTERS

“Um dia desses fui criticado porque disse que deveria ser criado o Dia da Hipocrisia.”

O presidente **LULA**, legislando em causa própria

“Se eu for da Comissão Especial, vou apresentar proposta para o terceiro mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.”

CARLOS WILLIAN, deputado queremista do PTC de Minas

GUILHERME GONÇALVES/JB

“O problema do crack é tão grande que a gente chega a ter saudade do tempo da maconha.”

ROBERTO MONTEIRO, secretário de Segurança do Ceará

“**O Renê Simões foi treinar as meninas lá em Atenas e conseguiu fazer com que as mulheres, com dois neurônios, chegassem a vice-campeãs mundiais.**”

ROBERTO HORCADES, que, com um neurônio, é presidente do Fluminense

Foto: Lost Art

“O habeas corpus é mais importante que o ar que respiramos.”

GILMAR MENDES, presidente do Supremo Tribunal Federal, ao receber um prêmio de direitos humanos na OAB, em São Paulo

“É uma pressão forte, temos amigos dependendo disso para assumir o mandato.”

ALVARO DIAS, senador (PSDB-PR), falando da proposta de emenda à Constituição que criará mais 7 343 vagas de vereador no país, para você pagar

“Foi o beijo do adeus, seu cachorro.”

MUNTADER AL-ZAIDI, jornalista iraquiano, ao atirar seu par de sapatos no presidente americano George W. Bush, em visita ao Iraque

“Não sei o que o sujeito disse, só vi seus sapatos. Se querem saber, eram 42.”

BUSH, brincando com o episódio

JOSÉ CRUZ/ABR

“É melhor reduzir temporariamente a jornada e o salário do que perder o emprego.”

ARMANDO MONTEIRO NETO, presidente da Confederação Nacional da Indústria, defendendo a flexibilização temporária das leis trabalhistas para enfrentar a crise

ILUSTRAÇÃO CAU GOMEZ

“É bom que eles *(os EUA)* vejam que temos mecanismos de integração e desenvolvimento que não dependem de tutela externa.”

CELSO AMORIM, ministro das Relações Exteriores, que mia para Chávez, Morales e Correa, rosnando para Obama

CUMPRA-SE A LEI
O ministro Carlos Ayres Britto, presidente do TSE: a Justiça Eleitoral tem de ser mais rápida

ANDRE DUSEK/AE

AJUSTE DE CONTAS

Oito governadores serão julgados pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) por acusações de abuso do poder econômico, abuso do poder político, abuso de autoridade, propaganda ilegal e compra de votos nas eleições de 2006. Todos correm risco de cassação de mandato

HANDKE NEU/CORBIS

Cássio Cunha Lima (Paraíba)

Acusação
O governador distribuiu aos eleitores 35 mil cheques de uma fundação pública durante a campanha

Defesa – Alegou que já havia previsão orçamentária para a distribuição dos cheques

Jackson Lago (Maranhão)

Acusação
Assinatura de contratos e convênios irregulares com prefeituras durante a eleição

Defesa – Alegou que os convênios e programas sociais existiam antes da campanha

Marcelo Déda (Sergipe)

Acusação
O governador, que ocupava o cargo de prefeito de Aracaju, promoveu festas políticas antes da campanha

Defesa – Diz que os atos eram administrativos e não constituíam uma pré-campanha

ENCONTRO MARCADO NA JUSTIÇA

O Tribunal Superior Eleitoral aperta o cerco a políticos que não cumprem a lei. O ano de 2009 pode começar com novos governadores

EXPEDITO FILHO

Em algumas regiões do Brasil, as eleições sempre foram disputadas seguindo regras muito parecidas com as do vale-tudo — incluindo até os golpes abaixo da linha da cintura. À margem da lei, candidatos distribuem favores, usam a máquina pública em benefício próprio, fazem propaganda fora do prazo legal, promovem shows, entregam brindes, financiam consultas médicas, dão comida e, os mais ousados, chegam a entregar cheques pré-datados e dinheiro vivo aos eleitores. O horizonte de impunidade sempre incentivou tais práticas, que não distinguem partidos, credos ou ideologias. A boa notícia é que a tolerância jurídica com esse tipo de comportamento criminoso e antidemocrático dá sinais de arrefecimento. No próximo ano, nada menos que oito governadores correm o risco de ter o mandato cassado por crimes diversos praticados nas eleições de 2006. O que chama atenção é a possibilidade real do encontro de muitos deles com a punição.

Há um mês, o governador da Paraíba, Cássio Cunha Lima, do PSDB, teve o mandato cassado pelo Tribunal Superior Eleitoral por crime de abuso de poder econômico. O governador, que concorreu à reeleição, foi acusado de distribuir aos eleitores 35 000 cheques de uma fundação estatal durante a campanha. Cunha Lima impetrou um recurso no tribunal para tentar reverter a decisão, mas a chance de sucesso, segundo os ministros, é mínima. Na última quinta-feira 18, foi a vez do governador do Maranhão, Jackson Lago, do PDT, tido como um ícone do combate ao domínio da família do ex-presidente Sarney no estado. Ele foi acusado pelos adversários, entre outras coisas, de ter a

Ivo Cassol (Rondônia)

Acusação
O governador é acusado de distribuir dinheiro a eleitores

Defesa – Diz que o dinheiro foi, na verdade, distribuído por um aliado, e não pelo governador

José de Anchieta Júnior (Roraima)

Acusação
Distribuição de terras, equipamentos agrícolas e de um jornal financiado com dinheiro público

Defesa – Alega que todos os atos administrativos foram normais, sem vínculos eleitorais

Waldez Góes (Amapá)

Acusação
Utilização indevida dos meios de comunicação do estado

Defesa – Alega que a imprensa é livre para divulgar o que quiser

Marcelo Miranda (Tocantins)

Acusação
Uso indevido de meio de comunicação e distribuição de óculos, casas, leite e outros benefícios

Defesa – Alega que foram atos administrativos dissociados da campanha

Luiz Henrique (Santa Catarina)

Acusação
Uso da imagem de servidores do estado em propaganda antecipada

Defesa – Diz que não houve campanha publicitária indevida porque sua candidatura não estava formalizada

FOTOS LULA MARQUES/FOLHA IMAGEM; ALAN MARQUES/FOLHA IMAGEM; WILTON JUNIOR/AE; DIDA SAMPAIO/AE; FERNANDA PRETO; JOSÉ CRUZ/ABR; DOMINGOS TADEU/PR; NEIVA DALTROZZO/MAFALDA PRESS/AE

candidatura turbinada pelo antecessor, José Reinaldo Tavares, que assinou convênios bem populares com prefeituras durante o período eleitoral. O ministro Eros Grau, relator do processo, votou pela cassação, mas o caso só vai ter um desfecho em fevereiro do ano que vem, depois das férias do Judiciário, devido a um pedido de vista do ministro Felix Fischer.

Sob o comando do ministro Carlos Ayres Britto, o TSE imprimiu um ritmo mais célere aos julgamentos de processos de fraude e corrupção eleitorais. De julho até a semana passada, o tribunal julgou mais de 6 000 ações. Antes não eram incomuns casos que chegavam à corte para ser analisados depois que os investigados já haviam até cumprido o mandato — o que os tornava sem efeito. Um exemplo dessa disposição aconteceu na última quarta-feira 17, durante o julgamento do recurso do governador da Paraíba. O caso está no tribunal há dezoito meses. Apesar disso, na hora de votar, o ministro Arnaldo Versiani pediu vista por 48 horas. Com as férias, portanto, a decisão final só ocorreria em 2009. Irritado, o ministro Joaquim Barbosa abandonou o plenário da corte. Para acalmar os ânimos, Ayres Britto marcou uma sessão extraordinária para dois dias depois, na sexta-feira, quando esperava concluir o julgamento. O ministro Versiani, porém, não conseguiu terminar a tempo a análise dos mais de 500 volumes do processo. O resultado só será conhecido mesmo no ano que vem.

Apesar de atrasar em pelo menos dois meses a decisão final de cada caso, o adiamento dos julgamentos dos governadores para o ano que vem foi bem recebido por alguns dos interessados diretos no processo. Se a cassação fosse confirmada antes de se completar a metade do mandato, haveria uma nova eleição, como determina a lei. A partir de agora, em caso de perda de mandato, assume o cargo o segundo colocado no pleito anterior. Na fila de espera estão figuras que, no passado, também já tiveram problemas sérios com a Justiça, inclusive a eleitoral. No Maranhão, a principal beneficiada seria a senadora Roseana Sarney. No Tocantins, o não menos conhecido Siqueira Campos sonha em voltar mais uma vez ao governo. "O ramo da Justiça mais célere tem de ser o eleitoral, pois temos eleições de dois em dois anos", disse o ministro Carlos Ayres Britto. Segundo ele, os oito governadores não foram julgados antes porque houve uma mudança de jurisprudência que exigiu que seus vices também fossem incluídos nos processos. Isso fez com que os processos originais retornassem aos tribunais para ser refeitos.

Numa demonstração do aperfeiçoamento das instituições diante de uma legislação mais rigorosa e clara, na semana passada o presidente da Câmara, Arlindo Chinaglia, confirmou também a cassação do deputado Walter Brito Neto, do PRB da Paraíba, o primeiro parlamentar a perder o mandato por infidelidade partidária. O processo chegou a criar um mal-estar entre o TSE e a Câmara. Em março, o tribunal cassou o deputado, que, depois de eleito, trocou o DEM pelo PRB, o que é proibido pela legislação. Apesar da decisão, Chinaglia, alegando cautela, preferiu esperar a confirmação de um recurso que o parlamentar impetrou no Supremo Tribunal Federal e que só foi julgado no início de dezembro. A vaga de Walter Brito será assumida pelo suplente Major Fábio. Em 2009, o Tribunal Eleitoral vai analisar outros seis casos de troca de partido, que também podem acabar em cassação de mandato.

A nova atitude dos juízes eleitorais está provocando arrepios em alguns candidatos que temem a possibilidade de o rigor do TSE produzir um efeito colateral perigoso: o candidato especialista em vencer no tribunal. Essa tese, porém, só se sustenta na possibilidade de considerar que nada vai mudar, que os políticos continuarão promovendo as maracutaias de sempre, dando de ombros para a Justiça. Não é esse o quadro que se apresenta. Nas eleições de 2000, foram impetradas 3 000 ações que tentavam impugnar candidaturas ou cassar diplomas. Esse número dobrou. Além dos governadores e dos deputados infiéis, o tribunal cassou 100 prefeitos só neste ano. Um deles por não ter pago uma multa de 3,51 reais. Resume o jurista e ex-ministro do TSE Fernando Neves: "Há um apelo maior ao Judiciário. É esse o movimento. O eleitor quer o cidadão de bem como candidato, e as pessoas viram na Justiça Eleitoral um ponto de segurança para afastar aquele que não honrou o eleitor". ■

ALAN MARQUES/FOLHA IMAGEM

ARRISCOU E PERDEU
O deputado Walter Brito: o primeiro caso de cassação de mandato por infidelidade partidária

RACCO

Consultora Racco

Consultora Racco

Para me chamar: 0800 601 03 03

www.racco.com.br

RACCO

Emoções

ROBERTO CARLOS

MAIS UM
ESPECIAL
DE NATAL
DO ROBERTO
CARLOS PRA
VOCÊ SE
EMOCIONAR.

by vas

Emoções. O primeiro perfume feminino assinado por **Roberto Carlos**. O perfume da Racco.

0800 601 03 03 | www.racco.com.br

RACCO

JOSÉ CRUZ/ABR

O GUARDIÃO DOS GRAMPOS

Agente da Abin confirma que ouviu gravações de conversas de jornalistas e que entregou os arquivos de áudio a seu chefe, o delegado Paulo Lacerda

BETO BARATA/AE

Há três meses, a Polícia Federal e o Ministério Público averiguam a participação clandestina da Agência Brasileira de Inteligência (Abin) na operação que investigou o banqueiro Daniel Dantas. Já existe consenso entre as duas instituições de que a ação dos espiões oficiais foi ilegal. O que as autoridades não sabem ainda com precisão é a dimensão das irregularidades. Na semana passada, o agente Márcio Seltz, um dos mais de oitenta arapongas envolvidos na operação secreta, enviou uma carta à CPI dos Grampos para retificar uma declaração em seu depoimento. Ele afirmou que, ao contrário do que dissera, manipulou grampos telefônicos de jornalistas e que os áudios das gravações foram repassados ao então diretor da Abin, delegado Paulo Lacerda. O agente não esclarece a maneira como foram obtidas as interceptações das conversas dos jornalistas — se por meios legais ou não. Apenas recebeu o material, analisou-o e o entregou ao chefe.

CADÊ O ÁUDIO? *Lacerda desmente o antigo subordinado e garante que não recebeu arquivos de grampos de jornalistas*

O ex-diretor da Abin foi afastado depois que se descobriu a atuação clandestina de seus espiões, que grampearam ilegalmente os telefones de políticos, jornalistas e autoridades, entre as quais o presidente do Supremo Tribunal Federal, ministro Gilmar Mendes. Indagado a respeito na CPI, Paulo Lacerda mentiu ao Congresso. Disse que a atuação de seu pessoal se limitou a uns poucos arapongas, acionados informalmente apenas para checar endereços, e que ele nem sequer sabia dos detalhes da operação. O depoimento do agente Seltz mostra que Lacerda, além de acompanhar tudo, era o guardião do material produzido. O que será que o ex-chefe do serviço de espionagem do governo faz com os arquivos de áudio que recebe?

J. Edgar Hoover, o lendário ex-diretor do FBI, a polícia federal americana, tinha um imenso arquivo de gravações telefônicas ilegais que usava para chantagear adversários do governo. Seus biógrafos escreveram que ele fazia tudo com o consentimento da Presidência da República. Hoover ficou 48 anos e oito presidentes no cargo. No Brasil, Paulo Lacerda, que comandou a Polícia Federal até o ano passado, deixando uma folha de excelentes serviços prestados ao governo, foi afastado temporariamente da Abin pelo presidente Lula, mas já contou a amigos que voltará ao cargo no fim das investigações. Não se sabe a origem de tamanha convicção. Sobre os grampos entregues pelo agente Márcio Seltz, Lacerda reafirmou que desconhece o assunto. Ele nunca viu, ouviu ou guardou gravação alguma. ■

EXPEDITO FILHO

NA ESCUTA *Seltz não esclareceu se as conversas de jornalistas foram gravadas de maneira legal. Suspeita-se que não*

A CASA ESTÁ EM ORDEM

Depois de ser sacudida por uma crise política que revelou desvios de dinheiro e derrubou assessores, Yeda Crusius recupera as finanças gaúchas e se livra de algumas acusações incômodas

JEFFERSON BOTEGA/AG. RBS

ELA VOLTOU A SORRIR
A governadora comemora uma safra de boas notícias: finanças em ordem e suspeita afastada

Quando assumiu, há dois anos, a governadora Yeda Crusius encontrou o Rio Grande do Sul em estado de penúria. O déficit era de 2,4 bilhões de reais, os salários estavam atrasados, o 13º do ano não havia sido pago e uma onda de greves paralisava o serviço público. No início deste ano, quando a economia gaúcha ensaiava uma recuperação, veio a crise política. Uma CPI apontou um desvio de 44 milhões de reais em apenas uma autarquia. Aumentando a temperatura, o vice-governador, Paulo Feijó, gravou e divulgou conversas sobre supostos desvios de dinheiro para financiar a campanha de aliados. Ilhada por denúncias, a governadora viu sua popularidade despencar para menos de 10%. Seu impeachment chegou a ser pedido pela oposição. Apesar disso, Yeda manteve o ajuste fiscal, renegociou dívidas, demitiu servidores terceirizados e paralisou obras. O resultado apareceu agora, com o governo comemorando uma safra de boas notícias.

No campo econômico, a gestão da tucana zerou o déficit orçamentário, que perdurava desde 1971. Agora, pela primeira vez em catorze anos, o 13º do funcionalismo foi pago no mesmo ano e com dinheiro próprio. Os salários estão em dia e os fornecedores voltaram a ser pagos após dezessete meses de moratória. Isso só foi possível porque os gastos de custeio, responsáveis pela manutenção da máquina estatal, foram reduzidos em 37%. Os cortes, aliados a um aumento de 23% na arrecadação, transformaram-se em novos investimentos. Para os próximos dois anos, o governo gaúcho anuncia gastos de 1,5 bilhão de reais em obras. Serão construídas 300 escolas e 570 quilômetros de estradas devem ser duplicados.

No terreno político, os tucanos também comemoraram o desfecho de uma suspeita que atingira diretamente Yeda Crusius. No início do mês, o procurador-geral de Justiça do Rio Grande do Sul, Mauro Renner, arquivou a investigação sobre a compra de uma casa pela governadora logo após a eleição no valor de 750 000 reais. Ele afastou a suspeita levantada pela oposição de que Yeda não tivesse patrimônio para fazer o negócio. Isso, naturalmente, não é um atestado de lisura de seu governo. Há denúncias graves de irregularidades administrativas que ainda precisam ser devidamente esclarecidas. Mas, do ponto de vista pessoal, é sem dúvida uma vitória. "Peguei um estado inadimplente e sem auto-estima. A única saída era um governo de gestão, austero, fechando os ralos de corrupção e melhorando a qualidade dos gastos", afirma Yeda. Ao menos em relação aos resultados de sua gestão financeira, a governadora realmente tem motivos para sorrir. ■ **OTÁVIO CABRAL**

UM CANDIDATO À FAMÍLIA MAGALHÃES

Adolescente de 14 anos entra na Justiça para ser reconhecido como filho do ex-deputado Luis Eduardo Magalhães e fazer jus à sua herança e à de seu suposto avô, Antonio Carlos Magalhães

LEONARDO COUTINHO E SANDRA BRASIL

Um personagem até agora desconhecido entrou na divisão do espólio do senador baiano Antonio Carlos Magalhães, que morreu em julho de 2007. Trata-se de um adolescente que completou 14 anos na semana passada e que, desde setembro, reclama judicialmente sua condição de neto e, portanto, herdeiro de ACM. Seu advogado alega que o cliente nasceu de um relacionamento extraconjugal do deputado Luis Eduardo Magalhães, o terceiro filho do senador. O mais brilhante político de sua geração, Luis Eduardo presidiu a Câmara durante os dois primeiros anos da administração do presidente Fernando Henrique Cardoso, capitaneou a revisão da Constituição e era um potencial candidato ao Palácio do Planalto quando sucumbiu a um infarto em 1998, com apenas 43 anos. Elegante, simpático e bon vivant, era tratado por seus pares como um príncipe e deixou órfãos Paula, Carolina e Luis Eduardo, filhos de Michelle Marie, com quem se casou em 1976. O pretenso quarto filho de Luis Eduardo reivindica não só uma parte da fortuna do avô como uma nova partilha da herança do deputado e o direito de usar o sobrenome Magalhães. Para isso, entrou com dois processos. Na Bahia, pediu a "reserva de quinhão" na partilha de ACM. Na 7ª Vara de Família do Distrito Federal, move um processo de investigação de paternidade.

A mãe do adolescente é Siméa Maria de Castro Antun, que foi assessora parlamentar de Luis Eduardo. Nascida no Acre, ela trabalhava como modelo em Brasília no fim dos anos 80. Era conhecida na capital como garota-propaganda das lojas Gavi, uma rede de móveis populares. No processo, Siméa relata que conheceu Luis Eduardo aos 20 anos. O deputado a teria abordado em abril de 1989, durante uma convenção do antigo PFL na qual ela trabalhava como recepcionista. Siméa diz que o deputado a abordou, deu-lhe um cartão de visita e ofereceu-lhe um emprego em seu gabinete. Quatro dias depois, a moça já estava na folha de pagamento da Câmara. O ro-

AMOR OCULTO *Ex-modelo e recepcionista, Siméa Antun diz ter vivido com Luis Eduardo* (à direita) *por nove anos. Nesse período, deu à luz o rapaz que poderá receber 11,4 milhões de reais dos Magalhães*

mance começou na seqüência. Foram necessários apenas dois meses para que ela se mudasse para o apartamento funcional de Luis Eduardo. "O casal convivia de segunda a quinta-feira, relacionando-se afetiva e sexualmente, pois às sextas-feiras, geralmente, o investigado seguia para o seu estado, a Bahia", descreve José Alfaix, advogado do filho de Siméa. O processo traz relatos de testemunhas que afirmam que a assessora morou com o chefe, a quem chamava de Luigi, até fevereiro de 1994. Naquele mês, Siméa engravidou. De acordo com sua versão, o deputado sugeriu que ela abortasse. Ela se recusou e voltou para a casa dos pais. Por ordem do amante, deixou de comparecer ao gabinete, mas continuou recebendo o salário do Congresso.

Suas testemunhas contam que Luis Eduardo, no entanto, jamais a deixou de-

RICARDO STUCKERT

I - Exmo. Sr. Dr. Juiz de Direito da Vara de Família da Circunscrição Especial Judiciária de Brasília – DF.

COMPROVANTE DE DISTRIBUIÇÃO
Serviço de Distribuição da Corregedoria
Distribuição : 2008.01.1.104489-4 13/08/2008 15:15:21
Vara : SETIMA VARA DE FAMILIA
Adv. do Autor : MB051818 - JOSE EDSON MATARIO ALFAIX
Fatto : INVESTIGACAO DE PATERNIDADE POS MORTE
Requerente :
Valor da Causa : 1.000.000,00

H – [redacted] menor absolutamente incapaz, nascido em 13.12.1994, conforme certidão expedida pelo cartório do 2º ofício de registro civil e casamentos, títulos, documentos e pessoas

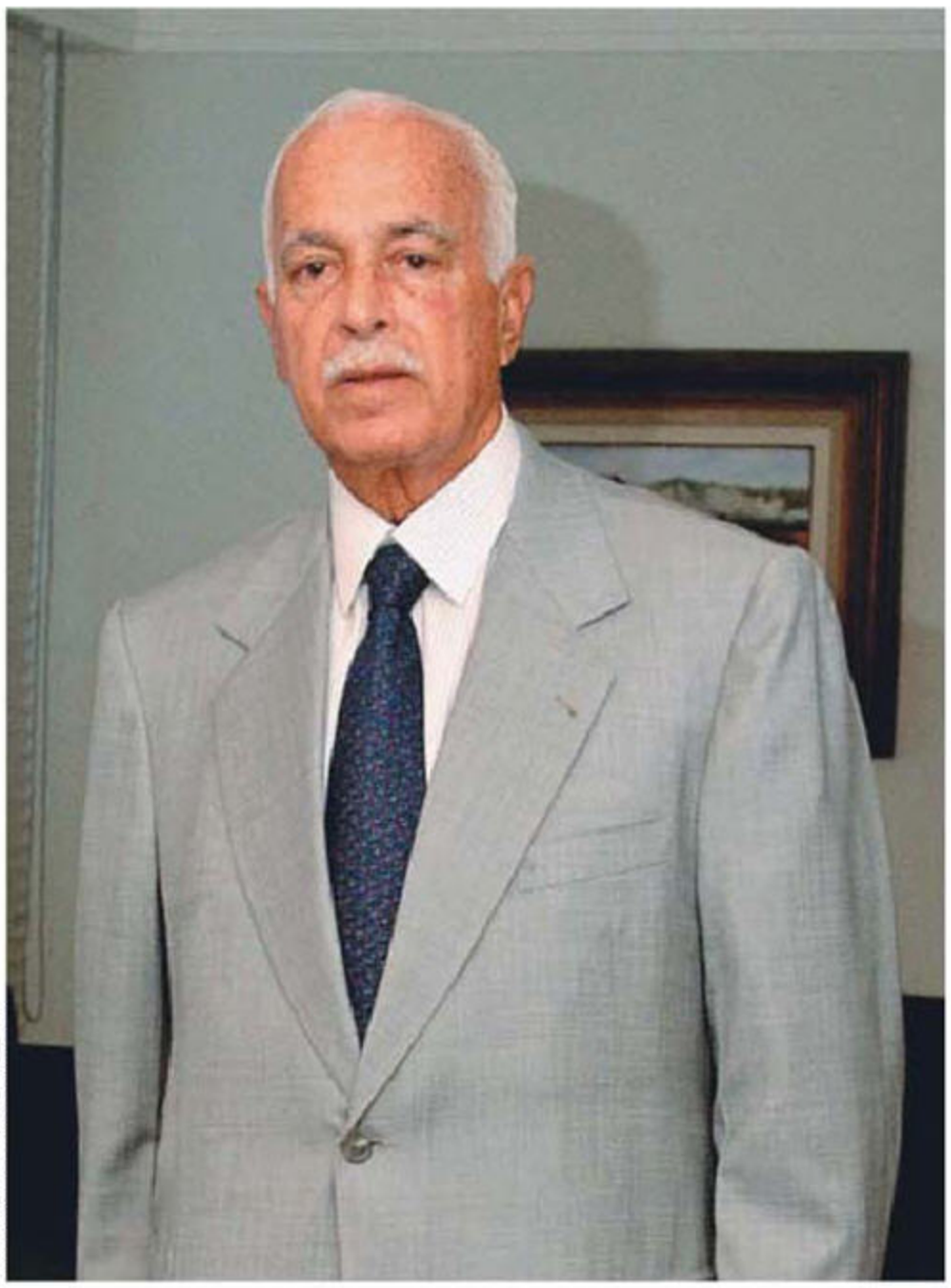
ou.

neste ato representando seu filho menor absolutamente incapaz retro, vem, respeitosamente, à presença de V. Exa., via seu procurador infra assinado (doc. 01), ajuizar a presente "**ação pelo rito ordinário, com pedidos de investigação de paternidade *post mortem***

de bens c/c

alimentos c/c pedido de antecipação dos efeitos da tutela, em desfavor de: a) LUÍS EDUARDO MARON DE MAGALHÃES FILHO, brasileiro, solteiro, empresário, inscrito no CPF sob o número 798.406

domicilio-



VALTER PONTES/COPERPHOTO

ORLANDO BRITO/BRITO NEWS

LAÇOS DE SANGUE *ACM e seu filho e suplente, ACM Júnior: o senador empregou a amante de Luis Eduardo com salário de 8000 reais. Júnior manteve-a no emprego mesmo depois que ela sumiu do gabinete*

sassistida. "O deputado custeou o pré-natal e o parto. Quando o menino nasceu, impressionou a todos: era a cópia do pai", declara Ana Lúcia de Oliveira, amiga de Siméa. A ex-secretária do parlamentar, Marlene Vieira, é uma peça-chave no caso. Ela filmou o parto. A gravação foi anexada aos autos, mas Marlene, que hoje é secretária do senador ACM Junior, irmão de Luis Eduardo, não está entre as testemunhas. Zeloso de sua imagem de homem público, o deputado evitou visitar a criança no hospital. Esperou para conhecê-la na casa dos pais de Siméa. Depois que a moça e seu filho se instalaram em um apartamento alugado, o casal reatou o romance. Três anos depois, o político engordou a renda do garoto concedendo dois aumentos à sua mãe. Uma testemunha afirma que, momentos depois da morte prematura de Luis Eduardo, o empresário João Carlos Di Genio, da Unip e do Colégio Objetivo, contou ao senador ACM que Luis Eduardo havia deixado um filho não registrado. Conforme esse relato, ACM convocou Siméa e disse-lhe: "Filho do meu filho é meu neto. Não se preocupe, pois o futuro financeiro e educacional do menino estará garantido". Para cumprir a promessa, aceitou-a como sua assessora. ACM Júnior, suplente do pai no Senado, manteve-a nos quadros do Congresso.

Siméa recebia do Erário um salário de 8255 reais para ficar em casa cuidando do filho. Só foi demitida na última terça-feira, depois que VEJA instou o senador ACM Júnior a esclarecer o assunto. "Herdei essa situação. No momento em que tive a informação de que ela não freqüentava o trabalho, não tive alternativa a não ser exonerá-la", justificou. ACM Júnior manteve Siméa nos quadros do Senado mesmo depois que ela orientou seu filho a processar os Magalhães. Nos autos, Siméa conta que planejava não reivindicar a herança da família. Ao contrário, pretendia esperar que o adolescente atingisse a maioridade para decidir se requereria ou não o nome e parte da fortuna do pai e do avô. Diz que mudou de idéia depois que leu notícias sobre a disputa entre os herdeiros oficiais de ACM pelo espólio dele, estimado em 345 milhões de reais.

A solução do caso depende da realização de exames de DNA nos quais o sangue do filho de Siméa será comparado ao de dois dos três filhos de Luis Eduardo com Michelle Marie. Até agora o exame não foi realizado. Os filhos reconhecidos do deputado somente foram informados oficialmente do processo há duas semanas. Caso os resultados dos exames não sejam conclusivos, o advogado do filho de Siméa cogita requerer a exumação dos restos mortais de Luis Eduardo para fazer a contraprova. Se ficar comprovado que o rapaz é mesmo o quarto filho do deputado, estima-se que poderá receber 11,4 milhões de reais: 7,7 milhões de herança e mais 3,7 milhões em pensões alimentícias atrasadas. A família Magalhães se diz profundamente constrangida com o episódio. ■

Feliz 2009
DE APARTAMENTO NOVO.

GIOVANNI + DRAFTFCB

Milhares de pessoas vão começar o Ano Novo mais felizes: mudando para o apartamento dos seus sonhos. Porque quem fecha negócio com a Gafisa pode ter certeza: é sempre uma compra segura. Estas são algumas das grandes idéias que entregamos por todo o Brasil em 2008. Em 2009, mude também de vida: escolha um imóvel da Gafisa.

Gafisa

Uma história de grandes idéias para viver bem

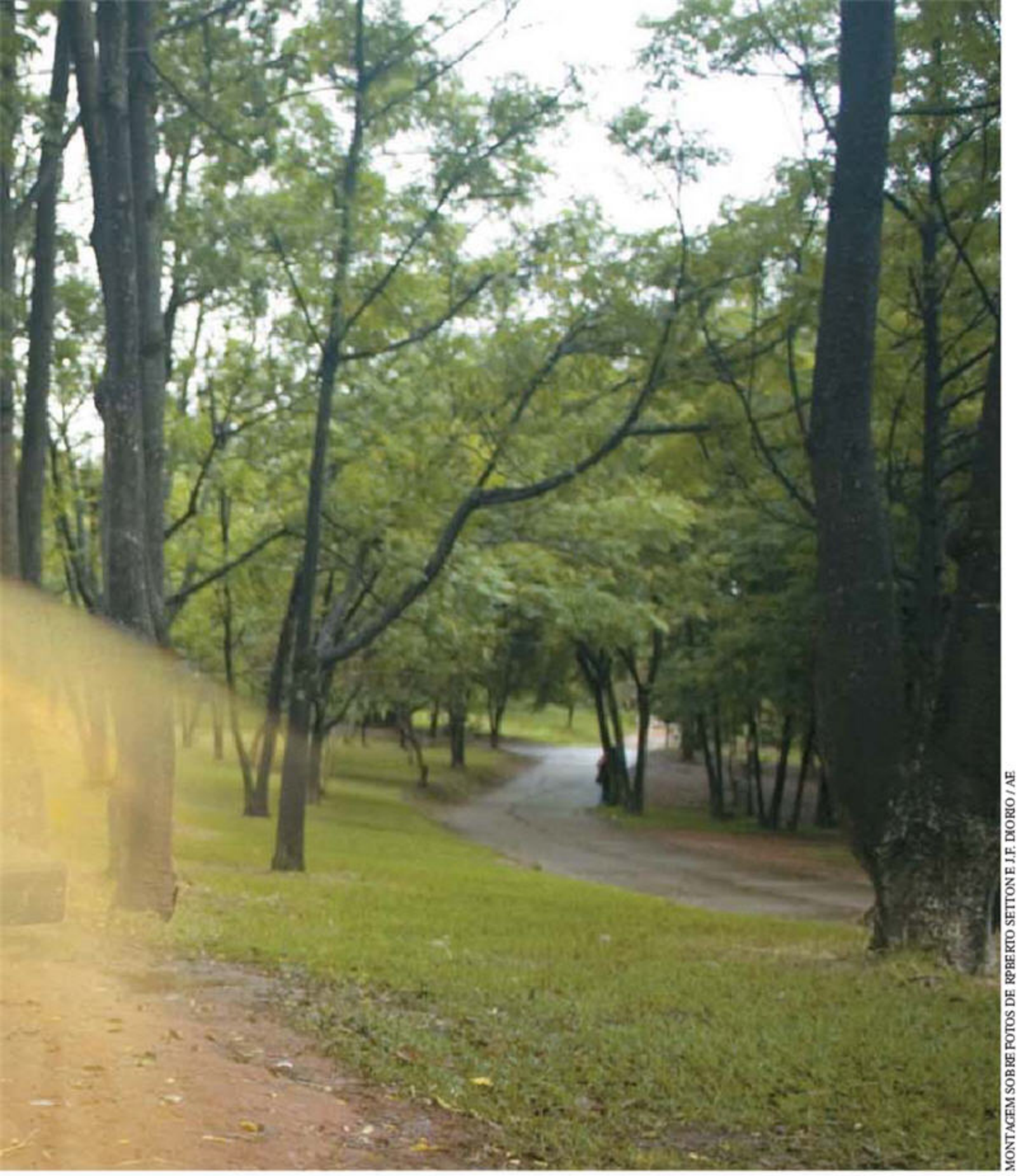
www.gafisa.com.br

MANIACO DO P

São Paulo volta a ficar em suspense por causa de um serial killer que age na região metropolitana. Treze mortes depois, um suspeito está preso. Mas o que faz de alguém um assassino em série?

LAURA DINIZ

Até o entardecer, o Parque dos Paturis, em Carapicuíba, quase na divisa com Osasco, é freqüentado por skatistas, famílias, casais de namorados e idosos. Muitos vão lá para caminhar à beira de um dos vários lagos espalhados por seus 250 000 metros quadrados de área verde. Assim que escurece, porém, o público dos Paturis muda rapidamente. Saem as famílias e as crianças e entram em cena os homens sozinhos. Com idade entre 20 e 50 anos, eles chegam a pé, de carro ou de bicicleta e rumam todos para um mesmo local: o bosque do parque, sem nenhuma iluminação, onde se paquera e se pratica sexo casual. Foi nesse bosque, perto da área das churrasqueiras, que treze homens foram assassinados entre julho do ano passado e agosto deste ano: doze a bala, um a pauladas. Apesar do curto espaço de tempo entre as mortes, da semelhança do modus operandi usado nos assassinatos e do fato de todas as vítimas terem o mesmo perfil (homens e freqüentadores do parque), foram necessários treze corpos para a polícia começar a



MONTAGEM SOBRE FOTOS DE REPRODUÇÃO SETTON E J.F. DIORIO / AE

BOSQUE DA MORTE *Sem nenhuma iluminação à noite, o bosque do Parque dos Paturis, onde foram encontrados os treze corpos, é freqüentado por homossexuais, que vão lá em busca de sexo casual. Seria o suspeito preso* (na imagem sobreposta) *realmente o autor dos assassinatos?*

ARQUE 2

suspeitar daquilo que hoje dá como praticamente certo: que está diante de um assassino em série, um serial killer, para usar a expressão inglesa já incorporada à língua portuguesa.

Há duas semanas, responsáveis pela investigação prenderam o sargento reformado da Polícia Militar Jairo Francisco Franco. Ele, que já vinha sendo investigado pela morte de um travesti com quem tinha ido a um hotel, em Osasco, é agora o principal suspeito de ser o "maníaco do arco-íris" — referência à predominância de homossexuais entre os freqüentadores do bosque. Caso a suspeita dos investigadores se confirme, estarão diante de alguém que muito provavelmente é um psicopata, sente prazer diante do sofrimento de suas vítimas, usa estratégias parecidas para atraí-las, recorre a algum tipo de ritual durante a execução e, depois disso, pode apropriar-se de um objeto do morto para guardá-lo como um "troféu". Essas são algumas das características que a ciência já conseguiu identificar nos serial killers — tecnicamente, todo assassino que mata duas ou mais pessoas, com um intervalo de dias, semanas, meses ou anos entre um crime e outro.

Somente a partir da década de 60 os assassinos em série começaram a ser estudados como uma categoria especial de criminosos. Desde então, sabe-se que o viés sexual, embora não seja a única de suas motivações, está presente na maioria dos casos. Por causa disso, um dos estudos mais abrangentes já realizados sobre o tema toma como base os chamados serial killers sexuais. O psiquiatra americano Michael Stone, da Universidade Columbia, de Nova York, estudou a biografia de 99 deles. Stone, o principal especialista nesse tipo de assassino serial, concluiu, entre outras coisas, que 90% dos analisados eram psicopatas, ou seja, portadores de doença mental desprovidos de emoções de natureza moral como remorso, culpa e compaixão. Os 10% restantes apresentavam outro tipo de doença mental ou podiam mesmo ser considerados sãos, do ponto de vista psiquiátrico. "Ao todo, 34% têm vida dupla: ou seja, são capazes de sustentar boas relações com algumas pessoas. Vivem em dois mundos, totalmente separados", disse o psiquiatra a VEJA. Stone também comprovou que cerca de metade dos serial killers sexuais é sádica.

Sexuais ou não, os serial killers costumam usar a mesma estratégia no planejamento de seus crimes: do tipo de arma a ser utilizada ao local em que cometerá o assassinato, passando pela maneira de abordar a potencial vítima, as escolhas, em geral, obedecem a um padrão. Francisco de Assis Pereira, o

"Maníaco do Parque", por exemplo, apresentava-se como caça-talentos de uma agência de modelos. Com o pretexto de fotografar suas vítimas, mulheres jovens, ele as atraía para o Parque do Estado, em São Paulo, onde as violentava e enforcava. Pereira está preso desde 1998. O assassino em série, quase sempre, lança mão de um ritual para levar a cabo a execução: cria e ordena uma série de ações que aparentemente não fazem sentido, mas que, psicologicamente, ajudam a satisfazê-lo. Pode ser uma forma de amarrar a vítima, a maneira de feri-la ou o local onde ele inflige os ferimentos.

As vítimas dos serial killers têm sempre uma característica em comum que libera o instinto matador do criminoso. No caso de Francisco das Chagas Rodrigues de Brito, suas vítimas eram meninos de até 15 anos de idade que, de alguma maneira, o lembravam da própria infância, seja pela semelhança física, seja pelo abandono a que pareciam estar submetidos. Chagas matou 42 meninos no Pará e no Maranhão ao longo de mais de dez anos. Mantinha um ritual complexo: desenhava uma cruz no chão de terra e a cobria com o sangue das vítimas, cujo pênis cortava. Além disso, deixava os corpos quase sempre na mesma posição.

Depois de matar, o serial killer vive um momento de depressão. Isso se deve, segundo estudo do psicólogo americano Joel Norris, ao fim da grande excitação alcançada no instante em que ele consuma o crime. A vontade de amenizar esse sentimento de perda seria um dos motivos pelos quais a maioria dos serial killers sente necessidade de levar um pertence da vítima consigo. "Pode ser um objeto ou parte do seu corpo, que ele guardará como uma recordação e lhe permitirá reviver o momento da execução", explicou a pesquisadora Ilana Casoy, especialista em serial killers. Pereira, "o maníaco do parque", levou o RG de uma vítima e o sapato de outra. Francisco das Chagas, o matador de meninos, preferiu peças de roupa.

A atuação dos assassinos em série segue o mesmo modelo do vício, disse a VEJA o psicólogo Robert Hare, professor emérito da Universidade de British Columbia, no Canadá, e especialista em psicopatia. Com o tempo, é preciso emoções mais fortes para satisfazê-los, o que explica o fato de esses assassinos ficarem cada vez mais violentos. Como a "dependência" aumenta, ele passa também a diminuir o intervalo de tempo entre os crimes.

O ex-sargento Franco, suposto "maníaco do arco-íris", foi preso depois que a polícia ouviu uma testemunha que disse tê-lo visto disparando contra um homem negro com quem havia acabado de ter relações sexuais no bosque. O homem, a última das treze vítimas do Parque dos Paturis, morreu com sete tiros. O que leva a polícia a acreditar que o ex-sargento seja responsável também pelas mortes anteriores é o fato de elas terem ocorrido de forma bastante semelhante à última. "Esse assassinato aconteceu exatamente no mesmo local que os outros e o autor usou o mesmo modo de agir: deu tiros à queima-roupa na vítima, na região acima do tórax", disse o delegado Marcelo José do Prado, que investiga o caso. Das treze vítimas, apenas duas não foram mortas por um revólver calibre 38

CORBIS/LATINSTOCK

HANNIBAL, THE CANNIBAL
O personagem interpretado por Anthony Hopkins tem inteligência extraordinária, ao contrário da maioria dos serial killers da vida real, apenas dentro da média

NÃO É BEM O QUE OS FILMES MOSTRAM

Um estudo do FBI, a polícia federal americana, concluiu que são falsas várias das idéias que se tem a respeito dos serial killers. Ao lado, alguns mitos que a pesquisa derruba

1 Os serial killers são solitários desajustados

FALSO. Em sua maioria, os serial killers não são reclusos nem desajustados que vivem sós. Freqüentemente, têm mulher, filhos, emprego e interagem socialmente

2 A motivação de seus crimes é sempre sexual

FALSO. Nem todos os crimes em série têm viés sexual. Eles podem ser motivados por raiva, busca de emoção, atenção e dinheiro ou ainda por doenças mentais que causem alucinações e paranóias, por exemplo

JORGE ARAÚJO / FOLHA IMAGEM

"CAÇA-TALENTOS" *Francisco Pereira, conhecido como "maníaco do parque", abordava as vítimas sempre da mesma maneira: dizia que queria fotografá-las*

— além do homem morto a pauladas (o que é um componente que destoa nesse quebra-cabeça), um segundo foi atingido por uma pistola semi-automática. Outra característica comum entre as mortes é que diversas vítimas foram encontradas com as calças abaixadas, na altura dos joelhos. A polícia não sabe se todas tiveram relações sexuais antes de morrer. A polícia também está levando em consideração os depoimentos de duas testemunhas que disseram que Franco é homossexual e era visto constantemente por lá.

Nos próximos dias, a polícia irá ouvir novas testemunhas que, segundo Marcelo Prado, podem dar mais informações sobre o suspeito. O delegado também espera o resultado dos exames balísticos para averiguar se o revólver calibre 38 utilizado por Franco na PM foi usado nos assassinatos. Caso as investigações confirmem as suspeitas sobre o ex-sargento, a polícia terá livrado a sociedade de mais um monstro. Do contrário, é provável que o Parque dos Paturis continue a ser o cenário macabro de novas mortes. ■

COM REPORTAGEM DE KALLEO COURA

RETRATO DE SERIAL KILLER

Com base no estudo da biografia de **99 serial killers** que agiram por motivação sexual, o psiquiatra americano Michael Stone relacionou as características biológicas, sociais e psicológicas mais freqüentes desse tipo de criminoso

49 foram vítimas de violência física por parte de um familiar na infância

56 sofreram humilhações quando criança

25 foram criados sem o pai natural

12 já haviam apresentado sintomas de doença mental

19 haviam sofrido traumatismo craniano ou lesões cerebrais decorrentes de acidentes, como quedas, ou doenças, como meningite

43 faziam uso abusivo de álcool (vinte deles consumiam também cocaína, LSD, maconha ou substâncias analgésicas)

29 tinham características de hipersexualidade (21 deles apresentavam também algum tipo de disfunção sexual, como necrofilia, sadismo ou pedofilia)

29 torturaram animais durante a infância

3 Os serial killers não conseguem parar de matar

FALSO. Há, sim, os que param definitivamente. Isso acontece, por exemplo, quando os crimes têm motivação sexual e seus autores encontram uma atividade substituta que acaba por inibir ou satisfazer sua compulsão

4 Todos os serial killers são psicóticos ou "gênios do mal"

DUPLAMENTE FALSO. Os serial killers não são necessariamente insanos ou de uma inteligência acima da média. Sofrem de uma variedade de desordens de personalidade que, no mais das vezes, inclui a psicopatia. Mas, na maioria dos casos, não são reconhecidos por lei como mentalmente insanos

5 Os serial killers querem ser pegos

FALSO. O que ocorre é que, quanto mais crimes eles cometem sem ser pegos, mais seguros da impunidade ficam. Isso acaba fazendo com que se descuidem e deixem pistas. Portanto, não é que os serial killers queiram ser pegos: é que eles pensam que nunca o serão

Fonte: *Serial Murder: Multi-disciplinary Perspectives for Investigators, Federal Bureau of Investigation (FBI), 2005*

TRÊS ÍCONES NO AB

EM BUSCA DE MILAGRE
Fiéis de uma igreja em Detroit, com carros utilitários no altar, pedem proteção divina à indústria

FABRIZIO COSTANTINI/THE NEW YORK TIMES

ISMO

Bush anuncia pacote de 17,4 bilhões para salvar a indústria automobilística, cuja falência enterraria um símbolo que moldou a identidade americana para os próprios americanos e para o mundo

ANDRÉ PETRY, DE NOVA YORK

Na história do automóvel, a Europa teve um papel relevante. Com suas avenidas generosas, Paris foi a primeira cidade do mundo a ter um punhado considerável de carros circulando pelas ruas — e a piada, anos depois, diria que, em vez de Hitler, quem destruiu Paris foi a Renault. Coube a dois cidadãos da Alemanha, Gottlieb Daimler e Karl Benz, dar os passos decisivos para a combustão interna e o veículo com autopropulsão. Na Inglaterra, os primeiros automóveis eram malvistos pela aristocracia romântica e repudiados pelo campesinato reacionário, que reclamava da arrogância dos motoristas, das galinhas mortas e do latido estridente dos cães. A Itália de Benito Mussolini foi o primeiro país a construir auto-estradas, apresentadas como símbolo da modernidade fascista. Mas foi do outro lado do Atlântico que o automóvel encontrou a sua pátria mundial. Nos Estados Unidos, surgiram os drive-ins e os drive-thrus, a faixa de pedestre e o motel, o Cadillac e o Mustang. Em 1929, já havia um carro para cada cinco americanos, virtualmente um por família. Em nenhum outro país existe uma Detroit, cidade que se tornou sede de três ícones mundiais da indústria automobilística: Ford, GM e Chrysler.

Por isso, não há país em que a ameaça de falência da indústria automobilística, que ronda as três gigantes de Detroit, provoque impacto tão amplo — econômico, social, cultural, com uma fisgada no orgulho americano. Há poucos dias, uma igreja pentecostal de Detroit colocou sobre o altar três carrões utilitários, um de cada marca, para pedir proteção às fabricantes ao som da canção *Em Busca de um Milagre*. Com mais de oitenta anos de idade — a mais velha é a Ford, fundada em 1903; a mais nova é a Chrysler, de 1925 —, as três fabricantes enfrentam a maior crise da história. Em setembro, pegaram um socorro de 7,5 bilhões de dólares. Seis semanas depois, pediram mais. O Congresso negou. Na sexta-feira passada, depois que as três disseram que vão prolongar as tradicionais duas semanas de férias coletivas no fim do ano, o presidente George W. Bush anunciou um dramático pacote de 17,4 bilhões de dólares. São 13,4 bilhões em empréstimos de emergência, e mais 4 bilhões estarão à disposição em fevereiro. Com isso, espera-se que as fábricas consigam evitar o colapso financeiro até pelo menos o fim do primeiro trimestre do ano que vem. É uma notícia alentadora para a indústria automobilística, mas o Congresso — de novo ele, e agora em recesso — terá de interromper as férias e aprovar a ajuda concedida pelo presidente. O clima é de salve-se quem puder.

A eventual falência das três, que vem sendo descrita como "devastadora" e "catastrófica", ceifaria quase 3 milhões de empregos no ano que vem, segundo estudo do Center for Automotive Research, entidade localizada em Ann Harbor, no estado de Michigan, perto de Detroit. O governo deixaria de recolher mais de 156 bilhões de dólares em impostos nos três anos subseqüentes. Mas o impacto não seria apenas econômico. Quando Henry Ford, em 1908, colocou no mercado seu Modelo T, o primeiro

carro cujo preço era acessível às massas, o automóvel começou a virar um pedaço da América, como o beisebol, a torta de maçã, o Mickey Mouse e as pinturas de Norman Rockwell. "Os americanos organizaram sua vida em torno do carro", disse a VEJA Brian Ladd, historiador pela Universidade Yale e autor de *Autophobia*, livro que descreve o amor e o ódio despertados pelos automóveis na história. "Há muito tempo os carros deixaram de ser só meio de transporte ou símbolo de status. Neles, os americanos vivem, relaxam, brigam, comem, se divertem e, claro, se envolvem nos mais diversos rituais de acasalamento."

A força do automóvel é tanta que os revendedores são mais do que um ponto de comércio nas pequenas cidades. Eles financiam o time local de beisebol, patrocinam o torneio de golfe, levantam dinheiro para caridade. "Em muitos lugares, somos o alicerce da comunidade", diz Annette Sykora, presidente da Associação Nacional dos Revendedores, fundada em 1917, que representa 20000 concessionárias no país. Neste ano, 700 já fecharam as portas. Em Danbury, no estado de Connecticut, Todd Ingersoll, ex-integrante da Marinha, instalou no estacionamento de sua revendedora o mastro mais alto da cidade, com 45 metros, onde tremula a bandeira americana, e presta serviços mecânicos de graça a parentes de militares que servem no Iraque e no Afeganistão. Os brasileiros também estão na ciranda da filantropia. Kátia Paviote de Carvalho Ferreira, mineira de Galiléia, 40 anos, desde os 19 nos EUA, tem uma revendedora de usados em Danbury. Vendia 25 carros por mês. Agora, faz festa quando vende quinze, e tem 200 clientes com pagamento atrasado. Mesmo assim, ela ajuda a igreja católica local. Num dia desses, deu 2000 dólares a um brasileiro para comprar passagens para o Brasil e 1000 dólares a outro para pagar o aluguel.

"Quando as coisas estão normais somos mais generosos", confessa Michael Guccione, 62 anos, há quatro décadas vendendo carros da GM. Gerente de uma loja localizada a cerca de uma hora de Nova York, Guccione costuma dar dinheiro a entidades que distribuem comida de graça e ajudar a polícia local e o corpo de bombeiros, mas a crise está pegando. Nem tem esperança de vender o Corvette preto, edição especial, comemorativa das 500 Milhas de Indianápolis deste ano, com a assinatura de Emerson Fittipaldi na lateral. O carro custa 61600 dólares. "Com a crise, já deixamos de pagar 700000 dólares de imposto neste ano." Em Maplewood, cidadezinha de 20 000 habitantes no estado de Nova Jersey, a Wyman, revendedora Ford, fazia parte da comunidade desde 1935. Participou até do esforço de guerra na década de 40, mas a crise levou a empresa à lona. Os 35 funcionários foram demitidos, e um aviso está afixado na porta: "A Wyman Ford agradece a todos pelos últimos 73

SÓ PARA EXIBIÇÃO
Guccione, na loja que gerencia, sentado no Corvette de 61600 dólares: este não vende

FOTOS BETTMANN/CORBIS/LATINSTOCK

FOTOS GILBERTO TADDAY

ADERINDO À CARIDADE *A mineira Kátia Ferreira, há 21 anos nos Estados Unidos, em sua revendedora de carros usados: ajuda para a passagem, ajuda para o aluguel*

anos". A revendedora viveu a época áurea dos carros, nos anos 50. Naquele tempo, magníficos modelos de cores vibrantes e detalhes cromados, conversíveis bicolores com nadadeiras estupendas eram o mais perfeito símbolo da prosperidade — e, por que não?, da liberdade de expressão.

Com seus carrões espetaculares, os Estados Unidos transformaram-se, num mundo ainda sob os escombros da II Guerra Mundial, no país dos automóveis, da modernidade, do futuro. Na cultura americana, para a qual o carro nunca foi apenas um meio de transporte, tornou-se um imperativo estacionar na garagem um automóvel bonito e grande — e, já na década de 80, isso apareceria na raiz da crise de agora. Com os choques do petróleo na década de 70, o mundo começou a se interessar por carros com menor consumo de combustível, mas a indústria automobilística americana, talvez por defeito de nascença, jamais conseguiu grande sucesso nesse segmento. Assim, nos anos 80, fabricantes estrangeiras, sobretudo japonesas, começaram a entrar no mercado americano, ferindo o orgulho e a economia dos americanos. Nessa época, não era incomum um automóvel japonês amanhecer depredado em Michigan. Os carros da Toyota — que hoje se rivaliza com a GM pela condição de a maior indústria do mundo — eram chamados de "pedaços de lixo". Quando a gasolina tornou a ficar barata, nos anos 90, GM, Ford e Chrysler se voltaram para os carrões, agora na versão utilitários. Em 1993, as três estavam outra vez no auge, com mais de 75% do mercado americano. E, de novo, deixaram de lado as eternas promessas de carros menores, carros elétricos, carros movidos a hidrogênio, carros do futuro.

A conta chegou agora, e num momento em que é crescente a hostilidade ao automóvel. Ele é poluidor, aumenta as estatísticas de mortes violentas, faz barulho, desumaniza as cidades, produz intermináveis congestionamentos. É inimigo da saúde, um convite à obesidade e, nos países desenvolvidos, onde o transporte público é bom e barato, é visto como símbolo do egoísmo, do desperdício, do comodismo elitista, do isolamento social. Mas é um engano supor que estejamos perto do fim da era do automóvel. É mais provável que, no futuro, os carros fiquem apenas diferentes, talvez menores, mais econômicos, menos poluidores, quem sabe movidos a etanol no mundo afora, ceifando o domínio do petróleo. O que pode realmente ter chegado ao fim é a era anunciada pelo então presidente da GM, Charles Wilson, em 1953. Ao ser sabatinado para assumir como secretário de Defesa do presidente Dwight Eisenhower (1953-1961), Wilson foi perguntado se tomaria uma decisão em favor dos Estados Unidos que fosse contra os interesses da GM. Ele respondeu: "O que é bom para os Estados Unidos é bom para a GM". ■

COMO TORTA DE MAÇÃ *Cadillac de 1959, com sua traseira de foguete, e Henry Ford, num quadriciclo, na década de 1890: linhas que são a cara da América*

GOLPE DE 50 BILHÕES DE DÓLARES

SHANNON STAPLETON/REUTERS

SOB FIANÇA *Madoff deixou a delegacia e voltou a pé para seu apartamento de 7 milhões de dólares, em Nova York*

O escândalo bilionário da pirâmide financeira montada por um figurão de Wall Street é um novo abalo numa economia marcada pela recessão

THOMAZ FAVARO

Não bastassem o colapso do sistema imobiliário, o naufrágio da indústria automobilística e o mergulho na recessão, os americanos estão agora às voltas com uma vigarice monumental. Bernard Madoff, um figurão de Wall Street, sumiu com 50 bilhões de dólares de seus clientes. Na delegacia de polícia para onde foi levado na semana passada e da qual saiu sob fiança, ele admitiu ter montado um gigantesco esquema tipo pirâmide — o mais manjado dos golpes financeiros. Consiste em remunerar os clientes mais antigos com o dinheiro dos novos investidores, sem produzir rendimentos reais. Madoff, que foi presidente da Nasdaq, a bolsa das empresas de tecnologia, oferecia retornos estáveis de 10% a 12% ao ano para o capital investido, independentemente dos altos e baixos do mercado. Nem mesmo a crise econômica havia batido às suas portas: seus investimentos cresceram 5,6% até novembro, en-

COMO FUNCIONAVA A PIRÂMIDE DE MADOFF

O esquema fraudulento de Bernard Madoff deu certo no período de vacas gordas. Quando a fonte secou...

1 A empresa de Madoff prometia ao investidor rendimentos de **10% a 12% ao ano,** independentemente dos altos e baixos do mercado

2 **Em lugar de investir as aplicações, Madoff usava o dinheiro de novos investidores para pagar os rendimentos aos clientes antigos.** Enquanto houvesse mais gente entrando do que saindo, o esquema funcionaria

3 Com a crise financeira, o número de saques aumentou e Madoff ficou sem dinheiro para cobri-los. A fraude causou prejuízos de **50 bilhões de dólares** aos investidores

SHAUN CURRY/AFP

TRAPAÇA GLOBAL *Em Londres, jornal anuncia prejuízos dos bancos ingleses causados pelo escândalo Madoff*

quanto o valor de mercado das empresas nas quais ele supostamente investia tinha encolhido 37,7%.

O esquema veio abaixo, como um castelo de cartas, quando clientes, de caixa baixa devido à crise, quiseram retirar 7 bilhões de dólares no começo deste mês. O próprio Madoff avisou os filhos de que tudo não passava de "uma grande mentira". Na empresa, fundada com seu irmão Peter, trabalhavam dois filhos e dois sobrinhos que, parece, não sabiam do esquema fraudulento. Madoff, hoje com 70 anos, abriu sua primeira consultoria em 1960, com o dinheiro ganho como salva-vidas numa praia nova-iorquina. Ele era visto como um gênio — e também como o corretor mais simpático e cordial do país. Por fim, era um pilar da filantropia judaica.

O que torna o golpe único é o calibre dos investidores enganados. Bancos globais, que pareciam blindados contra a crise econômica, como o espanhol Santander, o inglês HSBC e o francês BNP Paribas, enterraram mais de 30 bilhões de dólares num esquema que deveria ter despertado suspeitas. Foi por intermédio de suas instituições de caridade judaicas que muita gente famosa, como o cineasta Steven Spielberg e o Nobel da Paz Elie Wiesel, perdeu fortunas nas mãos de Madoff. Pelo menos um terço dos sócios do Palm Beach Country Club, um reduto de milionários na Flórida que Madoff freqüentava, perdeu dinheiro. Aplicar no fundo de Bernie, como era chamado pelos amigos, era um sinal de prestígio, e conhecê-lo pessoalmente era um privilégio requisitado por muitos sócios do clube. "Trata-se de um típico caso de fraude", disse a VEJA a israelense Tamar Frankel, professora de direito na Universidade de Boston, nos Estados Unidos, que se prepara para lançar um livro sobre o tema. "O sujeito aproveita-se de sua reputação para construir um esquema ilícito que mistura negócios e laços sociais." Madoff dava ares de exclusividade a seu fundo rejeitando alguns investidores e pedindo aos clientes que não comentassem sobre ele com estranhos.

Como podem milionários ser enganados com tanta facilidade? Madoff mantinha a contabilidade em segredo e controlava a pirâmide em um andar separado do restante da empresa. Não dava satisfações aos clientes sobre o desempenho dos investimentos: o modus operandi era tratado como sua patente e mantido a sete chaves. Devido a sua credibilidade no mercado, poucos investidores questionavam seus métodos de trabalho.

O maior perdedor foi o Fairfield Greenwich Group, empresa comanda-

BANCOS E FUNDOS DE INVESTIMENTO TIVERAM OS MAIORES PREJUÍZOS...

(valor das perdas)

FAIRFIELD GREENWICH GROUP (EUA)	TREMONT CAPITAL MANAGEMENT (EUA)	BANCO SANTANDER (Espanha)	BANK MEDICI (Áustria)	ASCOT PARTNERS (EUA)
7,5 bilhões de dólares	3,3 bilhões de dólares	3,1 bilhões de dólares	2,1 bilhões de dólares	1,8 bilhão de dólares

...MAS HÁ MUITA GENTE FAMOSA ENTRE OS PERDEDORES

MORTIMER ZUCKERMAN,* magnata do mercado imobiliário americano

30 milhões de dólares

ELIE WIESEL,* escritor laureado com o Prêmio Nobel da Paz

15,2 milhões de dólares

STEVEN SPIELBERG,* diretor de cinema

JEFFREY KATZENBERG, sócio de Spielberg no estúdio DreamWorks

ELIOT SPITZER, ex-governador de Nova York

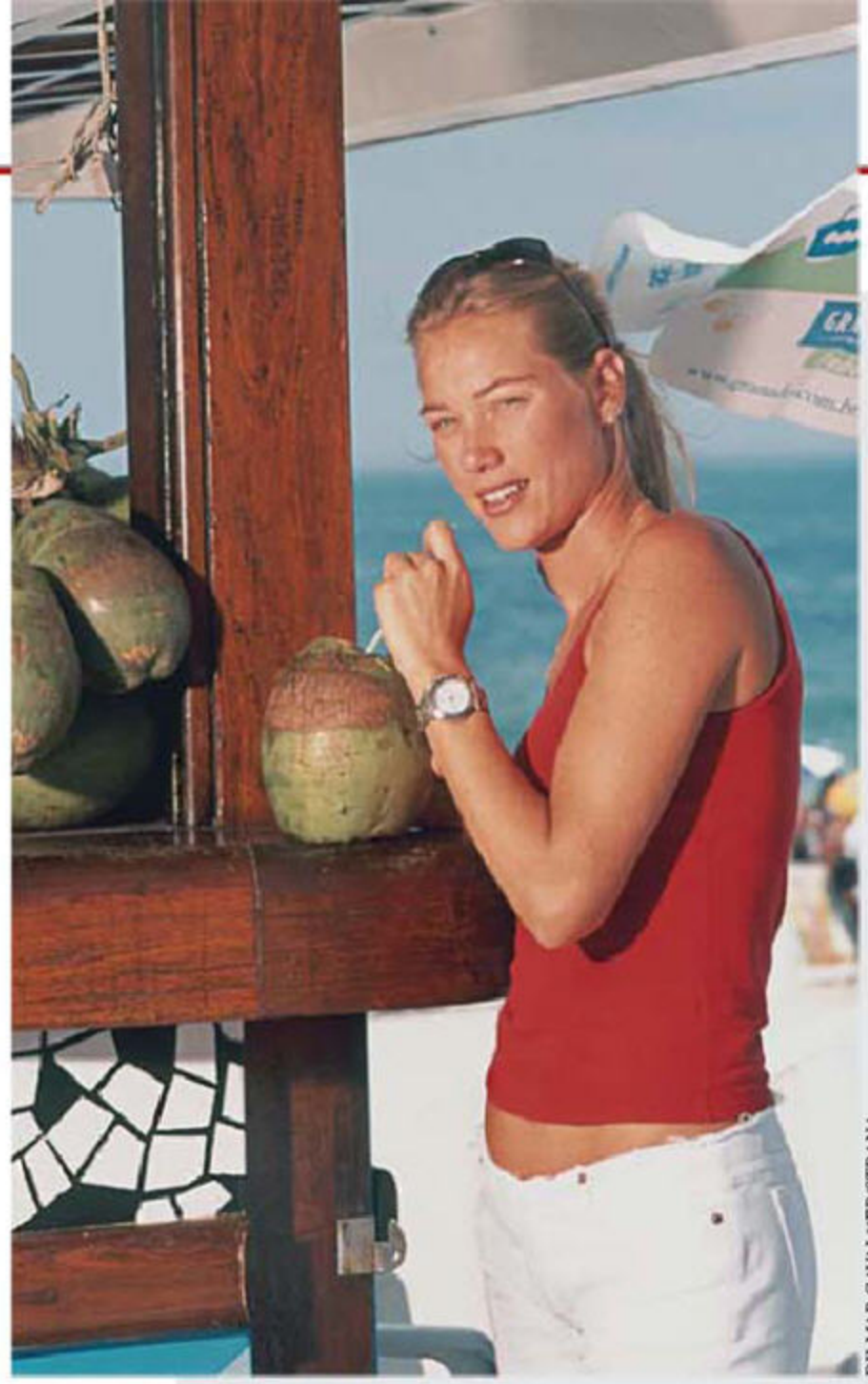
VALOR DESCONHECIDO

*Os prejuízos foram nos fundos de caridade criados por eles

FOTOS MARK LENNIHAN/AP, SERGIO GAUDENTI/CORBIS/LATIN STOCK, NOEL VASQUEZ/GETTY IMAGES, TRACEY NEARMY/CORBIS/LATIN STOCK E MARY ALTAFFER/AP

da pelo americano Walter Noel, que deixou metade de seu patrimônio de 14 bilhões de dólares com Madoff. O recém-aposentado Noel, casado com a brasileira Mônica Haegler *(veja o quadro ao lado)*, levou centenas de clientes para o fundo de Bernie, seu amigo. A empresa era o principal intermediário de investidores brasileiros que procuravam os fundos de Madoff. A identidade desses investidores permanece um mistério. Como o dinheiro aplicado parece provir de caixa 2, eles agora não podem reclamar o prejuízo na Justiça americana sem se complicar com a Receita Federal brasileira.

Nos Estados Unidos, pirâmides como as de Madoff são chamadas de esquema Ponzi, em alusão ao italiano Carlo Ponzi, que ganhou fortunas prometendo dinheiro rápido a pequenos empresários entre 1918 e 1920. Golpes similares são aplicados no mundo todo. Na Colômbia, um esquema envolvendo 240 empresas e 800 milhões de dólares veio abaixo no mês passado. Esse tipo de fraude pode ocorrer em qualquer setor da economia, sobretudo naqueles em que a fiscalização é pouca ou ineficiente. No caso de Madoff, a fraude passou incólume pela Securities and Exchange Commission (SEC), o xerife do mercado financeiro americano, que há duas décadas se apequenou diante da pujança do mercado de capitais. A SEC investigou-o diversas vezes, tendo encontrado mais de uma irregularidade, mas não tomou medidas contra a empresa. Embora o Brasil não esteja livre de pirâmides, um esquema como o de Madoff teria menor chance de prosperar no país. "A Comissão de Valores Mobiliários, órgão que regulamenta o mercado financeiro brasileiro, exige muito mais transparência dos fundos de investimento que a SEC americana", afirma o advogado Jairo Saddi, professor do Ibmec de São Paulo. Tomara que sim. ■



DILMAR CAVALHER/STRANA

A BRASILEIRA BIANCA *Seu tio perdeu 7,5 bilhões de dólares*

Uma conexão com o Brasil

Walter M. Noel já foi o mais afortunado dos homens. Riquíssimo, mora numa casa espetacular num subúrbio nova-iorquino e tem cinco filhas lindas e charmosas. Em 2002, a *Vanity Fair* mandou fotografá-los para uma matéria de cinco páginas porque, na avaliação da revista, formavam a família perfeita. Noel está de volta ao noticiário por outro motivo: o Fairfield Greenwich Group (FGG), do qual é um dos fundadores, era um dos principais captadores de clientes para os fundos de Bernard Madoff. Agora é aquele que amarga o maior prejuízo individual: 7,5 bilhões de dólares, pouco mais da metade de seu patrimônio. Casado há mais de quarenta anos com a carioca Mônica Haegler, Noel é o elo entre o caso Madoff e o Brasil.

Os Haegler fazem o gênero low profile, mas seu sobrenome faz com que um escândalo financeiro transborde do noticiário econômico para as colunas sociais. Essa família suíça, que chegou ao Brasil nos anos 20, tornou-se milionária na segunda geração, composta dos irmãos Ricardo (já falecido), Pedro, Mônica e Alex. No Brasil, o FGG tem como "consultora de negócios" Bianca Haegler, filha de Alex. Sua função é prospectar para a empresa do tio possibilidades de negócio entre os fundos de investimento brasileiros. Em nota, o FGG diz que nunca distribuiu títulos mobiliários no Brasil (o que seria ilegal) e que é vítima da fraude monumental de Madoff. Alex mora no Rio, é casado com Sandra, citada como uma das mulheres mais elegantes da cidade, e tem quatro filhos. Bianca e seu marido, o cardiologista Carlos Scherr, vivem nas colunas sociais. Seu irmão, Phil, é casado com Letícia Monteiro de Carvalho, neta do fundador do grupo Monteiro Aranha.

Uma curiosidade a respeito dos Haegler vem da época da chegada ao Brasil. Junto com eles vieram os Lemann, com quem tem laços familiares. Nos anos 60, Jorge Paulo Lemann – hoje à frente de ABInBev e Americanas – estreou no mercado financeiro. Abriu uma corretora, que acabou falindo no início dos anos 70. Quem o socorreu financeiramente foram os Haegler.

RONALDO SOARES

FAMÍLIA PERFEITA *As mulheres e as crianças da família Noel nas páginas da* Vanity Fair

Um produto da Brasilcap Capitalização S.A. - CNPJ: 15.138.043/0001-05 comercializado pela BB Corretora de Seguros e Administradora de Bens S.A. - Processo SUSEP nº 15414.002498/2008-16. A aprovação desse título pela SUSEP não implica, por parte da Autarquia, em incentivo ou recomendação a sua aquisição, representando, exclusivamente, sua adequação às normas em vigor. O consumidor poderá consultar a situação cadastral de seu corretor de capitalização no site www.susep.gov.br, por meio do número de seu registro na SUSEP, nome completo, CNPJ ou CPF.

Ourocap Flex: primeiro título de capitalização com renda variável.

O Ourocap sai na frente outra vez. Com o Ourocap Flex, **você garante no mínimo 100% do total pago ao final do plano,** concorre a prêmios milionários e ainda pode ter um rendimento adicional. Isso porque parte do valor das parcelas é destinado à renda variável. É o Banco do Brasil inovando mais uma vez, com um produto que vai mudar o seu jeito de guardar dinheiro. Para mais informações acesse bb.com.br ou ligue 0800 729 0800. **Banco do Brasil. 200 anos fazendo o futuro.**

OUROCAP DO ANDRÉ E DA ANA

Ouvidoria BB 0800 729 5678 bb.com.br

Ex-marido dá tombo em Madonna

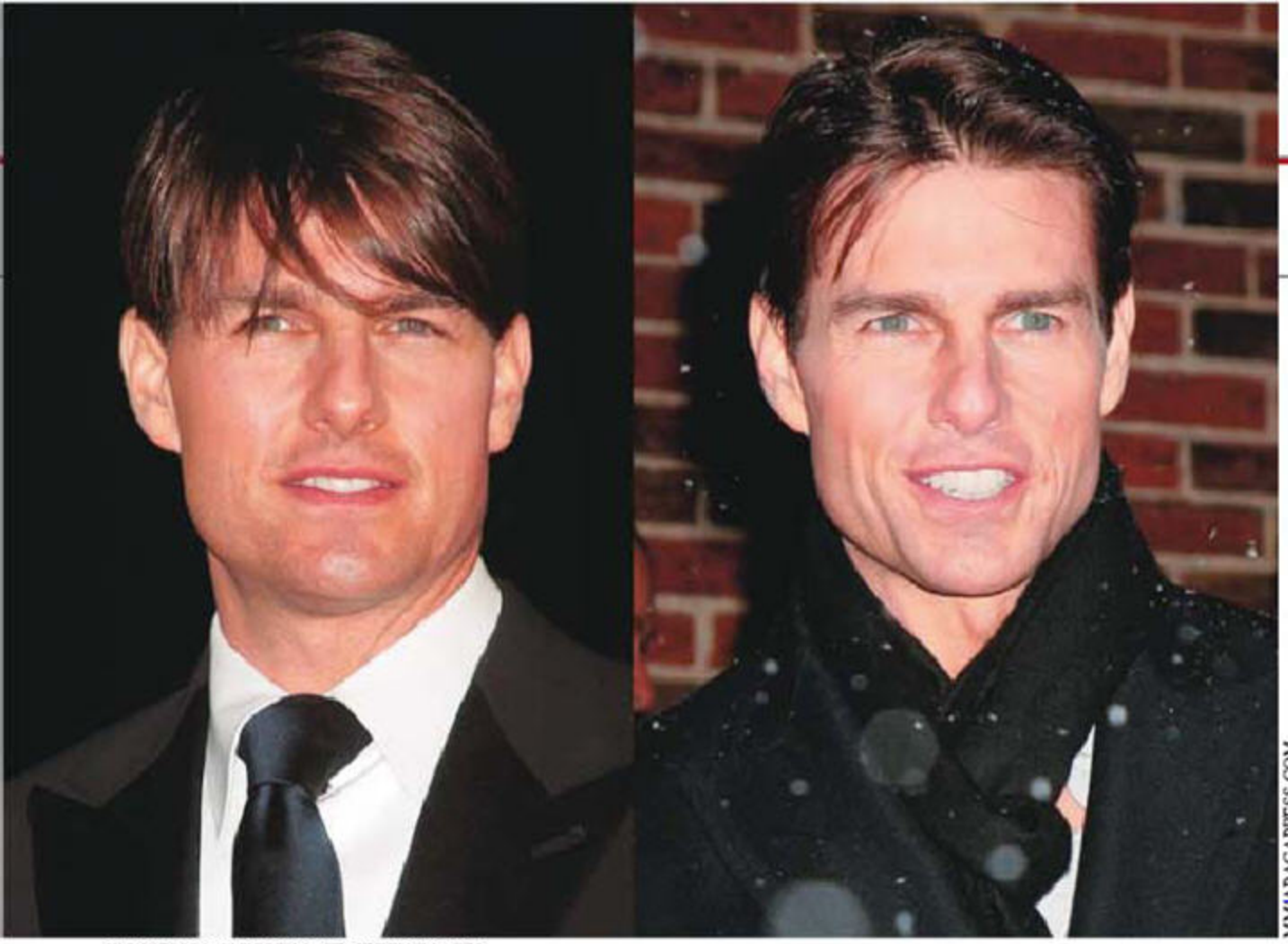
E aconteceu — **MADONNA** veio, dançou, posou e abalou dois estádios de futebol. Distribuiu beijinhos na boca aos poucos e belos que se aproximaram de sua majestade, inclusive o jovem modelo carioca que atende pelo incrivelmente iluminado nome de Jesus Luz. Os admiradores brasileiros se lembrarão para sempre da visita dela e ela se lembrará para sempre do Brasil como o lugar onde estava quando saiu seu acordo de divórcio — que mulher se esquece disso? Mas, nessas horas, poder demais atrapalha. A assessoria da cantora, que plantava por todo lado que o ex-marido, Guy Ritchie, queria sair do casamento com um caminhão de dinheiro, precisou se retratar. "Não é verdade" que ele levará o equivalente a 120 milhões de reais pelo acordo, desdisseram, sob ameaça da parte inimiga. Qual é a graça de ser Madonna se não dá nem para falar mal do ex-marido?

AG.NEWS

Consolo no colo da mãe

Desde a morte do namorado, Marcelo Silva, ex de Susana Vieira, a nutricionista **FERNANDA CUNHA,** 23, perdeu 4 quilos. "Ela não come nem dorme", preocupa-se a mãe, a psicóloga **TEREZINHA CUNHA**, 53. É Terezinha o maior apoio da filha neste momento: "Fernanda precisa de muito amor. Agora, vive agarrada a um cachorro de pelúcia que Marcelo deu a ela". Além de unidas, mãe e filha têm físico, queda por decotes e gosto por estampas vívidas muito similares. "Todos dizem que somos parecidas. Fui mãe muito jovem", diz Terezinha. A rotina de Fernanda, garante, tem sido ir à igreja e ao analista. Uma anunciada viagem ao exterior foi adiada — a família deve virar o ano em apartamento de férias em Caldas Novas, em Goiás.

ZUHAIR MOHAMAD/JORNAL O POPULAR



JIM SPELLMAN-WIREIMAGE-GETTY IMAGES

Não parece, mas é o Tom

Onipresente na ronda de promoções de seu novo filme, **TOM CRUISE**, 46, leva por onde passa uma mesma exclamação de espanto: o que ele fez no rosto? Alguma coisa aconteceu. Basta comparar a foto de novembro do ano passado com a atual. Parece que ele entrou na máquina de enxugamento de pessoas normalmente usada pelas atrizes de Hollywood. Também aboliu a franja, e isso ajudou muito. Mas o contorno afinado da face sugere mais intervenção estética (lipo para fazer o encovadinho igual ao da Madonna? Preenchimento nas maçãs?) do que sonha a vã cientologia. A desculpa oficial é uma graça: Cruise rejuvenesceu "por causa do papel" do oficial nazista que em 1944 trama o assassinato de Adolf Hitler. Não adiantou muito — as primeiras críticas são arrasadoras.

A real vítima das sapatadas

Todo mundo com peninha do jornalista Muntader al-Zaidi — e uma relutante admiração pelos reflexos do presidente George W. Bush diante do célebre ataque do podófobo. Guarda-costas mesmo que é bom, nada. Quem levou, se não uma bala, uns golpes baixos em nome do presidente foi sua loura porta-voz, **DANA PERINO**. Sentada perto de Bush na infame coletiva em Bagdá, ela foi atingida no rosto por um pedestal de microfone. Ganhou um corte na sobrancelha e mancha roxa sob o olho. "Não gostei, não foi bonito, mas não me preocupa", disse Dana, também conhecida como a face mais amena do governo Bush. Al-Zaidi, que nos tempos de Saddam Hussein não juntaria mais a cabeça ao resto do corpo, continuava preso, mas mandou um pedido de desculpas de espontaneidade algo duvidosa.

MIKE THEILER/REUTERS

EDITADO POR LIZIA BYDLOWSKI **colaboraram Bel Moherdaui, Juliana Linhares, Marcelo Bortoloti e Rafael Oliveira**

Mais dourado ainda

À extravagância das camisas e das correntes douradas que ornam **MURILO BENÍCIO**, o vilão Dodi em *A Favorita*, se somará um elemento de peso: cabelo, barba e bigode descoloridos em quatro longas horas no cabeleireiro. "Enquanto estava ruivo, ele até gostou. Mas o texto mandava ficar amarelo-dourado", relata a supervisora de caracterização, Gilvete Santos. A um mês do fim da novela, Dodi muda o visual para tentar fugir do país. Seu personagem vai deixar saudade pela mais improvável das razões: o figurino de cafajeste é um sucesso. "Sempre ligam querendo saber as marcas", diz a figurinista Marie Salles. Não é qualquer malandro que pode imitar: as jóias são Kamille Bernard; as camisas, Hobi Club; os ternos, BMG, Versace e Armani.

MM/ABACAPRESS.COM

TONY ANDRADE/AG. NEWS

A HERANÇA TAMBÉM É GENÉTICA

Judeus e muçulmanos, expulsos da Península Ibérica no século XV, deixaram um rico legado arquitetônico e cultural. A influência também está marcada no DNA: um em cada três portugueses e espanhóis descende de judeus

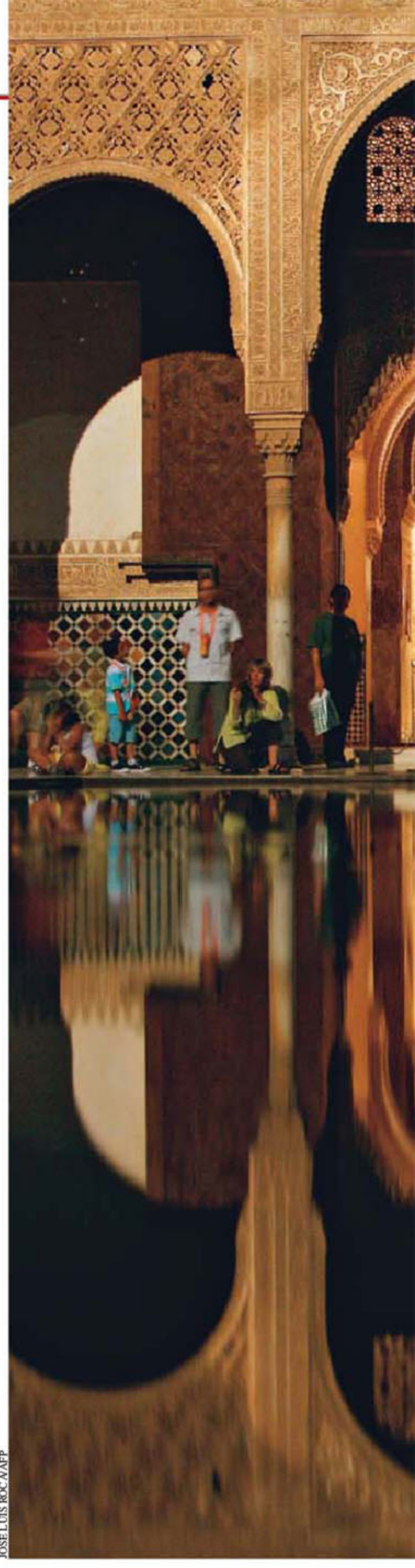
THOMAZ FAVARO

A curiosidade em relação aos antepassados é um componente da natureza humana. Para reconstruir a história, conta-se tradicionalmente com documentos, testemunhos e artefatos arqueológicos. Agora, uma nova ferramenta está à disposição dos estudiosos: a pesquisa genética. Ela permitiu comprovar que os ameríndios são originários da região central da Sibéria e revelou que nada menos que 12 milhões de pessoas na Eurásia são descendentes diretos do conquistador mongol Gêngis Khan. Um estudo genético divulgado neste mês traz outra revelação inesperada: um terço da população de Espanha e Portugal — países com uma história de fervor católico e intolerância religiosa — tem entre seus ancestrais judeus ou mouros.

Mais de 99% do genoma humano é idêntico em todas as pessoas. Mas cada grupo populacional possui um conjunto de pequenas mutações identificáveis, chamadas marcadores. Estes marcadores podem ser rastreados por meio da análise do cromossomo Y, que passa quase intacto de pai para filho. Fizeram parte do estudo 1 140 portugueses e espanhóis cujos avôs também eram nascidos na Península Ibérica — o que indicava que suas famílias estavam ali desde pelo menos 1900. Esse material foi comparado com os marcadores de muçulmanos do norte da África e de judeus sefarditas de várias nações para medir a sua presença na população ibérica atual. Sefarditas são os descendentes dos judeus expulsos da Espanha e de Portugal no século XV. A conclusão: 20% dos habitantes desses dois países possuem ascendência judaica e 11% têm genes árabes e berberes.

Os muçulmanos invadiram a Península Ibérica em 711 e dominaram boa parte dela por sete séculos. A presença judaica remonta à primeira grande diáspora depois da tomada de Jerusalém pelas legiões romanas, no ano 70. Os judeus consideram como uma era de ouro justamente o início do domínio mouro. Foi um período de florescimento cultural, com destaque para a medicina e a filosofia, e de relativa tolerância religiosa. Apesar das disputas dinásticas e das rixas entre tribos berberes, em raras ocasiões os judeus e os cristãos foram massacrados ou forçados à conversão. Em parte por razões pragmáticas, dizem os historiadores, visto que os "infiéis" pagavam altos impostos.

A convivência foi sepultada em 1492, quando os reis Isabel de Castela e Fernando de Aragão tomaram Granada, o último reduto mouro na península. No mesmo ano, os judeus foram forçados a se converter ou deixar a Espanha. Na época, havia cerca de 400 000 deles no país. Desses, 120 000 fugiram para Portugal. Quatro anos depois, a intolerância religiosa cruzou a fronteira. Para cederem a mão de sua filha Isabel ao monar-



JOSE LUIS ROCA/AFP

AKG-IMAGES / LATIN STOCK

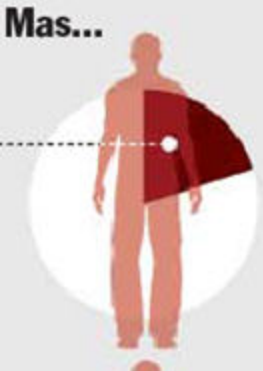
MARCAS DO PASSADO
Alhambra, jóia da arquitetura mourisca, em Granada, e, acima, a expulsão dos judeus

ca português dom Manuel I, os reis da Espanha exigiram a expulsão dos judeus que recusassem a conversão. Até o marquês de Pombal destruir os registros, no século XVIII, os convertidos, chamados de cristãos-novos, permaneceram cidadãos de segunda classe em Portugal e também no Brasil. Percebe-se agora que as conversões ao cristianismo durante a Inquisição parecem ter ocorrido em maior quantidade do que se pensava.

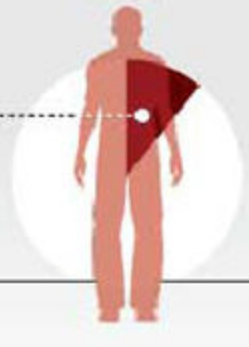
"O que mais nos surpreendeu foi o fato de a influência judaica ser tão maior que a muçulmana, mesmo com séculos de domínio mouro", disse a VEJA o historiador português Jorge Martins, autor do livro *Portugal e os Judeus*. "Até hoje não há compreensão do real tamanho da contribuição judaica para nossa identidade nacional." Atualmente, essas confissões religiosas compõem menos de 2% da população da península e nem sempre são vistas com bons olhos. No último censo realizado em Portugal, apenas 1773 pessoas se declararam de religião judaica. Segundo uma pesquisa recente, metade dos espanhóis tem uma visão negativa dos judeus, um dos índices mais altos de toda a Europa. À luz do estudo genético, pode-se dizer que se trata de uma visão distorcida da própria imagem no espelho. ■

Judeus e muçulmanos representam hoje menos de 2% da população da Península Ibérica. Mas...

...20%
dos portugueses e espanhóis têm herança genética **judaica**



...11%
têm herança genética **moura**



A PREF

O estilo (por assim dizer, clássico) da empresária Tania Bulhões, referência paulista no mercado de móveis e perfumes de luxo

ANNA PAULA BUCHALLA

Nas listas de casamento dos paulistas abastados, uma loja de decoração de alto luxo reina absoluta. É a Tania Bulhões Home, a preferida dos ricos, muito ricos e novos-ricos de São Paulo. Se você não se enquadra em nenhum dos perfis acima, talvez nunca tenha ouvido falar dela. Apesar de completar vinte anos em 2009, a marca Tania Bulhões ainda é pouco conhecida nacionalmente num segmento de consumo que cresce à velocidade impressionante de 20% ao ano no país. Ampliar a sua visibilidade e, conseqüentemente, a sua participação nesse nicho tão precioso, apesar da crise, é a meta para 2009 da empresária mineira Tania Bulhões, de 51 anos. Mulher do empresário Pedro Grendene, ela é dona de um negócio de decoração e perfumaria dividido em dois casarões instalados no coração do Jardim Europa, um dos endereços mais elegantes de São Paulo. Em uma das casas funciona desde 2005 a Tania Bulhões Home, com mais de 18000 itens, entre móveis, louças, cristais, pratarias e objetos de decoração desenhados por ela, em sua maioria. Na outra, está a Tania Bulhões Perfumes, que neste ano ganhou duas filiais, uma num shopping paulista e outra em Brasília. Juntas, as duas marcas faturaram perto de 70 milhões de reais neste ano.

Para aumentar a visibilidade da marca Tania Bulhões, a estratégia é fortalecer,

TUDO MENOS O LUSTRE *De 18000 itens em sua loja em São Paulo, o lustre feito de cristal e pó de ouro é a única peça que Tania não vende por dinheiro nenhum*

FOTOS EDU LOPES

ERIDA DOS RICOS

RÉPLICA DE PALACETE
A Tania Bulhões Home ocupa 3000 metros quadrados de um casarão no bairro dos Jardins

sobretudo, a linha de perfumes. Com preços mais acessíveis (há frascos na faixa de 150 reais), eles atingem um número maior de consumidores. O plano inclui ainda a inauguração de trinta lojas nos próximos cinco anos — cinco delas em 2009. O ponto de partida da ambiciosa empreitada de Tania foi dado com a entrada no negócio do fundo de investimento europeu Referencia International, que comprou uma parte minoritária da empresa. "Para conquistar o mercado de luxo, é necessário se internacionalizar", diz André Bruère, um dos sócios do fundo. Uma segunda etapa, já quase um clichê nesse mercado, envolveu a contratação do publicitário Nizan Guanaes para ajudar na comunicação da marca. "É preciso crescer sem perder a característica de exclusividade", afirma Tania.

A Tania Bulhões Home está sediada numa réplica de um palacete francês de linhas clássicas, com 3 000 metros quadrados e uma cúpula de vidro. Essa cúpula, aliás, rendeu uma das grandes dores de cabeça da empresária. No ano da inauguração de sua loja, o Ministério Público condenou a edificação por concluir que ela ocupava uma área 30% maior que a prevista no projeto original. Um "puxadinho", enfim. A cúpula, concluíram os técnicos da prefeitura paulistana, também não poderia estar lá. Algumas mudanças foram feitas no projeto e a cúpula ficou. "Sou muito apegada aos meus objetos e às minhas criações", diz Tania. Um dos maiores desafios de seu sócio é convencê-la a enxugar a linha de produtos — hoje muito acima do que se vê em lojas de decoração chiques como a americana Ralph Lauren Home e a belga Flamant. Há quem diga que o ritmo das novas criações, e dos 28 artesãos por ela selecionados, é tão acelerado que, não raro, algumas coleções acabam negligenciadas, sem peça de reposição.

Para criar, Tania inspira-se no que vê em suas viagens. Elas são muitas: mais de dez por ano — de grandes centros, como Paris e Nova York, a países "exóticos", como China, Rússia, Índia e Marrocos, passando por pequenas cidades do interior da França e da Inglaterra. Foi numa dessas viagens que Tania arrematou o lustre um tanto hiperbólico da foto que ilustra esta reportagem. Esse ela não vende nem empresta. Pagou 30000 euros pela peça do século XVIII, feita de cristal misturado a pó de ouro.

Nascida em Uberaba, Tania mudou-se para São Paulo em 1992, quando abriu uma pequena loja em sociedade com a irmã. O negócio cresceu e caiu nas graças dos decoradores, que hoje representam 40% de sua clientela. Ela promove anualmente um concurso no qual presenteia o decorador mais fiel à sua marca com viagens internacionais. "Tania é muito generosa", diz o decorador Sig Bergamin, vencedor de um desses concursos. "Minha preferência são os objetos de mesa, pratos, copos e talheres. São belíssimos", elogia. Já o mobiliário desenhado por Tania está longe de ser uma unanimidade. Ainda que Nizan Guanaes insista que Tania é "a Ralph Lauren de saias", ela está (bem) longe disso. Digamos que lhe falta contenção. Alguns de seus móveis são definidos como "uma mistura de clássico e contemporâneo com uma bossa brasileira". Foi assim que uma *chaise coquille* (uma cadeira de encosto arredondado) do fim do século XVIII ganhou uma *chinoiserie* pink. Isso é que é bossa brasileira. ■

E JOBS NÃ

A Apple anuncia que Steve Jobs não vai estar presente no próximo Macworld, evento anual em torno dos produtos da companhia, e cria outra onda de boatos sobre a saúde do empresário

CARLOS RYDLEWSKI

O sucesso e a eficácia das apresentações públicas de Steve Jobs são tão grandes que seus fãs chegam ao cúmulo de assegurar que, nesses momentos, o presidente e fundador da Apple, fabricante de produtos como o iPod e o iPhone, é cercado por um "campo de reconfiguração da realidade". Na semana passada, contudo, a companhia com sede em Cupertino, na Califórnia, divulgou a informação de que Jobs vai interromper uma tradição de mais de uma década e em 2009 não participará da abertura do Macworld, evento realizado na primeira semana de janeiro, em São Francisco, que atrai a atenção de todo o mundo para as novidades tecnoló-

PAUL SAKUMA/AP

TONY AVELAR/AFP

NÃO SE FALA EM DOENÇA
Jobs magérrimo (à esq.), *em outubro deste ano, e no início de 2007: câncer ou vírus?*

O VAI À FESTA...

gicas apresentadas pela marca. A notícia fez recrudescer rumores sobre a saúde do executivo. Jobs, de 53 anos, teve um tipo raro de câncer no pâncreas diagnosticado em 2003. O tratamento estendeu-se até 2004. Em outubro deste ano, em sua última aparição num palco, sua aparência era impressionante. Suas roupas habituais — calça jeans e camiseta preta com gola alta — vestiam um corpo magérrimo. Na esteira dos rumores, as ações da Apple despencaram 7% na bolsa de tecnologia dos Estados Unidos. Explica-se: a identificação entre Jobs e a Apple é tão estreita que os investidores têm dificuldade em projetar o futuro da empresa sem o seu comando.

Um estudo feito pela Universidade Harvard e pela Wharton School aferiu que a sucessão do fundador reduz, em média, em 18% o valor de mercado de uma companhia. Esse porcentual pode aumentar se houver a percepção de que tudo na empresa depende da visão de um indivíduo. É por isso que, no curso das últimas décadas, os teóricos da administração pregam práticas voltadas para o incremento da governança corporativa e a disseminação de conhecimento no interior das empresas. Um estilo excessivamente personalista de comando vem sendo desaconselhado, pois embute esse tipo de risco. Obviamente, é um trunfo poder contar com um líder tão brilhante e carismático quanto Jobs. Mas a imagem que se tem da Apple é a da banda de um homem só: todos os instrumentos seriam tocados por ele.

No presente, uma associação tão íntima entre um indivíduo e uma marca só encontra paralelo na união entre Warren Buffett e sua empresa de investimento, Berkshire Hathaway. Foram os princípios e a habilidade inata do investidor mais bem-sucedido do mundo que deram forma à companhia. Buffett entende o peso dessa ligação e suas implicações. Em 2000, soube que faria uma cirurgia para a retirada de pólipos do cólon. Antecipou-se e divulgou um comunicado à imprensa, acompanhado por um plano de sucessão. É esse tipo de transparência que analistas como Yair Reiner, do banco Oppenheimer, cobravam da Apple na semana passada. "Sem isso não posso indicar a compra para longo prazo de ações da companhia", disse Reiner.

Não se trata de um processo simples, mas dezenas de fundadores lendários deixaram o comando de suas empresas no passado e as marcas sobreviveram — e floresceram. Esse é o caso de Thomas Watson (IBM), Sam Walton (Wal-Mart), Ray Kroc (McDonald's) e Soichiro Honda (Honda). Recentemente, Bill Gates passou o bastão da gigante Microsoft sem que houvesse turbulência. "Quando a transição é bem-feita, por mais carismáticos que sejam os protagonistas, ocorre o fortalecimento da organização", diz João Baptista Brandão, da Escola de Administração da Fundação Getulio Vargas, em São Paulo.

Essa preocupação não está evidente no caso da Apple — ao menos fora dos muros da sede em Cupertino. A marca cultiva há décadas o apreço pelo segredo e o aplica tanto a questões industriais como de organização. Desde junho, para conter os boatos sobre a saúde de Steve Jobs, a companhia limitou-se a informar que o problema do executivo se resumia a uma "bactéria comum". Em um telefonema ao repórter Joe Nocera, do jornal *The New York Times*, Jobs disse que o câncer não havia retornado e negou que corresse risco de vida, mas exigiu que o conteúdo da conversa fosse mantido em sigilo. Um gesto típico. Nocera escreveu que a doença em questão poderia não ser câncer, mas também não se resumiria à contaminação por uma bactéria comum.

Na semana passada, a Apple manteve o mistério e anunciou a ausência da estrela do Macworld sem mencionar uma palavra sobre a saúde de Jobs. Disse somente que havia alterado sua estratégia de vendas. Com uma rede de 240 lojas espalhadas pelo mundo, com 3,5 milhões de visitantes semanais, alegou que poderia prescindir desse tipo de evento para reforçar o caixa. Isso é fato. Mas um estudo do professor David Yoffie, da Harvard Business School, mostrou que a exposição na mídia obtida pela divulgação do iPhone feita por Jobs num verdadeiro show do Macworld, em 2007, proporcionou 400 milhões de dólares em propaganda gratuita. Muito dinheiro, para ser dispensado de uma hora para a outra. ■

SHOW DE UM HOMEM SÓ

Por que o estilo de gestão de Steve Jobs não funciona para qualquer empresa

A PRÁTICA: Jobs e Apple são quase sinônimos. O fundador se confunde com a marca

O RISCO: qualquer ameaça à pessoa é transferida para a empresa e tem reflexo imediato em seu valor de mercado. Boatos sobre uma doença de Jobs derrubaram em 7% o valor das ações da Apple na semana passada

A PRÁTICA: Jobs concentra informação demais

O RISCO: uma das tarefas de um líder empresarial é ensinar seus colaboradores a pensar como ele. Só isso garante que o espírito da empresa vai se manter a longo prazo. "O conhecimento deve ser da organização, não do indivíduo", diz João Baptista Brandão, da FGV-SP

A PRÁTICA: Jobs nunca deu a entender que alguém possa lhe suceder

O RISCO: o futuro da companhia é uma incógnita – e investidores abominam incógnitas. Um contraste: em 2000, antes de se submeter a uma operação, Warren Buffett divulgou um plano de sucessão

SÓ FALTOU "ESTEBAN"

Chefes de estado latino-americanos produziram muitas piadas na Costa do Sauípe e nenhuma proposta de interesse dos seus povos. Foi uma homenagem a Fidel, o "Comediante en Jefe"

Líderes de 33 países da América Latina e do Caribe reuniram-se na Costa do Sauípe, na semana passada, para sessões de banhos de mar e relaxamento em que o ponto forte foi um concurso de piadas. Como manda a boa etiqueta, o nível do humor foi ditado pelo anfitrião. O presidente Lula colocou a barra lá em cima. "Gente, por favor. Ninguém tire o sapato porque, aqui, como é muito calor, a gente vai perceber antes de alguém decidir jogá-lo, por causa do chulé", disse o presidente brasileiro, divertindo-se à custa do episódio recente em que George W. Bush, presidente dos Estados Unidos, numa visita a Bagdá, teve de se desviar de um sapato arremessado por um jornalista iraquiano. Na tentativa de manter o nível, Evo Morales, presidente da Bolívia, saiu-se com uma finíssima, ao melhor estilo Austin Powers: "Vamos dar um prazo ao novo governo dos EUA para suspender o bloqueio econômico a Cuba... Se não fizer isso... retiraremos os embaixadores", ameaçou o "Doctor Evo" do altiplano. Em gesto de estadista, diga-se a seu favor que ele nem cogitou acionar a marinha de guerra boliviana, preferindo, por enquanto, exercer apenas pressão diplomática sobre Washington. Evitou, assim, que uma piadinha pudesse dar origem a uma crise militar entre as duas potências.

Pena que não valia piada velha. "Doctor Evo" certamente teria repetido uma que sempre faz enorme sucesso. Ela envolve também os Estados Unidos, mas exige especial domínio de economia para ser entendida: "A queda do preço do petróleo foi um golpe do império contra Hugo Chávez". Falando no venezuelano Chávez, é claro que ele não poderia deixar Lula e Morales dominarem a cena em uma especialidade que, todos sabem, é dele. Não senhor! Bolivariano que se preze não perde concurso de piada. Chávez, então, disparou: "Cuba é a essência do coração e da dignidade dos povos da América Latina e do Caribe...". A piada só tem efeito cômico, claro, quando se esquece que a atual dupla de anciãos ditadores, Fidel e Raúl Castro, há meio século no poder, matou quase 100 000 cubanos — sem falar nos mortos de fome, de raiva e de tédio. Mas a platéia na Costa do Sauípe era bem selecionada, entendeu o espírito da coisa e Chávez saiu-se até bem. Uma pena que só os ditadores cubanos e seus cupinchas podem sair da ilha. Se as pessoas comuns do povo cubano pudessem viajar, mais gente saberia que Fidel era chamado de "Comediante en Jefe". Mais gente saberia por que o apelido predileto dos cubanos para Fidel é "Esteban"... Nenhum cubano vai se arriscar a vir ao Brasil para ser preso pela polícia petista e repatriado, como aqueles pobres pugilistas dos Jogos Pan-Americanos, então nós contamos: "Esteban" é a abreviatura de "este bandido...!".

Mas isso é piada de povo... Voltemos aos profissionais. Com a liderança ameaçada por Evo Morales e Chávez, Lula deu sua cartada final. Referindo-se à América Latina, o presidente brasileiro disse: "Éramos um continente de surdos, que não nos enxergávamos". Não tem graça? Leia de novo. É uma variante bem mais inteligente, sutil e burilada da piada clássica do Napoleão de hospício que se dependura no lustre e se recusa a descer para não deixar o quarto às escuras. Foi nesse momento que Rafael Correa, presidente do Equador, vislumbrou uma oportunidade. Correa escolheu como tema o calote que deu no Brasil e atacou: "Foi um problema comercial e econômico lamentavelmente transformado em problema diplomático". Em outro ambiente, teria levado uma sapatada... Mas a Bahia não é Bagdá, Correa não é Bush e todo mundo estava ali mesmo é para relaxar e se divertir. Parecia que o encontro caminharia para seu fim sem um vencedor inconteste. Não contavam com a astúcia de Chávez. Sua piada vencedora era algo reciclada, mas levou a platéia ao delírio: "O socialismo não está morto. Está mais vivo do que nunca. O que está morto é o capitalismo". Alguém jura ter ouvido de um concorrente inconformado com a derrota um lamento inaudível: "Vai sifu...!". ■

CELSO JUNIOR/AE

SURDOS QUE NÃO ENXERGAM
Chávez, Castro, "Doctor Evo" e Lula: concurso de piadas

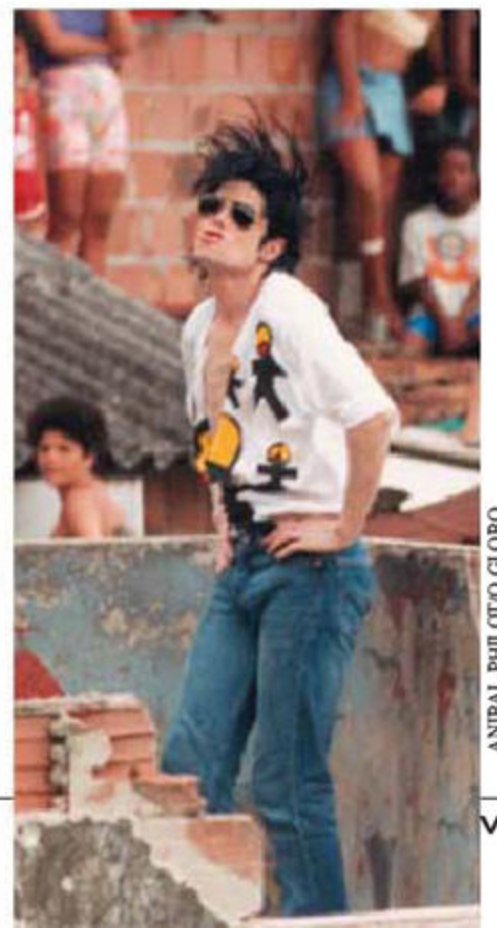
OSCAR CABRAL

LÍDER DA TROPA
Capitã Priscila: 120 PMs em policiamento comunitário

ENTRAR E FICAR

A polícia do Rio começa a ocupação de favelas antes dominadas por traficantes, a melhor aposta para reconquistar a cidade

O governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral, iniciou sua gestão na área de segurança optando pelo enfrentamento dos traficantes que há décadas dominam as favelas cariocas. Uma medida necessária, mas que vinha se revelando insuficiente. Terminadas as operações policiais, os bandidos se encastelavam novamente e tudo voltava ao que era antes — uma rotina de venda de drogas, maus-tratos aos moradores e crimes nas redondezas. Na semana passada, foi dado um passo importante na política de segurança do governo do Rio, com a ocupação permanente do Morro Dona Marta, em Botafogo, que terá a vigilância de 120 policiais especialmente designados para a tarefa. A alocação desse destacamento é a segunda etapa da operação iniciada há um mês com a expulsão dos traficantes. O que diferencia essa investida de tentativas anteriores é que agora os soldados, recém-saídos da academia, receberam treinamento especial em policiamento comunitário. Seu trabalho será vigiar as ruelas e garantir que os traficantes não voltem à ativa. É o que abrirá caminho para que aquela parte do território seja reincorporada à vida da cidade. "Se deseja realmente combater os criminosos nas favelas, o estado tem de dar sinais inequívocos de que chegou para ficar", diz Claudio Beato, coordenador do Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).



ANIBAL PHILOT/O GLOBO

CLIPE NA LAJE
Michael Jackson no morro: favela pop

O Dona Marta tem 10 000 habitantes que desfrutam uma vista fabulosa para os três principais cartões-postais da cidade: o Cristo Redentor, o Morro do Pão de Açúcar e a Lagoa Rodrigo de Freitas. Foi lá que o cineasta Spike Lee filmou, em 1996, um clipe do cantor Michael Jackson. A presença do tráfico de drogas, inaceitável em qualquer lugar, era especialmente inexplicável ali, ao lado da sede da prefeitura, em frente a um batalhão da PM e a poucos metros de alguns dos mais tradicionais colégios do Rio. Até o início da operação, funcionavam quatro bocas-de-fumo, que eram controladas por trinta traficantes. Para incrementarem os negócios, eles usavam a velha estratégia mercadológica da promoção de bailes funk. Com a tomada do território pela polícia, esse cenário mudou, mas os moradores ainda temem o retrocesso. A policial responsável pela ocupação, a capitã da PM Priscila Azevedo, admite que não será fácil conquistar a confiança da população. "Dou bom-dia, mas as pessoas não respondem. Vou continuar cumprimentando todo mundo, até que os moradores vejam que quem pode realmente ajudá-los é a polícia, não os traficantes", diz a oficial. A escolha de uma favela tão notória pode ter algum viés de marketing político. Não importa. Se a medida for bem-sucedida, ficará demonstrado que é possível reconquistar a cidade. É isso que fará a diferença. ■

RONALDO SOARES

JEHAD NGA/CORBIS/LATINSTOCK

NO LIMITE DA SOBREVIVÊNCIA
Mãe e filho refugiados no campo de Abu Shouk. Darfur é beneficiado com o maior programa de distribuição de alimentos do mundo. Nos últimos anos, a taxa de desnutrição infantil caiu na região, mas continua acima da linha de emergência

DARFUR

À ESPERA DE UM SALVADOR

DARFUR, NO SUDÃO, CENÁRIO DE UM GENOCÍDIO SILENCIOSO, É UM LUGAR SEM LEI E SEM ESPAÇO PARA A MISERICÓRDIA DIVINA. SERIA TAMBÉM UM LUGAR SEM NENHUMA ESPERANÇA, NÃO FOSSE O TRABALHO HUMANITÁRIO DE UM BATALHÃO DE ABNEGADOS

DIOGO SCHELP, DE EL FASHER

Em um mundo em que a corrente de informação circula ao ritmo de terabytes por segundo e quase tudo o que se quer saber está, para 1 bilhão de pessoas, a apenas um clique de distância, como explicar que a tragédia de Darfur seja invisível? O mundo ignora ou finge ignorar que Darfur, no Sudão, é cenário de uma guerra de extermínio contra uma população indefesa. O mesmo mundo que se apieda de um filhote de urso-polar abandonado pela mãe no zoológico de Berlim fecha os olhos para as centenas de milhares de crianças subnutridas dos 130 campos de refugiados de Darfur.

O mundo que está prestes a comemorar o Natal, festa que ultrapassou os limites do cristianismo para congraçar homens e mulheres de diferentes credos, esquece que em Darfur a noite de 24 de dezembro será apenas véspera de mais um dia em que crianças morrerão, homens serão executados e mulheres, estupradas. Vem sendo assim desde 2003, quando eclodiu o conflito entre o governo do ditador Omar al-Bashir e rebeldes dessa região do oeste sudanês. E também quando, armados pelo governo de Cartum, bandos de facínoras, a pretexto de combater revoltosos, intensificaram a matança indiscriminada de cidadãos que não pertenciam à sua etnia "árabe".

A questão étnica que alimenta as atrocidades perpetradas na região é, por assim dizer, atávica em Darfur — e nada tem a ver com o tipo de disputa que está na base dos conflitos modernos. De acordo com uma pesquisa divulgada na semana passada pelo Instituto para o Estudo de Conflitos Internacionais de Heidelberg, na Alemanha, os principais motivos de tensões no mundo, hoje, são os fatores ideológicos (teocracia contra estado secular, por exemplo) e o separatismo ou busca por autonomia regional — e tais não são os casos em Darfur. O que se tem ali é uma guerra que há muito perdeu qualquer propósito. O que se tem ali é uma matança selvagem, seja por meio de fuzilamentos sumários, seja por meio da fome imposta pelo isolamento. Paz, em Darfur, é um conceito demasiado abstrato, inalcançável até mesmo como metáfora para as crianças que crescem em campos fétidos e violentos.

A única luz nesse mundo escurecido pela ausência da razão é proporcionada pelo trabalho das organizações humanitárias. Os valores universais da civilização, celebrados por ocasião do Natal, movem os voluntários em Darfur como os ventos giram os moinhos. Esses abnegados de diferentes partes do planeta, inclusive do Brasil, mantêm viva a esperança de que, um dia, a comunidade internacional finalmente dirá um sonoro basta ao que ocorre no Sudão.

EVELYN HOCKSTEIN/THE NEW YORK TIMES

NEGLIGENCIADOS *Refugiada acena para comboio da ONU no campo de Taiba. Mais da metade das crianças de Darfur em idade escolar não estuda e 1 milhão vive em campos como este, em Darfur do Oeste, onde ONGs fazem o papel do estado ao prover serviços de saúde e saneamento*

IMPROVISO *O campo de Kalma, em Darfur do Sul, foi estabelecido por refugiados da etnia fur, em 2004, sobre uma tradicional rota de migração de povos nômades, o que só serviu para aumentar as tensões étnicas no local. Em 2008, em Darfur, foram registrados mais de cinqüenta confrontos entre tribos rivais*

EVELYN HOCKSTEIN/THE NEW YORK TIMES

AJUDA INTERROMPIDA *Refugiada prepara-se para cozinhar no campo de Kalma. Os ataques de milícias a veículos de agências humanitárias fazem com que 3 milhões de pessoas, que dependem de doação de alimentos para sobreviver, recebam apenas 65% da cota diária individual recomendável, de 2 100 calorias*

KHALED EL FIQI/EFE

Que Deus é este?

Boa parte das nações e dos homens celebra, nesta semana, o nascimento do Cristo, e uma vez mais nos perguntamos, e o faremos eternidade afora: qual é o lugar de Deus num mundo de iniqüidades? Até quando há de permitir tamanha luta entre o Bem e o Mal? Até Ele fechou os olhos diante das vítimas do nazismo em Auschwitz, dos soviéticos que pereceram no Gulag, da fome dizimando milhões depois da revolução chinesa? E hoje, "Senhor Deus dos Desgraçados" (como O chamou o poeta Castro Alves)? Darfur, a África Subsaariana, o Oriente Médio... Então não vê o triunfo do horror, da morte e da fúria? Por que um Deus inerme, se é mesmo Deus, diante das "espectrais procissões de braços estendidos", como escreveu Carlos Drummond de Andrade? Que Deus é este, olímpico também diante dos indivíduos? Olhemos a tristeza dos becos escuros e sujos do mundo, onde um homem acaba de fechar os olhos pela última vez, levando estampada na retina a imagem de seu sonho — pequenino e, ainda assim, frustrado...

Até quando haveremos de honrá-Lo com nossa dor, com nossas chagas, com nosso sofrimento? Até quando pessoas miseráveis, anônimas, rejeitadas até pela morte, murcharão aos poucos na sua insignificância, fazendo o inventário de suas pequenas solidões, colecionando tudo o que não têm — e o que é pior: nem se revoltam? Se Ele realmente nos criou, por que nos fez essa coisa tão lastimável como espécie e como espécimes? Se ao menos tirasse de nosso coração os anseios, os desejos, para que aprendêssemos a ser pedra, a ser árvore, a ser bicho entre bichos... Mas nem isso. Somos uns macacos pelados, plenos de fúrias e delicadezas (e estas nos doem mais do que aquelas), a vagar com a cruz nos ombros e a memória em carne viva. Se a nossa alma é mesmo imortal, por que lamentamos tanto a morte, como observou o latino Lucrécio (séc. I a.C.)? Se há um Deus, por que Ele não nos dá tudo aquilo que um mundo sem Deus nos sonega?

Evito, leitor, tratar aqui do mistério da fé, que poderia, sim, responder a algumas perplexidades. O que me interessa neste texto é a mensagem do Cristo como uma ética entre pessoas, povos e até religiões. Não pretendo, com isso, solapar a dimensão mística do Salvador, mas dar relevo a sua dimensão humana. O cristianismo é o inequívoco fundador do humanismo moderno porque é o criador do homem universal, de quem nada se exigia de prévio para reivindicar a condição de filho de Deus e irmão dos demais homens. É o fundamento religioso do que, no mundo laico, é o princípio da democracia contemporânea. Não por acaso, a chamada "civilização ocidental" é entendida, nos seus valores essenciais, como "democrática" e "cristã". Isso tudo é história, não gosto ou crença.

Falo das iniqüidades porque é com elas que se costuma contrastar a eventual existência de uma ordem divina. Segundo essa perspectiva, se o Mal subsiste, então não pode haver um Deus, que só seria compatível com o Bem perpétuo. Ocorre que isso tiraria dos nossos ombros o peso das escolhas, a responsabilidade do discernimento, a necessidade de uma ética. Nesse caso, o homem só seria viável se isolado no Paraíso, imerso numa natureza necessariamente benfazeja e generosa. O cristianismo — assim como as demais religiões (e também a ciência) — existe é no mundo das imperfeições, no mundo dos homens. Contestar a existência de Deus segundo esses termos corresponde a acenar para uma felicidade perpétua só possível num tempo mítico. E as religiões são histórias encarnadas, humanas.

"Em Auschwitz, no Gulag ou em Darfur, vê-se, sem dúvida, a dimensão trágica da liberdade: a escolha do Mal. E isso quer dizer, sim, a renúncia a Deus. Mas também se assiste à dramática renúncia ao homem"

Em Auschwitz, no Gulag ou em Darfur, vê-se, sem dúvida, a dimensão trágica da liberdade: a escolha do Mal. E isso quer dizer, sim, a renúncia a Deus. Mas também se assiste à dramática renúncia ao homem. Esperavam talvez que se dissesse aqui que o Mal Absoluto decorre da deposição da Cruz em favor de alguma outra crença ou convicção. A piedade cristã certamente se ausentou de todos esses palcos da barbárie. Mas, com ela, entrou em falência a Razão, humana e salvadora.

Fé e Razão são categorias opostas, mas nasceram ao mesmo tempo e de um mesmo esforço: entender o mundo, estabelecendo uma hierarquia de valores que possa ser por todos interiorizada. As cenas das mulheres de Darfur fugindo com suas crianças, empurradas pela barbárie, remetem, é inevitável, à fuga de Maria e do Menino Jesus

GALERIA DORIA PAMPHILJ/DIVULGAÇÃO

Vida e arte
As cenas das mulheres de Darfur fugindo com suas crianças, empurradas pela barbárie, remetem, é inevitável, à fuga de Maria e do Menino Jesus para o Egito, retratada por Caravaggio (1571-1610)

para o Egito, retratada por Caravaggio (1571-1610) na imagem que ilustra este texto — o carpinteiro José segura a partitura para o anjo. As representações dessa passagem, pouco importam pintor ou escola, nunca são tristes (esta vem até com música), ainda que se conheça o desfecho da história. É o cuidado materno, símbolo praticamente universal do amor de salvação, sobrepondo-se à violência irracional que o persegue.

Nazismo, comunismo, tribalismos contemporâneos tornados ideologias... São movimentos, cada um praticando o horror a seu próprio modo, que destruíram e que destroem, sem dúvida, a autoridade divina. Mas nenhum deles triunfou sem a destruição, também, da autoridade humana, subvertendo os valores da Razão (afinal, acreditamos que ela busca o Bem) e, para os cristãos, a santidade da vida. Todas as irrupções revolucionárias destruíram os valores que as animaram, como Saturno engolindo os próprios filhos. O progresso está com os que conservam o mundo, reformando-o.

Pedem-me que prove que um mundo com Deus é melhor do que um mundo sem Deus? Se nos pedissem, observou Chesterton (1874-1936), pensador católico inglês, para provar que a civilização é melhor do que a selvageria, olharíamos ao redor um tanto desesperados e conseguiríamos, no máximo, ser estupidamente parciais e reducionistas: "Ah, na civilização, há livros, estantes, computador..." Querem ver? "Prove, articulista, que o estado de direito, que segue os ritos processuais, é mais justo do que os tribunais populares." E haveria uma grande chance de a civilização do estado de direito parecer mais ineficiente, mais fraca, do que a barbárie do tribunal popular. Há casos em que é mais fácil exibir cabeças do que provas. A convicção plena, às vezes, é um tanto desamparada.

Este artigo não trata do mistério da fé, mas da força da esperança, que é o cerne da mensagem cristã, como queria o apóstolo Paulo: "É na esperança que somos salvos". O que ganha quem se esforça para roubá-la do homem, fale em nome da Razão, da Natureza ou de algum outro Ente maiúsculo qualquer? E trato da esperança nos dois sentidos possíveis da palavra: o que tenta despertar os homens para a fraternidade universal, com todas as suas implicações morais, e o que acena para a vida eterna. O ladrão de esperanças não leva nada que lhe seja útil e ainda nos torna mais pobres de anseios.

O cristianismo já foi acusado de morbidamente triste, avesso à felicidade e ao prazer de viver, e também de ópio das massas, cobrindo a realidade com o véu de uma fantasia conformista, que as impedia de ver a verdade. Ao pregar o perdão, dizem, é filosofia da tibieza; ao reafirmar a autoridade divina, acusam, é autoritário. Pouco afeito à subversão da autoridade humana, apontam seu servilismo; ao acenar com o reino de Deus, sua ambição desmedida. Em meio a tantos opostos, subsiste como uma promessa, mas também como disciplina vivida, que não foge à luta.

Precisamos do Cristo não porque os homens se esquecem de ter fé, mas porque, com freqüência, eles abandonam a Razão e cedem ao horror. Sem essa certeza, Darfur — a guerra do forte contra o indefeso, da criança contra o fuzil, do bruto contra a mulher —, uma tragédia que o mundo ignora, seria ainda mais insuportável.

SE O QUE VOCÊ TEM NA CABEÇA NÃO FOSSE IMPORTANTE, O CARA QUE CONTRATA GRANDES TALENTOS NÃO SE CHAMARIA HEADHUNTER.

Carreira, negócios
e estilo de vida. TV Ideal.
Perto de quem vai longe.

idealTV

www.idealtv.com.br

CANAIS Abril

| JWT.COM.BR

TVA: canal 70 (São Paulo, Rio de Janeiro e Curitiba), canal 56 (Florianópolis, Camboriú e Foz do Iguaçu) e canal 76 (Curitiba - analógico). Telefônica TV Digital: canal 367 (Estado de São Paulo). TVN: canal 81 (São Luís/MA).

Tomorrow, inshallah: "Amanhã, se Alá quiser". A frase, parte em inglês, parte em árabe, é repetida em tom monocórdio nas repartições públicas do Sudão, como resposta aos estrangeiros que cobram a autorização do governo para viajar a Darfur, no oeste do país. A guerra civil na região provocou uma crise humanitária de proporções épicas. Quase metade dos 6 milhões de habitantes de Darfur vive em aglomerações humanas improvisadas, os campos de deslocados internos — ou, simplesmente, refugiados. Outros 2 milhões de pessoas ainda não deixaram suas aldeias, mas foram afetadas pela destruição de lavouras ou pela morte de familiares. A exigência da permissão a estrangeiros para viajar à zona de conflito é uma tentativa do governo de sonegar ao resto do mundo dados e imagens dos horrores cometidos em Darfur. O ditador sudanês Omar al-Bashir, que chegou ao poder em 1989 em um golpe organizado por fundamentalistas islâmicos, tem mesmo o que esconder. Com a justificativa de combater rebeldes que lutam contra o regime, o governo do Sudão bombardeia aldeias e apóia os *janjaweeds,* milícias autoproclamadas árabes cuja missão é limpar Darfur de outras etnias. Ao todo, já morreram 300 000 pessoas. Hoje, os ataques acontecem com menos intensidade do que no início da guerra, em 2003 e 2004. Mas não são números que definem um genocídio.

Cinco anos atrás, quando a opinião pública do planeta começou a ser informada sobre a matança em Darfur, havia a convicção de que as organizações mundiais provariam sua capacidade de impedir, às portas do século XXI, extermínios como os que assolaram a história dos 100 anos anteriores. Hoje, os fatos atestam que tal desígnio fracassou. Este mês marca o aniversário de sessenta anos da assinatura da Convenção para a Prevenção e Punição do Genocídio da Organização das Nações Unidas, que definiu como crime internacional a tentativa de destruir a totalidade ou parte de um grupo nacional, étnico, racial ou religioso. Segundo o texto da ONU, não é preciso

LYNSEY ADDARIO/CORBIS/LATINSTOCK

REINÍCIO *Uma mulher tenta reconstruir uma cabana, dias depois de sua aldeia, em Darfur do Oeste, ter sido bombardeada pela Força Aérea sudanesa, em fevereiro*

haver assassinatos em massa para que um crime seja classificado como genocídio. Impor condições de vida subumanas a um grupo de pessoas semelhantes entre si, com o objetivo de levar à sua destruição física, também se enquadra nos critérios da convenção. É o que ocorre em Darfur. O número de combatentes e civis mortos de maneira violenta caiu de 4500 em 2006 para 3000 no ano passado. O genocídio silencioso, no entanto, segue seu curso. Desde o início deste ano, 300000 pessoas foram obrigadas a deixar suas casas, suas pequenas lavouras e suas terras. Elas fogem dos ataques a suas aldeias, do estupro coletivo e da desertificação do Sahel, a faixa semi-árida ao sul do Deserto do Saara que domina a paisagem local.

Vista do alto, Darfur é uma região predominantemente desértica, entrecortada de leitos secos de rios. Sazonais, eles só têm água durante três meses por ano, em média. De perto, a aridez é amenizada pelo colorido dos panos usados pelas mulheres muçulmanas para se cobrir e pela existência de uma vegetação esparsa que exibe improváveis árvores frondosas, como mangueiras. Sob uma delas, na cidade de El Fasher, capi-

FOTOS LYNSEY ADDARIO/CORBIS/LATINSTOCK

SEM CONTROLE *No alto, soldados nigerianos da Unamid em patrulha em El Geneina. Acima, adolescentes de uma milícia que recebe guarida do regime sudanês em Darfur e às vezes entra em confronto com rebeldes da região, como os da foto ao lado*

GRANDE E TURBULENTO

SUDÃO

TERRITÓRIO
2,5 milhões de quilômetros quadrados, quase o tamanho da Argentina

POPULAÇÃO
40 milhões, equivalente à da Espanha

CAPITAL
Cartum
4 milhões de habitantes

PIB EM DÓLARES
49 bilhões, equivalente a 4% do brasileiro

DARFUR
(região que compreende os estados de Darfur do Norte, Darfur do Sul e Darfur do Oeste)

TERRITÓRIO
440000 quilômetros quadrados, maior que o Paraguai

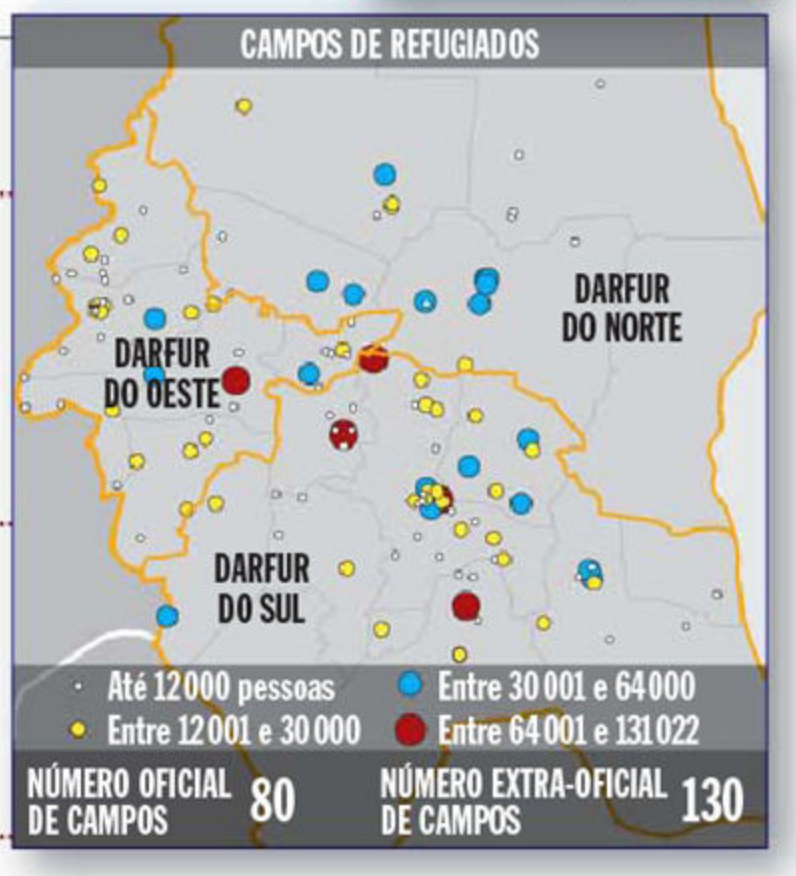
POPULAÇÃO
6 milhões

POPULAÇÃO AFETADA PELA GUERRA
4,7 milhões

REFUGIADOS INTERNOS
2,7 milhões

MORTOS NA GUERRA DESDE 2003
300000

DIVISÃO ÉTNICA
37 tribos (a etnia fur é a mais numerosa, com 40% da população da região)



Fonte: *Ocha/ONU*

EVELYN HOCKSTEIN/POLARIS

tal de Darfur do Norte, rebeldes de uma das facções do Exército de Libertação do Sudão (SLA, na sigla em inglês) aproveitam a sombra para conversar sentados em cadeiras de plástico ou apoiados em seus Kalashnikov, com os quais dão sua contribuição às atrocidades da guerra. Cinco vezes ao dia, eles estendem seus tapetes e rezam voltados para Meca, enquanto o fuzil automático repousa ao lado. Entre as casas de alvenaria de El Fasher, construídas sobre a areia fofa, os carros traçam aleatoriamente o percurso das ruas.

Essa Darfur quente, de natureza hostil, é dividida em três estados: o já citado Darfur do Norte, o do Sul e o do Oeste. Juntos, representam quase um sexto do território do Sudão, o maior país da África. A fé da maioria da população é o islamismo — a assertiva vale também para Darfur. Há dezenove etnias no país, que por sua vez se dividem em seis centenas de tribos distintas. O nome Sudão tem origem na palavra "negro", em árabe. "Terra dos negros": era assim que os mercadores e traficantes de escravos vindos do Oriente Médio — introdutores do islamismo a partir do ano 1 000, em substituição ao cristianismo — se referiam ao atual território sudanês. Um milênio de miscigenação fez com que em todas as tribos predominasse o mesmo tom de pele muito escuro, inclusive naquelas que se definem como "árabes". A identificação étnica, hoje, tem mais a ver com hábitos culturais, como o nomadismo, do que com a aparência física. Desde a independência do Império Britânico, em 1956, os "árabes" do norte do país detêm o monopólio do poder político e econômico, concentrado na capital, Cartum. Negligenciado pelo centro do poder, o sul, de maioria africana e católica, deflagrou em 1983 uma guerra de secessão que levaria à morte de 2 milhões de pessoas. Um acordo firmado em 2005 acabou com o conflito, dando mais autonomia e mais dinheiro aos estados do sul do país. Foi quando o sul e o norte iniciaram as conversações de paz, que deflagraram uma nova guerra civil em Darfur, onde havia décadas tribos majoritárias se sentiam prejudicadas pelos sucessivos governos corruptos de Cartum. A população da região, quase toda muçulmana, é formada por dezenas

de tribos, divididas entre as que também se dizem árabes, em geral nômades e pastoris, e outras de cultura eminentemente africana, de hábitos sedentários e dedicadas à agricultura. A violência étnica, que já era parte do cotidiano local havia séculos, exacerbou-se quando milícias "árabes" começaram a ser armadas por encrenqueiros — inclusive externos, como Muamar Kadafi, ditador da Líbia. Para complicar, grupos armados do Chade, empenhados em derrubar o governo de seu país, usam a região sudanesa como refúgio.

Os rebeldes de Darfur, no começo da década, eram formados exclusivamente por membros de etnias como os furs, os zaghawas e os masalits, que se viram obrigados a se armar para proteger suas terras dos *janjaweeds*. O governo sudanês reagiu aos primeiros ataques dos rebeldes, ampliando assim seu apoio às milícias. Na prática, isso significou armar os *janjaweeds* e preparar o terreno para os seus ataques. Há relatos de aldeias que foram cercadas pelo Exército sudanês, para que ninguém fugisse antes de os *janjaweeds* entrarem, saquearem, matarem indiscriminadamente e reunirem as mulheres para estupros coletivos. Hoje, os rebeldes provêm de todas as etnias da região — porque a guerra contra elas é total. "Em Darfur, os árabes e os africanos se parecem uns com os outros. Foi a propagação da ideologia da supremacia islâmico-árabe entre os povos nômades do deserto que levou negros a matar negros," explica o historiador Muhammad Jalal, da Universidade de Cartum.

A reportagem de VEJA visitou, no mês passado, cinco campos de refugiados nos três estados de Darfur. As histórias dos moradores desses campos se repetem com variações ínfimas: suas aldeias foram bombardeadas; seus familiares, assassinados pelas milícias; suas mulheres, raptadas e violentadas. Ou: a aldeia vizinha foi atacada e eles acharam que seriam os próximos. Ou: houve combates entre rebeldes e *janjaweeds*, a aldeia foi afetada, suas lavouras foram queimadas e o gado, roubado. "Meus irmãos foram assassinados a tiros e minha casa, incendiada pelos *janjaweeds*", conta Fatima Adam Abdala, de 30 anos. Na fuga, ela caminhou durante dois dias até chegar ao campo

DIOGO SCHELP

“Eu entrei para o SLA em 2003, depois que minha aldeia foi atacada e as milícias cometeram o primeiro estupro em massa da guerra. Na ocasião, meu irmão foi assassinado brutalmente na frente da minha mãe. Ela morreu no ano passado em um campo de refugiados no Chade.”

COMANDANTE ADAM ALI WAR, *membro de uma das facções do Exército de Libertação do Sudão (SLA, na sigla em inglês). Na foto ao lado, Adam está no centro, entre dois rebeldes do grupo, em El Fasher*

de Kalma, em Darfur do Sul, onde vive hoje. Um dos homens responsáveis por proteger a população civil de ataques como esses é o general Henry Anyidoho, de Gana, vice-representante especial da Unamid, a força de paz conjunta da ONU e da União Africana em Darfur. Na tarde de 23 de novembro, um domingo, Anyidoho recebeu VEJA para uma entrevista em seu contêiner com ar condicionado no quartel-general da Unamid, em El Fasher. No mesmo dia, a 100 quilômetros a noroeste dali, uma aldeia foi bombardeada pela Força Aérea sudanesa, informação que só chegou ao comando da Unamid 48 horas depois. O episódio demonstra a impotência dos mecanismos aos quais foi confiada a tarefa de impedir o genocídio que adentra o século XXI.

A missão de paz integrada por Anyidoho não é omissa. Ela simplesmente não conta com o contingente e o equipamento necessários para cumprir seu mandato de impor a paz em Darfur — à força, se necessário. A resolução da ONU que criou a Unamid se dispôs a enviar 26 000 homens e 24 helicópteros militares à região. Hoje, há apenas 9 300 capacetes azuis (a cor das Nações Unidas) para monitorar um território do tamanho do Paraguai (outros 2 400 devem chegar ainda neste mês). E nenhum helicóptero. Repita-se: nenhum. Em julho passado, um comboio da Unamid foi pego numa emboscada por uma milícia com duas centenas de homens armados. No embate, sete soldados da força de paz morreram. Se houvesse helicópteros militares, os 22 feridos poderiam ter sido evacuados em vinte minutos. Como não havia, o resgate levou três horas. Uma missão de paz depende da boa vontade das nações para receber soldados e veículos emprestados. “Quem sabe o governo brasileiro não pode ceder alguns de seus aviões militares da Embraer?”, diz Anyidoho. Ele está acostumado a não ser ouvido. No início da década de 90, o general ganense de 120 quilos era o segundo no comando da força da ONU em Ruanda, quando 800 000 tútsis foram massacrados por milícias hutus. Anyidoho e seu chefe, o general canadense Roméo Dallaire, alertaram a comunidade internacional sobre a limpeza étnica antes que ela acontecesse e pediram ao Conselho de Segurança mais soldados e autorização para impedir a matança. Em vez disso, foram ignorados e impedidos de interceder no que o presidente americano Bill Clinton chamou, na ocasião, de “assunto interno de Ruanda”. Anyidoho assistiu impotente ao genocídio.

Em relação a Darfur, para contrabalançar a ineficácia da missão de paz propriamente dita, está em curso uma operação de ajuda humanitária que atenua as vicissitudes dos refugiados. Graças a ela, a taxa de desnutrição caiu pela metade nos últimos anos. Atuam na região dezesseis agências da ONU e 85 ONGs, que prestam serviços como atendimento de saúde e distribuição de comida. Para cada 366 habitantes de Darfur, há um trabalhador humanitário. Entre eles, Mauricio Burtet, de 32 anos, um gaúcho hiperativo que trabalha em El Fasher como chefe de campo do Programa Alimentar Mundial (PAM), agência da ONU especializada em distribuição de comida em situações de emergência. Burtet explica a dificuldade de trabalhar na região: “As cotas de comida que conseguimos distribuir a cada pessoa estão abaixo do ideal, porque nossos carregamentos têm sido roubados e nossos motoristas, seqüestrados”. Só neste ano, 100 caminhões do PAM desapare-

“Voltar para minha aldeia natal é um sonho distante. Mesmo que se firme a paz, não podemos retornar sem ter condições mínimas de sustento ou serviços básicos de educação e saúde. Aqui, dou aulas de inglês, mas preferia ter um emprego em uma agência da ONU em Darfur.”

YUSSUF IBRAHIM, *de 25 anos, do campo de Hamadiya. A guerra o obrigou a interromper a faculdade de direito. Três de seus irmãos e duas irmãs foram mortos a tiros pelos* janjaweeds

FOTOS EVELYN HOCKSTEIN

ceram nas mãos de bandos armados, que ninguém sabe identificar se são *janjaweeds*, rebeldes ou um dos grupos criminosos sem filiação política que proliferam em Darfur, onde um AK-47 pode ser comprado por 100 dólares. Nos morros cariocas, custa 120 vezes mais.

As organizações de ajuda e a Unamid enfrentam uma situação paradoxal em Darfur. Elas estão lá para proteger a população civil, mas, para atuar, dependem da boa vontade do governo sudanês — algoz dos refugiados. A Unamid, por exemplo, precisa importar milhares de toneladas de equipamentos para suas tropas, de material de escritório a veículos blindados. Com freqüência, os fiscais do governo sudanês levam meses para liberar os contêineres da Unamid na alfândega. Os trabalhadores humanitários passam por dificuldades semelhantes com a burocracia estatal. A atividade das ONGs ficou ainda mais penosa depois do indiciamento de Omar al-Bashir, em julho passado, pelo promotor-chefe do Tribunal Penal Internacional (TPI), o argentino Luis Moreno-Ocampo. O ditador foi indiciado por genocídio, crimes contra a humanidade e crimes de guerra em Darfur. Se os juízes do TPI acatarem a acusação, uma decisão a ser tomada nos próximos meses, Al-Bashir não poderá mais viajar a nenhum país signatário do tribunal internacional, incluindo o Brasil. Ele será preso se o fizer. Com isso, Moreno-Ocampo criou um motivo a mais para os burocratas sudaneses, afundados em seus sofás velhos nos prédios públicos decrépitos de Cartum, repetirem seu mantra: *“Tomorrow, inshallah”*. Não surpreende que os funcionários da ONU e das ONGs humanitárias critiquem Moreno-Ocampo, a quem acusam de exibicionismo e de não pensar nas conseqüências políticas de suas decisões. “Nunca ouvi dizer que a Argentina tivesse bons advogados”, ironiza o etíope Abdul Mohammed, diretor do departamento político da Unamid.

Para além do destemor, os oficiais da missão de paz — que se dividem entre militares e policiais — têm em comum o abatimento. “Temos uma missão impossível”, diz William Caine, um policial inglês aposentado. De dentro do quartel-general da Unamid em El Fasher, ele aponta para o campo de Abu Shouk, com cerca de 50000 pessoas, onde os capacetes azuis fazem patrulhas durante o dia. Não há contingente para fazer o mesmo à noite, quando ocorrem tiroteios e raptos de mulheres. Entre suas tarefas está uma paradoxal: treinar a polícia sudanesa dentro de padrões de respeito aos direitos humanos e tentar estabelecer um elo de confiança entre essas forças de segurança e os refugiados. “Como fazer isso se a polícia daqui representa o mesmo governo que os ataca?”, pergunta-se Caine.

Que o digam os refugiados de Kalma, em Darfur do Sul. Na manhã do dia 25 de agosto, a polícia sudanesa tentou entrar em Kalma, campo com mais de 80000 pessoas, para procurar por armas e rebeldes. Trinta e três moradores foram mortos e setenta feridos, incluindo mulheres grávidas e crianças. “Ainda tenho medo de que isso possa se repetir”, diz Fatima Adam Hamis, de 20 anos, que teve uma irmã e um sobrinho feridos no episódio. O psiquiatra Alberto Hexsel, de 54 anos, gaúcho de Passo Fundo, que passou alguns meses trabalhando para a organização Médicos sem Fronteiras, estava próximo a Kalma quando o ataque aconteceu. Ele participou do socorro aos feridos. “Nós entramos no campo horas depois e, além de muito sangue no local do massacre, vimos chinelos e sapatos espalhados, deixados para trás durante a correria”, conta Hexsel. Como na maioria dos campos, os refugiados de Kalma vibraram ao saber que Al-Bashir havia sido indiciado pelo Tribunal Penal Internacional. Mas, também a exemplo

do que ocorre nos outros campos, não esperam que o ditador seja preso ou deposto para tentar melhorar sua vida.

Depois de quatro ou cinco anos morando de maneira improvisada, os refugiados procuram dar a suas cabanas um aspecto menos precário. Uma das atividades mais dinâmicas nos arredores dos campos é a produção de tijolos. Entre Abu Shouk e Al Salaam, em Darfur do Norte, o terreno ganhou um aspecto de queijo suíço, com centenas de crateras de onde mulheres, homens e crianças cortam pequenos blocos de barro. Em Hamadiya, em Darfur do Oeste, próximo a Jebel Marra, montanha dominada por rebeldes, as acácias e palmeiras foram derrubadas para alimentar o fogo dos fornos de fabricação de tijolos. Sobraram alguns poucos baobás, árvores de caule largo, comuns na savana africana. Com o tempo, as cabanas de palha ou tendas estão sendo substituídas por casas com paredes de barro ou tijolo artesanal. Taiba, em Darfur do Oeste, e outros campos habitados por clãs árabes são uma exceção. Com medo da guerra, seus moradores abandonaram os hábitos nômades, mas mantiveram a tradição de viver em cabanas de palha efêmeras.

Os campos de refugiados são verdadeiras bombas populacionais: a maioria continua recebendo milhares de pessoas por ano. Elas buscam desesperadamente um lugar onde possam ter alguma sensação de segurança, por menor que seja. "A maioria dos campos está à distância de um dia de caminhada de uma base da Unamid", diz o diretor de Informação Pública Kemal Saiki, um argelino que usa um relógio em cada pulso, come falafel três vezes por dia e já serviu em meia dúzia de missões de paz ao redor do mundo. Nos campos, os refugiados têm condições mínimas de se sustentar por conta própria, pois não há espaço para plantar ou manter uma criação numerosa de bodes e camelos. "Tenho uma pequena plantação a três horas de caminhada do campo", diz Tigani Bilal Suleiman, de 55 anos, morador de Al Salaam que consegue com isso obter uma renda equivalente a 2 dólares por dia. Outros homens tentam algum subemprego nas cidades e as mulheres recolhem lenha para vender, sob o risco de serem estupradas nos arredores do campo. "A violência sexual é um problema real em Darfur, mas o governo quer abafar o assunto, impedindo as ONGs de criar programas de apoio psicológico às mulheres", disse a VEJA o subsecretário-geral da ONU para Assuntos Humanitários, John Holmes.

O ponto de encontro de trabalhadores de organizações de ajuda humanitária, funcionários da ONU e jornalistas, enquanto lutam contra a burocracia montada para impedi-los de ir a Darfur, é Cartum. A capital do Sudão é uma introdução eloqüente ao país. O banheiro do Ministério das Relações Exteriores não tem vaso sanitário, apenas um buraco no chão. Os diplomatas saem dali e têm de limpar a sola dos sapatos no tapete vermelho do corredor. Com exceção de algumas poucas vias principais, as ruas de Cartum são de terra, inclusive no centro da cidade. Como chove muito pouco — 150 milímetros por ano, um décimo da média de Brasília —, isso faz da capital

"Quando fugi de minha aldeia, caminhei durante dois dias para chegar aqui. Às vezes, o governo cerca o campo e passamos cinco dias sem poder sair para trabalhar."

FATIMA ADAM ABDALA, *de 30 anos, que vive há cinco no campo de refugiados de Kalma. Ela não acredita que um dia poderá voltar para casa*

LYNSEY ADDARIO/CORBIS/LATINSTOCK

VISADAS *Mulheres de Hamadiya voltam de mercado na cidade de Zalingei, em Darfur do Oeste: afastar-se do campo de refugiados é arriscado, por causa dos estupros freqüentes*

sudanesa um lugar empoeirado e marrom. Nem o fato de a cidade estar situada junto ao encontro dos rios Nilo Azul e Nilo Branco salva a paisagem.

Não há muito que fazer na capital. Os canais de televisão abertos são controlados pelo governo. Os jornais, censurados. "Todas as tardes, um funcionário da segurança nacional vem à redação para vetar os artigos que falem do indiciamento de Al-Bashir, de Darfur ou dos desastres ambientais causados pela exploração de petróleo", diz Omuno Otto, membro do conselho editorial do jornal *Khartoum Monitor*. Apenas um em cada 126 sudaneses tem acesso à internet. No Brasil, a média é de um em cada cinco habitantes. Quando podem, os sudaneses embebedam-se às escondidas, trancados em casa, já que a lei islâmica pune com chicotadas o consumo de álcool. Traficantes etíopes oferecem cerveja e uísque nas calçadas do centro, como se vendessem maconha. Uma garrafa do uísque Johnnie Walker Red Label sai por 100 dólares no mercado negro, três vezes mais do que num supermercado brasileiro. Em maio deste ano, o tédio foi interrompido quando um grupo de rebeldes de Darfur, o Movimento da Justiça e Igualdade, ocupou por um dia um subúrbio de Cartum, depois de atravessar 600 quilômetros de deserto. Pela aparência e falta de infra-estrutura, Cartum faz jus à condição de capital de um dos países mais pobres do mundo. O Sudão está logo abaixo do Haiti no ranking do índice de desenvolvimento humano da ONU. A taxa de mortalidade infantil sudanesa é uma das quinze mais altas do planeta. O serviço de saúde gratuito praticamente inexiste. Mesmo o cidadão mais pobre, quando vai a um hospital público, tem de pagar. As clínicas particulares parecem cortiços. A qualidade dos médicos é tão baixa que, com freqüência, o paciente sai da consulta com três diagnósticos diferentes e a orientação para fazer tratamento para todos eles, por garantia.

As condições de vida dos sudaneses contrastam com os recursos naturais de seu país. A exportação de petróleo estimula um crescimento econômico que, no ano passado, foi de 12,4%. Isso faz do país a segunda economia que mais cresce na África, atrás apenas de Angola. Sob sanção econômica dos Estados Unidos desde 1997, por apoio ao terrorismo islâmico e pelo conflito em Darfur, o Sudão está à margem do sistema financeiro mundial. Todo viajante no país se torna um cofre ambulante, já que cartões de crédito não são aceitos e é preciso carregar dinheiro em espécie. O isolamento aproximou o Sudão da China, hoje seu maior parceiro comercial e investidor. Os chineses são os maiores acionistas da principal empresa petrolífera do país e dominam os contratos na área de infra-estrutura, onde ainda há tudo por fazer: o Sudão tem apenas 3000 quilômetros de estradas e ruas asfaltadas, das quais quase metade foi construída pelo terrorista Osama bin Laden, que viveu em Cartum na década de 90 a convite do governo. Os interesses econômicos da China no Sudão deram a Al-Bashir um aliado com poder de veto no Conselho de Segurança da ONU. Isso explica em parte por que é tão difícil aprovar resoluções de represália ao seu governo — outra razão é a ajuda que o Sudão recebe de países como o Brasil, que se absteve em 2006 numa votação da ONU que visava a exigir a investigação dos crimes em Darfur. Quando permite a aprovação de sanções, a China não as respeita: o país asiático vende equipamentos militares às forças sudanesas, apesar da resolução das Nações Unidas que proíbe o comércio de armamentos com o país africano.

Há um consenso de que a crise humanitária em Darfur só terá fim com negociações de paz que incorporem os líderes rebeldes à política nacional, como ocorreu no acordo que acabou com a guerra civil entre o norte e o sul do país. Uma tentativa de colocar rebeldes e o ditador Al-Bashir para negociar está sendo feita pelo governo do Catar, no Oriente Médio. O problema é que Al-Bashir já descumpriu outros acordos de cessar-fogo. Por isso, são exigidas do seu governo quatro provas de confiança. A primeira será admitir que os habitantes de Darfur foram vítimas de atos criminosos por parte do estado, cuja obrigação era protegê-los. A segunda será compensar financeiramente os afetados pela guerra. A terceira será abolir a divisão de Darfur em três estados, uma medida adotada na década de 90 para enfraquecer a oposição. Por fim, mas não nessa ordem, o governo deverá cessar por completo os bombardeios e iniciar o desarmamento das milícias. Este será o maior desafio porque, como diz o ditado sudanês, dar comida ao leão é fácil. Difícil é tirar. O indiciamento de Al-Bashir irritou o regime militar do Sudão e atrapalhou o trabalho das organizações internacionais no país. Mas criou uma oportunidade: Darfur voltou ao centro das preocupações dos políticos do país e há uma convicção generalizada de que é preciso encontrar uma saída para a região. Esse pode ser o primeiro passo para a paz. *Inshallah.* ■

SLIDESHOW E ENTREVISTA EM veja.com
www.veja.com.br

A porta ganhou guirlanda.
A árvore, luzinhas novas.
E a cozinha, não ganha nada?

Linha Cozinha Britânia.
Os presentes mais esperados do Natal.

BRITÂNIA
Em uma marca, todas as soluções

ESCALA

Auto-Retrato

Christopher Ciccone

STEVE GRANITZ/WIREIMAGE/GETTY IMAGES

Irmão mais novo da cantora Madonna, Christopher Ciccone passou dezoito anos trabalhando com a estrela do pop. A convivência foi interrompida há cinco anos, quando Madonna descobriu que o irmão usava drogas. Recentemente, Christopher lançou o livro *A Vida com Minha Irmã Madonna* (Editora Planeta), no qual desfia histórias sobre Madonna e aqueles que a cercam, como o ex-marido Guy Ritchie. Christopher conversou por telefone com o repórter Sérgio Martins.

É bom ou ruim ser o irmão de Madonna? Quando nos falávamos, era bom. Eu ia a todas as festas, com bebida liberada. Foi inesquecível dirigir alguns de seus clipes e, sobretudo, conhecer Gene Kelly, um dos meus ídolos, que fez coreografias para minha irmã. Assim que brigamos, contudo, pessoas que antes me tratavam muito bem se esqueceram de mim. Esse foi um lado ruim, cruel.

Qual rejeição o deixou magoado? Sem dúvida, a de Demi Moore. Tivemos nossos atritos, é verdade. Certa vez, ela pediu que eu decorasse o quarto de seus filhos sem ao menos perguntar se eu cobraria pelo serviço. Sabe o que fiz? Comprei móveis numa loja popular e mandei entregar na casa dela. Para mim, foi uma maneira educada de dizer "Vê se se enxerga". Mas sempre achei que ela fosse minha amiga. Desde que briguei com Madonna, nunca mais recebi uma ligação sua. Isso me deixou triste. Ela é uma mimada e me usou como se eu fosse um animal de estimação.

Madonna deixou de falar com o senhor por causa do seu vício em drogas. O senhor está curado? Meu grande vício sempre foi Madonna. Ela preencheu anos e anos da minha vida. Quanto às drogas, digamos que tenho um lado negro que preciso alimentar de vez em quando.

Qual foi a reação de Madonna ao seu livro? Quando soube que eu estava escrevendo a seu respeito, Madonna disse a nosso pai que não gostaria de lê-lo. Seu advogado mandou uma carta ameaçando-me de processo. Até agora, não sofri nenhum tipo de retaliação. Não há nada no livro que possa provocar um processo. Além disso, a vida pessoal de minha irmã anda tão atribulada que ela mal deve ter tido tempo de prestar atenção no livro.

Por que expor a intimidade de sua irmã? Sei o que você está pensando: o ressentido que não fala com a irmã famosa resolveu vingar-se. Mas eu não fiz um livro sensacionalista. *A Vida com Minha Irmã Madonna* traz detalhes preciosos sobre sua carreira, bem como informações sobre como ela se prepara para cada turnê.

O senhor ficou surpreso com o anúncio do divórcio de Madonna e Guy Ritchie? Meu pai e meus irmãos sabiam que o casamento estava naufragando. Nunca comentaram nada comigo, por causa da briga que existe entre nós. No fundo, eu sabia que o casamento não daria certo. Guy é um sujeito problemático. Madonna nunca achou de verdade que ele fosse o homem de sua vida.

Sua irmã envelhece bem? É difícil chegar aos 50 anos, ser ainda desejável e entreter uma platéia noite após noite, como ela faz. Minha irmã realizou as plásticas indispensáveis, no que fez muito bem. Eu também pretendo entrar na faca quando envelhecer.

Correm notícias de que o senhor está escrevendo outro livro. Deixe-nos adivinhar: será sobre Madonna? Vou fazer muitas coisas. Um musical sobre uma diva e seu secretário. Um filme sobre um serial killer que ataca na Califórnia — e que talvez tenha sósias das amigas de Madonna entre suas vítimas. E um livro, sim, mas sobre minha experiência como gay.

"Meu vício sempre foi Madonna. Ela preencheu anos da minha vida"

PLANETA
sustentável
conhecimento por um mundo melhor

Sujeira e água não combinam

Um terço da poluição do rio Tietê, em São Paulo, tem origem no lixo jogado nas ruas. Nós podemos mudar essa situação. O primeiro passo é depositar o lixo no lugar certo.

Abril · BANCO REAL GRUPO SANTANDER · CPFL ENERGIA · BÜNGE · sabesp · PETROBRAS

ideias inovadoras em ambiente, energia, negócios, urbanismo, consumo, lixo, desenvolvimento, saúde e educação

VEJA O QUE ESTÁ ACONTECENDO E O QUE VOCÊ PODE FAZER EM **www.planetasustentavel.com.br**

A LOIRA GELADA QUER CALOR

Para a maioria das pessoas, a diferença entre um verão quente e um muito quente é irrelevante. Para muitas empresas, ela se tornou um fator decisivo para o lucro ou o prejuízo

RENATA MORAES

Quando uma onda de calor atingiu o litoral paulista em meados de 2006, a fabricante de sorvetes Portofino foi a única grande empresa do setor incapaz de suprir o aumento repentino na demanda. Suas principais concorrentes tinham a informação na manga, fornecida por serviços privados de meteorologia. Já haviam reforçado o estoque e a distribuição. Esse é apenas um exemplo de como a antecipação de tendências climáticas se tornou essencial para fabricantes e prestadores de serviços. A cada 1% de aumento na temperatura atmosférica, o consumo de cerveja cresce 0,28%. Esse pequeno porcentual, aparentemente irrelevante, é vital para o setor. Os brasileiros bebem mais de 10 bilhões de litros do produto anualmente. Em um dia quente e seco de verão, com um calorão de 40 graus, são vendidos 18 milhões de latinhas a mais, em média, que em períodos mais amenos, com os termômetros ao redor dos 25 graus.

O casamento entre os negócios e a meteorologia só foi possível com o aumento da precisão dessa atividade com mais de 2000 anos de história, mas cujo salto tecnológico se acelerou nas últimas décadas. Em 1980, as previsões tinham 70% de acerto. Hoje, com supercomputadores que realizam até 60 trilhões de cálculos climáticos por segundo, elas atingem 95% quando feitas para o prazo de dois dias. Devido à relação direta entre clima e vendas, as fabricantes do setor disputam as melhores previsões. Com isso, tentam estimar, antes e melhor que seus concorrentes, em que regiões o consumo será maior. Se a temperatura passa de 20 para 30 graus, o consumo médio diário de água residencial de uma família paulistana sobe de 430 para 570 litros. "As informações climáticas tornam-se essenciais no verão. Antecipar correta-

SANTO GRAU DO VERÃO

Dados da indústria mostram o ritmo no qual o calor eleva o consumo de cerveja. A cada 5 graus a mais no termômetro, as vendas sobem 6 milhões de latinhas por dia

40°C — **46 milhões** de litros por dia, ou **132 milhões** de latinhas

35°C — **44 milhões** de litros por dia, ou **126 milhões** de latinhas

30°C — **42 milhões** de litros por dia, ou **120 milhões** de latinhas

25°C — **40 milhões** de litros por dia, ou **114 milhões** de latinhas

Fontes: *Sindicato Nacional da Indústria da Cerveja (Sindicerv) e LCA Consultores*

DOABLE/AMANAIMAGES/CORBIS/LATIN STOCK

CORBIS/LATIN STOCK

SORVETE

7 em cada **10** **casquinhas** ou **picolés** são consumidos no verão

mente o clima permite o planejamento da distribuição e evita que faltem produtos nas prateleiras nos dias de pico de consumo", afirma Marcel Sacco, diretor de marketing da Schincariol. Se uma fabricante toma conhecimento, com até quatro dias de antecedência, de que um fim de semana será mais quente e sem chuvas, consegue planejar-se para uma ação de marketing nas praias e nos bares, além de reforçar a entrega do produto. "Já tivemos pedidos inusitados, como o de um microempresário que trazia cocos do Nordeste para o Sul e o Sudeste e queria basear-se em previsões climáticas para calcular melhor a quantidade", conta André Madeira, meteorologista da Climatempo. "Nossos clientes vão da Petrobras, que utiliza as informações climáticas para planejar seu trabalho nos campos de prospecção da costa, a empresas têxteis, que precisam saber como será a estação para organizar a confecção."

A principal fonte de dados meteorológicos brasileira é o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), órgão oficial subordinado ao Ministério da Ciência e Tecnologia. Mas os fabricantes que precisam de informações

CREASOURCE/CORBIS/LATIN STOCK

ÁGUA RESIDENCIAL

À temperatura de **20°C**, uma família gasta em média **430 litros** em um dia. Acima dos **30°C,** o consumo pode chegar a **570 litros**

REFRIGERANTE

40% do consumo concentra-se entre os meses de dezembro e fevereiro

THOM LANG/CORBIS/LATIN STOCK

mais detalhadas, de acordo com suas necessidades específicas, procuram os serviços de consultorias privadas. Para estas, prever o tempo transformou-se em um negócio lucrativo. A Climatempo, a maior do setor na América Latina, já dispõe de um canal de TV exclusivo. Outras empresas apenas produzem análises de mercado com base nas previsões meteorológicas. Uma delas é a LCA Consultores, responsável pelo estudo que relaciona a venda de cervejas ao aumento da temperatura. Segundo o economista Marcos Nascimento, autor do estudo, as informações sobre o clima são hoje decisivas no plano de negócios de diversas empresas do país: "Com base nas previsões meteorológicas, as companhias conseguem adequar a fabricação e a distribuição de seus produtos e serviços, além de planejar estratégias de marketing". A LCA também já fez trabalhos do mesmo tipo para companhias dos setores de ar-condicionado, gás residencial e energia elétrica. A indústria de sorvetes é outra que vive em torno dos meses de calor mais intenso. Mais de dois terços dos 900 milhões de litros produzidos por ano no Brasil são consumidos no verão. "Estamos tentando mudar a cultura do brasileiro de que sorvete é para dias quentes", diz Eduardo Weisberg, presidente da Associação Brasileira das Indústrias de Sorvetes (Abis). Ainda que nas regiões Norte e Nordeste o verão dure praticamente doze meses por ano, o consumo de sorvetes se concentra no Sudeste e no Sul, onde a renda é mais elevada. A multinacional anglo-holandesa Unilever, dona da marca Kibon, lança mão das previsões sobre as tendências climáticas para programar sua distribuição. Mas, segundo Sebastian Reyes, vice-presidente do segmento de sorvetes da empresa, os modelos meteorológicos precisam ser vistos com cuidado. "Eles devem ser utilizados com cautela, porque são sujeitos a alterações repentinas", afirma Reyes.

Desde a Antiguidade os gregos tentavam adivinhar os desígnios de Zeus, deus dos fenômenos atmosféricos, a fim de preparar-se para as navegações e a lavoura. Por volta do ano 350 antes de Cristo, Aristóteles escreveu o tratado *Meteorologica*, termo grego que deu origem ao nome da ciência, associando as palavras *meteoros*, como se designava tudo o que caía do céu, e *logia*, estudo. Na obra, Aristóteles descrevia os fenômenos climáticos, como o ciclo hidrológico. Por séculos a fio depois disso, a previsão do tempo baseou-se na simples observação do comportamento da natureza. E nas superstições. Os primeiros saltos tecnológicos se deram no Renascimento italiano. Com a criação de instrumentos de medição, a meteorologia começou a ganhar feições de ciência *(veja o quadro ao lado)*. Mas foi apenas com o lançamento de satélites e o desenvolvimento de computadores cada vez mais poderosos, nas três últimas décadas, que se tornou confiável. A se confirmarem as previsões dos meteorologistas, o verão de 2009 é promissor. Estima-se que fará bastante calor, com temperaturas acima das médias históricas. As vendas só deixarão de subir se a crise financeira esfriar o ânimo dos consumidores brasileiros. ■

DO BARÔMETRO AO SATÉLITE

O avanço tecnológico da meteorologia

Século XVI
Galileu Galilei criou o termômetro

Século XVII
Evangelista Torricelli desenvolveu o barômetro (para medir a pressão do ar)

1950
Foram lançados balões que mediam as condições climáticas e transmitiam os dados por rádio

1960
Foi colocado em órbita o primeiro satélite meteorológico do mundo, o americano TIROS 1

1980
Computadores passaram a cruzar dados atmosféricos e oceânicos. Previsões tinham **70%** de acerto

Hoje
Supercomputadores realizam até **60 trilhões** de cálculos climáticos por segundo

PRECISÃO DA PREVISÃO

DIAS	CONFIABILIDADE
ATÉ 2	95%
DE 3 A 5	70%
ACIMA DE 7	POUCO CONFIÁVEL

FOTOS GETTY IMAGES/KEN KAMINESKY/CORBIS/LATINSTOCK/MARGARET BOURKE-WHITE/GETTY IMAGES TIME LIFE PICTURES/GETTY IMAGES/G.A. VOLB/U.S. AIR FORCE

PARTICIPE DA EDUCAÇÃO DE SEUS FILHOS

O envolvimento dos pais é fundamental para o bom desempenho escolar. Faça como Cláudia Abreu e veja como os resultados podem ser favoráveis

"Os pais são a primeira referência ética e moral da criança", argumenta a atriz Cláudia Abreu. Como cidadã, ela acredita que o envolvimento dos pais na vida escolar dos filhos pode, inclusive, ajudar a melhorar a Educação no Brasil.

Cláudia tem razão. Pais que realmente participam da educação dos filhos, incentivando-os a estudar e mantendo contato constante com professores, são os maiores responsáveis pelo bom rendimento em sala de aula. Foi o que mostrou uma pesquisa divulgada recentemente pela Fundação Itaú Social: 70% do desempenho do estudante é influenciado pelo contexto familiar. A escola fica com os outros 30% da influência.

Essa pesquisa é a comprovação de algo que o governo brasileiro e instituições internacionais vêm percebendo há tempos: um dos fatores que causam o baixo rendimento escolar de crianças e jovens no Brasil é a falta de participação da família.

Consciente disso, a estrela da novela *Três Irmãs* procura ser o mais presente possível na vida das filhas e, mais do que isso, dar um bom exemplo.

Cláudia Abreu, atriz

TUDO COMEÇA EM CASA

Quando é consultada e ouvida pelos pais, a criança sente-se valorizada e desenvolve a capacidade de realizar escolhas. Conseqüentemente, apresenta auto-estima elevada e tira boas notas na escola. Essas foram as conclusões de um grande levantamento sobre infância e juventude publicado em 2007 por pesquisadores suíços.

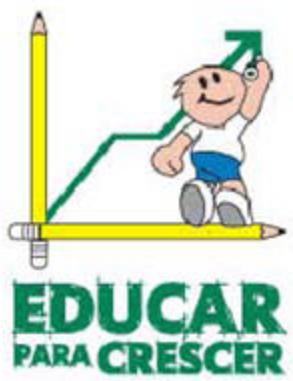
O Brasil só melhora com Educação de qualidade
E você tem tudo a ver com isso

Realização:
Abril
universidade anhembi morumbi
Mundialmente criativa e inovadora
Laureate International Universities

UM PLANO PARA AVANÇAR

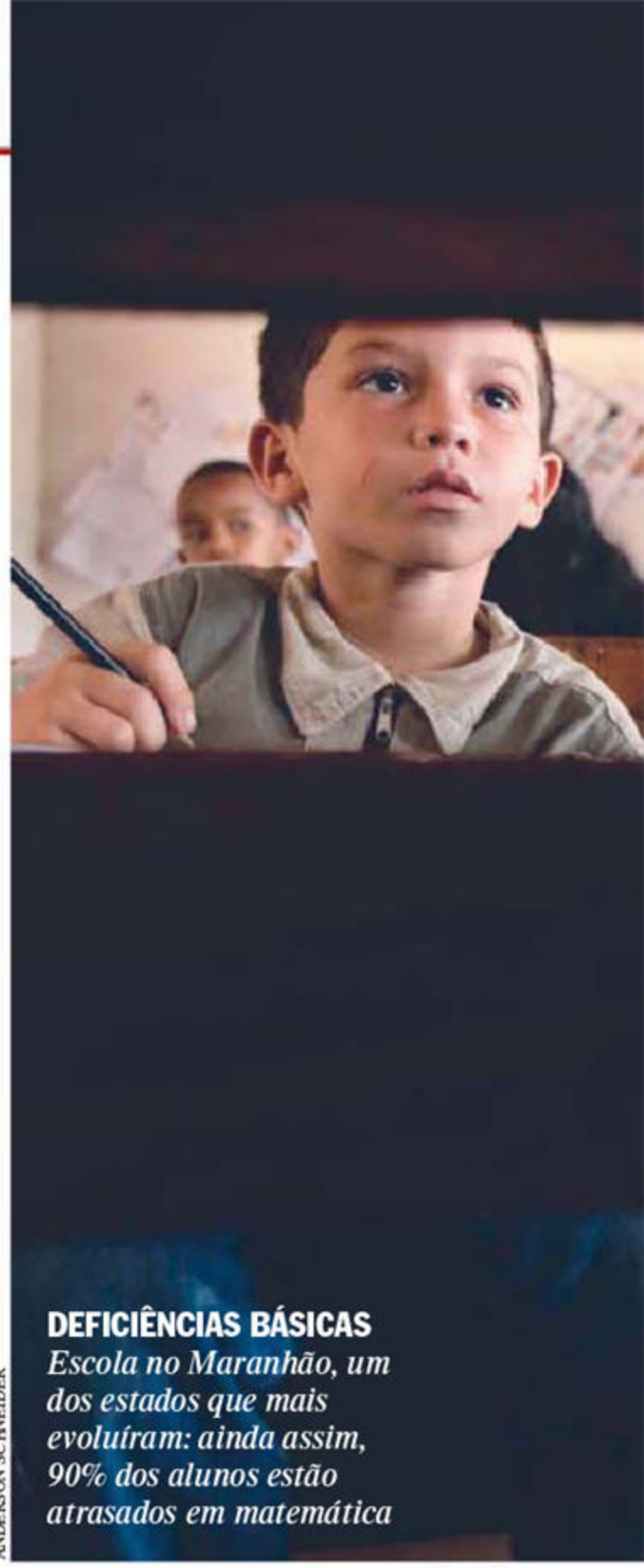
As deficiências das escolas brasileiras já foram diagnosticadas. A novidade é que o país tem agora metas concretas para a sala de aula — e prazo para cumpri-las

CAMILA PEREIRA



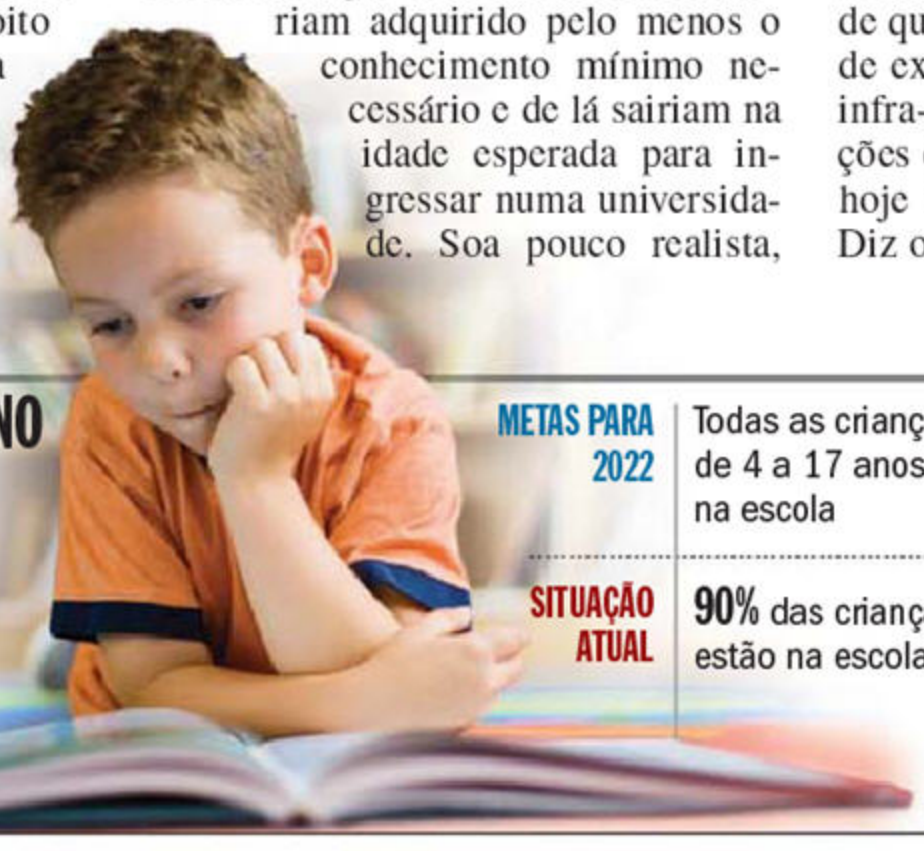
Pouco se sabia sobre as escolas brasileiras até uma década atrás. Foi apenas com o surgimento de avaliações para aferir a qualidade do ensino, nos últimos anos, que as deficiências começaram a ser finalmente medidas e diagnosticadas. Ainda assim, faltava o essencial: definir aonde, afinal, se queria chegar. Acaba de ser divulgado um novo balanço da educação no país que avança justamente nesse ponto. Há três anos, um grupo de especialistas ligados à ONG Todos pela Educação, que tem o apoio de empresários e governantes, reuniu-se para estabelecer cinco metas fundamentais para a melhoria do ensino em todos os níveis. Mais do que isso: deu prazos para o cumprimento delas, ano a ano. O próprio Ministério da Educação (MEC) e oito estados já se comprometeram a mirar nos mesmos objetivos. Algo que jamais havia ocorrido no país até então. O monitoramento constante de tais metas resultou no atual relatório. Ele mostra que o Brasil vem avançando, mas em ritmo lento *(veja o quadro)*. Nenhum estado conseguiu cumprir todas as metas. Segundo o levantamento, apenas 10% dos estudantes brasileiros se formam tendo assimilado conceitos básicos de matemática e mais da metade dos jovens não consegue concluir o ensino médio na idade adequada, só para citar alguns dos exemplos de atraso. Conclui o presidente executivo da ONG, Mozart Neves: "Se não acelerar o ritmo, o Brasil continuará bem atrás dos outros países".

As metas, que foram definidas por uma equipe de pesquisadores na área, não são exatamente conservadoras. Ao contrário. Se todas elas forem alcançadas até 2022, o Brasil terá chegado a um nível de educação semelhante ao que têm hoje alguns dos países da OCDE (organização que reúne os mais desenvolvidos). Isso significa que todas as crianças estariam na escola, teriam adquirido pelo menos o conhecimento mínimo necessário e de lá sairiam na idade esperada para ingressar numa universidade. Soa pouco realista, mas a própria experiência mostra que esse é um cenário possível. Bons exemplos vindos de escolas públicas no país (bem raros, é verdade) reforçam a idéia de que ensino de qualidade não depende exclusivamente de mais recursos e infra-estrutura. Com as mesmas condições das outras, certas escolas já estão hoje no patamar esperado para 2022. Diz o especialista José Francisco Soa-



ANDERSON SCHNEIDER

DEFICIÊNCIAS BÁSICAS
Escola no Maranhão, um dos estados que mais evoluíram: ainda assim, 90% dos alunos estão atrasados em matemática



JIM CRAIGMYLE/CORBIS/LATINSTOCK

DISTANTES DO BOM ENSINO

O balanço da educação brasileira divulgado na semana passada mostra que o país ainda precisa melhorar muito para atingir as metas traçadas para 2022

METAS PARA 2022	Todas as crianças de 4 a 17 anos na escola	Todas as crianças plenamente alfabetizadas até os 8 anos
SITUAÇÃO ATUAL	90% das crianças estão na escola	88% das crianças são consideradas alfabetizadas, mas muitas delas ainda revelam dificuldades básicas de leitura e escrita

Quando o nível é mais alto, no entanto, avançar requer um esforço maior. "O desafio deixa de ser colocar crianças na sala de aula e passa a ser a busca por um bom ensino", resume o especialista Claudio de Moura Castro. Ainda que muitos desses estados já comecem a adotar um conjunto de boas práticas em sala de aula, os resultados demoram a aparecer.

O estabelecimento de metas de longo prazo, sem o abandono delas a cada troca de poder, foi a base para que países como Irlanda e Coréia do Sul dessem um salto na educação. Ao se manterem firmes num mesmo plano por décadas a fio, esses países chegaram exatamente aonde queriam. No caso brasileiro, o fato de a iniciativa ter partido de uma organização independente do governo reduz os riscos de descontinuidade, um obstáculo para a melhoria do ensino. O atual relatório se soma às várias avaliações oficiais que vêm se encarregando de traçar um retrato preciso da sala de aula. Não há mais dúvidas quanto às deficiências. Resta, agora, o desafio de empreender um esforço contínuo para chegar ao patamar planejado, como propõe o novo relatório. Só assim o Brasil terá chances de deixar os últimos lugares nos rankings de educação. ■

res: "Com um atraso tão grande, não resta outra opção ao Brasil senão correr atrás da excelência".

O detalhamento das metas por estado mostra que cumpri-las não é uma tarefa simples. Ao apontar os que mais (e os que menos) conseguiram avançar, o trabalho lança luz sobre um desafio a ser enfrentado. Enquanto os estados que partiram de um patamar mais baixo, como Paraíba e Amazonas, progrediram no ritmo previsto, os melhores em educação no país revelaram certa lentidão, caso de Minas Gerais e Rio Grande do Sul. É natural que aqueles que sofrem com os piores indicadores tenham mais facilidade em evoluir. Suas fragilidades, afinal, são tão básicas que intervenções muito simples costumam produzir algum impacto.

Todos os alunos com aprendizado adequado à sua série	Todos os jovens com o ensino médio concluído até os 19 anos	Investir **5%** do PIB na educação
No fim do ciclo escolar, **10%** dos alunos têm o nível de conhecimento esperado em matemática	Esse é o caso de **45%** dos jovens	O Brasil investe **3,7%** do PIB

ESTADOS QUE CUMPRIRAM MAIS METAS

1º Paraíba
2º Amazonas, Maranhão e Tocantins
3º Mato Grosso

ESTADOS QUE CUMPRIRAM MENOS METAS

1º Distrito Federal e Minas Gerais
2º Rondônia
3º Goiás, Rio Grande do Sul e Sergipe

De férias — e bem equipado

AS ATUAIS BARRACAS DE CAMPING ESTÃO A ANOS-LUZ DAS VELHAS ESTACAS DE FERRO, JÁ HÁ TOALHAS DE PRAIA QUE NÃO ACUMULAM ÁGUA E SURGIRAM ATÉ CÂMERAS QUE ESPERAM O TURISTA SOLITÁRIO SE POSICIONAR PARA, SÓ ENTÃO, DAR O CLIQUE.

Esses são alguns dos equipamentos lembrados — e testados — por pessoas que costumam viajar há muito tempo e já experimentaram toda espécie de acessório cuja promessa é trazer mais conforto às férias. Nem todos funcionam, dizem elas. Os que aparecem nestas páginas, no entanto, foram bem avaliados pelo grupo de viajantes consultado por VEJA. Eles se prestam a diferentes finalidades, tipos de viagem e orçamentos. Mesmo com a crise, mais de 130 milhões de brasileiros planejam passar as férias longe de casa — cerca de 20% mais do que no ano passado, segundo dados do Ministério do Turismo. É a essas pessoas que os especialistas se dirigem.

Situação: o cartão de memória da máquina fotográfica ficou lotado no meio da viagem
O que dizem os viajantes: a maioria das pessoas vai a um cibercafé, passa as fotos para o computador e as grava num CD – mas já existe um aparelho que pode encurtar o caminho. Encaixado na câmera, ele transmite as informações para um pen drive ou mesmo um MP3
Ressalva: o acessório não armazena os arquivos. Só funciona, portanto, conectado a outro aparelho capaz de fazer isso
Indicação dos especialistas: Video Transfer *(Pinnacle, 600 reais*)*, o único à venda no Brasil

CONEXÃO FAMILIAR *O casal de empresários* **Ricardo**, *32 anos, e* **Silvia Yugi**, *34, adotou os walkie-talkies primeiro no trabalho. Depois, nas férias:* ***"São mais econômicos que o celular e, em lugares amplos e lotados, ninguém se perde mais"***

MONTAGEM SOBRE FOTOS DE PHOTODISC, ALLAN WESLEY WHITE/CORBIS, MARCELO KURA E DIVULGAÇÃO

MONICA WEINBERG mweinberg@abril.com.br

FOTOS LAILSON SANTOS, JULIO VILELA E DIVULGAÇÃO

O TRABALHO SE RESUME A 5 MINUTOS

O analista financeiro **Adriano Kümmel**, *25 anos, testou uma das barracas de montagem automática: "O esforço é zero para armar e ela fica bem mais estável que as outras que eu usava"*

Situação: depois de uma caminhada extenuante, é chegada a hora de montar a barraca de camping
O que dizem os viajantes: o tempo das estacas pesadas passou. Já há barracas com sistemas de montagem automáticos, que levam cerca de cinco minutos para ficar de pé – e não mais a meia hora dos antigos modelos
Ressalva: para iniciantes, montar é fácil, desmontar nem tanto. É preciso seguir à risca o manual
Indicação dos especialistas: Pamplona *(La Trekking, 200 reais*)*, com o melhor custo-benefício

Situação: numa viagem em grupo, manter contato por meio de celular pode custar caro – mas, sem ele, saber o paradeiro uns dos outros vira um suplício permanente
O que dizem os viajantes: walkie-talkies se tornaram boa alternativa com o surgimento de aparelhos que já se comunicam a distâncias de até 50 quilômetros. Eles oferecem duas vantagens em relação aos celulares: a ligação sai de graça e não está sujeita à ausência de sinal, mesmo em lugares mais ermos
Ressalva: a comunicação corre o risco de ser interrompida pelo mau tempo ou de receber interferências. Nesses casos, a solução é que as duas pessoas ajustem a freqüência da transmissão – operação que exige alguma experiência com o aparelho
Indicação dos especialistas: o modelo Talkabout *(Motorola, 300 reais*)*. É o de mais longo alcance à venda no Brasil – 25 quilômetros

Situação: depois da praia, a toalha molhada fica inutilizada e ainda pesa como chumbo na bolsa
O que dizem os viajantes: já existem toalhas dez vezes mais leves, pesando algo como 60 gramas, que conseguem absorver o triplo de água. Torcidas, eliminam na mesma hora 90% da água acumulada
Ressalva: seus 60 centímetros de comprimento são insuficientes para que um adulto repouse sobre ela
Indicação dos especialistas: a toalha Coghlans *(25 reais*)*, porque, de todas, é a que absorve mais água

Situação: uma pessoa viaja sozinha e volta sem nenhuma foto de si mesma
O que dizem os viajantes: um novo tipo de câmera é bem útil neste caso. Como outras, ela pode ser programada para tirar sozinha o retrato – com a vantagem de só dar o clique quando o fotografado decide que é o melhor momento, e não nos usuais trinta segundos. Para isso, basta que registre um sorriso
Ressalva: em todas as fotos, a pessoa sairá sorrindo
Indicação dos especialistas: Sony DSC W125 *(de 7 megapixels, 800 reais*)*. A opção de 10 megapixels custa 60% mais e produz imagens de qualidade parecida

Situação: passar por portas de ônibus e subir escadarias de metrô pilotando um carrinho de bebê exige perícia – e músculos
O que dizem os viajantes: é melhor evitar os modelos mais robustos e procurar os leves e dobráveis. Mais precisamente aqueles que, fechados, têm (sim) tamanho semelhante ao de uma raquete de tênis, são feitos de alumínio e pesam 8 quilos, 40% menos que a média. Sobre três rodas, eles ganham estabilidade – o que lhes permite atravessar qualquer espécie de terreno
Ressalva: reclinam menos que os carrinhos tradicionais. Por isso, podem ser especialmente desconfortáveis para bebês que ainda não se sentam sozinhos
Indicação dos especialistas: Zapp *(Quinny, 1 500 reais*)*. Fechado, nenhum outro é tão compacto

* Preços médios

Longe de qualquer tomada

Os especialistas indicam uma lista de acessórios que produzem energia elétrica mesmo naqueles lugares onde não há tomadas por perto

JAQUETA SOLAR

Como funciona: o carregador que transforma energia solar em elétrica fica instalado no colarinho e os fios, que passam por dentro do tecido, desembocam num bolso interno. É lá que o aparelho eletrônico deve ser colocado para recarregar
Comentário: tem a vantagem de ser portátil e a desvantagem de só funcionar bem quando está exposta ao sol
Indicação dos especialistas: jaqueta Solar Ski *(Ermenegildo Zegna, 3000 reais)*

LANTERNA A DÍNAMO

Como funciona: ao ser chacoalhada, a lanterna liga automaticamente. Isso porque nela está instalado um sistema capaz de transformar energia mecânica, gerada pelo movimento, em elétrica. Esta energia abastece a bateria presente na lanterna, que faz com que a luz se acenda
Comentário: a engrenagem do sistema é delicada. Um sacolejo um pouco mais intenso pode danificá-la
Indicação dos especialistas: Lightlife *(Philips, 70 reais)*

CARREGADOR DE ENERGIA SOLAR

Como funciona: um conjunto de placas transforma energia solar em elétrica, que fica armazenada num dispositivo parecido com uma bateria de celular. Os eletrônicos devem ser conectados diretamente a esse acessório para recarregar
Comentário: só permite carregar aparelhos de 4 a 12 volts, como celulares ou MP3. Não é preciso esperar que o carregador solar esteja 100% abastecido para começar a alimentar os eletrônicos de energia. Nesse caso, no entanto, a velocidade do processo dependerá da intensidade do sol – e poderá ser bem mais lenta
Indicação dos especialistas: Solio *(Multienergy, 350 reais)*

ENERGIA PRÓPRIA

O engenheiro civil **Luiz Fernando Ferreira**, *31 anos, já usa um carregador solar há um ano:* ***"Tem sido muito útil em viagens de carro longe da cidade"***

FOTOS LAILSON SANTOS E DIVULGAÇÃO

Para viajar e esquecer

Idéias dadas por especialistas para solucionar problemas comuns quando alguém passa um período mais prolongado longe de casa

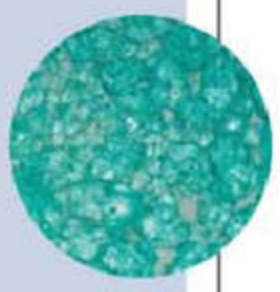
A COMIDA DOS ANIMAIS

Medida mais comum: deixar muitos potes repletos de água e comida. Com isso, corre-se o risco de que eles fiquem contaminados pela sujeira – e impróprios para o consumo
O que funciona melhor: bebedouros e alimentadores automáticos de comida. O princípio de ambos é um sistema que controla o abastecimento dos recipientes. Quando o prato está quase vazio, mais água ou mais comida é liberada

A CASA ESCURA

Medida mais comum: deixar uma ou duas luzes acesas para dar a impressão de haver gente em casa. Truque antigo, só consome energia, sem enganar o ladrão
O que funciona melhor: instalar interruptores "inteligentes". Eles são programados para fazer acender a luz em certas horas do dia, dando a impressão de que há gente em casa

PLANTAS SEM ÁGUA



Medida mais comum: encharcar os vasos – o que, em geral, é fatal às plantas
O que funciona melhor: colocar na terra cristais de gel, que agem como esponjas. Eles armazenam água e a liberam em pequenas porções diárias. Conseguem reter o suficiente para cerca de três semanas

Com reportagem de Camilla Costa, Marcos Todeschini e Renata Betti

Todo indivíduo, família, organização, comunidade, empresa e governo têm um papel vital a desempenhar

Carta da Terra – Haia, junho de 2000

INSTITUTO ETHOS 10 ANOS

Há 10 anos, o Instituto Ethos e a sociedade brasileira vêm contando com a parceria de empresas, sindicatos e associações empresariais e de trabalhadores, ONGs, fundações e institutos nacionais e internacionais, organizações multilaterais, órgãos públicos, veículos de comunicação, universidades e escolas de negócios, estudantes, professores, consultores, jornalistas. Todos aqueles que acreditam na própria capacidade de criar novas realidades. Na própria capacidade de criar uma nova sociedade, sustentável e justa.

www.ethos.org.br

Há 10 anos nosso papel é disseminar, entusiasmar, articular, propor perspectivas, abrir frentes e caminhos

INSTITUTO ETHOS DE EMPRESAS E RESPONSABILIDADE SOCIAL

Empresas parceiras na construção de uma sociedade sustentável e justa

Apoio: Abril

Amigo é para e

ELE, ELA & MARLEY
Wilson e Jennifer, com o seu "cãozinho de liquidação": não por acaso ele era o mais barato da ninhada

Em *Marley & Eu,* adaptado do best-seller de John Grogan, o homem é o melhor amigo do cão — um labrador alegre e amoroso, mas de hábitos destruidores e temperamento incontrolável

ISABELA BOSCOV

ssas coisas

Marley & Eu *(Marley & Me,* Estados Unidos, 2008), a versão para o cinema do sucesso editorial do jornalista americano John Grogan sobre a vida movimentada que seu cão Marley lhe proporcionou, é um programa familiar que tem também esse jeito amigável e meio bagunçado dos labradores. Não é difícil identificar os momentos em que um puxão mais determinado na guia teria impedido o filme de andar a esmo — quase todos eles protagonizados por Owen Wilson, que interpreta Grogan naquele seu registro costumeiro, entre o bem-humorado e o preguiçoso, e só parece acordar de verdade nas cenas que divide com o inestimável Alan Arkin, que faz seu chefe. Quando é Jennifer Aniston quem está no comando, no papel da sensata e generosa Jenny, a mulher de John, o ritmo se torna mais decidido e o propósito da história, mais claro: o de ser uma espécie de manifesto sobre a afeição incondicional. Não se está falando aqui apenas da proverbial lealdade dos cães a seus donos. O desastrado Marley, com sua capacidade infinita para estorvar, testou a mão dupla desse relacionamento de todas as maneiras possíveis durante os treze anos em que viveu com os Grogan. A conclusão a que o filme, que estréia neste dia 25 no país, leva com muita graça (assim como o livro) é que Marley era, sim, uma dor de cabeça. Mas era uma dor de cabeça que os Grogan não trocariam por nada.

Na história, que segue bem de perto o livro, o recém-casado John teme que Jenny queira começar uma família de imediato. Para aplacar os instintos maternos que ele suspeita estarem aflorando, pensa numa solução aparentemente mais simples: dar-lhe um filhote de labrador. John e Jenny não ouvem o alarme tocar quando, no canil, a criadora lhes diz que aquele cãozinho assanhado que logo se atirou sobre eles está saindo por um preço especial — 200 dólares, em vez dos 275 de praxe. "Que graça, um filhote de liquidação", anima-se Jenny. O desconto de 75 dólares vai virar um prejuízo incalculável com móveis arranhados, estofados eviscerados, paredes mastigadas, objetos quebrados, embaraços com a vizinhança e até uma corrente de ouro engolida no exato momento em que saía da caixa da joalheria (num ótimo lance de escalação, os "atores" que fazem Marley têm um apetite monstruoso, ao menos em cena).

O roteiro não exatamente original, mas ainda assim prestativo, traça um bom paralelo entre a convivência dos Grogan com Marley e os acertos e negociações exigidos por outra relação um tantinho mais complicada — a deles mesmos. Com dois filhos ainda em fraldas em casa, Jenny estoura e, por algumas horas, quer se livrar do cão; mais provavelmente gostaria de ter mandado John passear naquele instante, mas as conseqüências teriam sido mais drásticas. Da mesma forma que o livro e a coluna em um jornal de Miami que primeiro fez a reputação de Grogan, na qual Marley era personagem assíduo, o filme fala a esses sentimentos básicos de leitores e espectadores — sobre imperfeições, espontaneidade, sobre se encantar e depois perder a paciência com quem se ama, e também sobre o dom inexplicável que as mascotes, até as incontroláveis como Marley, têm de saber o momento em que seu dono mais precisa de amparo. Trata, em especial, da contingência fundamental da vida em família: a necessidade de que todos sobrevivam uns aos outros e aprendam a apreciar-se pelas qualidades e também pelos defeitos.

Nesse aspecto, o trabalho do diretor David Frankel se destaca. Conhecido até aqui pela mordacidade de *O Diabo Veste Prada* e do seriado *Entourage,* ele anima o filme com uma alegria e uma afabilidade que somam muito ao seu saldo final — sem, no entanto, fazer do labrador um bicho fofo, o que, de acordo com o relato de Grogan, ele nunca passou perto de ser. Quando, próximo do desfecho, Marley já está velho e cansado, as três crianças dos Grogan é que aprenderão, por meio dele, a compreender que existe doença, idade e um fim. Tanta coisa, argumenta *Marley & Eu,* em troca de tão pouco — alguma paciência, algum carinho e uns sacos de ração. Ou muitos, no caso desse grandalhão. ■

TRAILER DO FILME EM veja.com www.veja.com.br

DIVULGAÇÃO

Globo Filmes 10 anos. O cinema que fala a sua língua.

1998
- Simão - O Fantasma Trapalhão

1999
- Zoando na TV
- Orfeu
- O Trapalhão e A Luz Azul

2000
- Bossa Nova
- O Auto da Compadecida

2001
- A Partilha
- Caramuru - A Invenção do Brasil
- Xuxa e os Duendes

2002
- Cidade de Deus
- Xuxa e os Duendes 2 - No Caminho das Fadas

2003
- Deus é Brasileiro
- Carandiru
- O Homem que Copiava
- Didi - O Cupido Trapalhão
- Lisbela e o Prisioneiro
- O Caminho das Nuvens
- Maria - Mãe do Filho de Deus
- Os Normais
- Casseta & Planeta - A Taça do Mundo é Nossa
- Acquária
- Xuxa Abracadabra

2004
- Sexo, Amor & Traição
- Viva Voz
- Cazuza - O Tempo Não Pára
- Querido Estranho
- Olga
- Redentor
- A Dona da História
- Xuxa e o Tesouro da Cidade Perdida
- Meu Tio Matou um Cara

2005
- Tainá 2 - A Aventura Continua
- O Casamento de Romeu e Julieta
- Casa de Areia
- 2 Filhos de Francisco
- O Coronel e o Lobisomem
- Vinicius
- Xuxinha e Guto Contra Os Monstros do Espaço

2006
- Didi - O Caçador de Tesouros
- Se Eu Fosse Você
- A Máquina
- Irma Vap - O Retorno
- Zuzu Angel
- Anjos do Sol
- Casseta & Planeta - Seus Problemas Acabaram
- O Maior Amor do Mundo
- Muito Gelo e 2 Dedos D'água
- O Ano Em Que Meus Pais Saíram de Férias
- Xuxa Gêmeas
- O Cavaleiro Didi e a Princesa Lili

2007
- A Grande Família - O Filme
- Pro Dia Nascer Feliz
- Antônia
- Caixa Dois
- Ó Paí, Ó
- Cartola
- Inesquecível
- Não Por Acaso
- Saneamento Básico
- Primo Basílio
- Cidade dos Homens
- O Homem que Desafiou o Diabo
- Sem Controle
- Xuxa em Sonho de Menina
- Os Porralokinhas

2008
- Meu Nome Não é Johnny
- O Signo da Cidade
- Polaróides Urbanas
- Chega de Saudade
- Bodas de Papel
- O Guerreiro Didi e a Ninja Lili
- Era Uma Vez...
- Os Desafinados
- Casa da Mãe Joana
- A Guerra dos Rocha
- Última Parada 174
- Orquestra dos Meninos
- Romance

E mais 25 co-produções em desenvolvimento.

Apoio anual a mais de 10 eventos cinematográficos.

Página do Cinema: um espaço para divulgação do cinema brasileiro.

Agradecemos aos 52 diretores, 24 produtoras, distribuidores e exibidores e aos 78 milhões de espectadores de todo o Brasil, que estiveram ao nosso lado nesses 10 anos.

Prepare-se para a temporada de verão!

SE EU FOSSE VOCÊ 2
de Daniel Filho

SURF ADVENTURES 2
de Roberto Moura

VERÔNICA
de Maurício Farias

O DIVÃ
de José Alvarenga

Em 2009 tem mais:

A MULHER INVISÍVEL, de Cláudio Torres.
OS NORMAIS 2, de José Alvarenga.
O BEM AMADO, de Guel Arraes.
SALVE GERAL, de Sérgio Rezende.
TEMPOS DE PAZ, de Daniel Filho.

GLOBO FILMES

www.globofilmes.com.br

EVERETT COLLECTION/GRUPO KEYSTONE

UM INSTANTE PERFEITO *Smith e Rosario, que encabeça uma lista misteriosa com sete nomes: atores que deixam a sensação de que ainda têm muito a mostrar*

CHORO FISIOLÓGICO

Em *Sete Vidas,* Will Smith renova com o diretor Gabriele Muccino uma parceria calculada para levar a platéia às lágrimas — e dar a ele a oportunidade de exercitar seu talento dramático

Em seu início de carreira, Will Smith impressionou os não muitos espectadores que viram *Seis Graus de Separação* com um desempenho dramático extraordinário — o qual, nestes quinze anos desde então, ele poucas vezes se interessou em revisitar. Pesam aí a facilidade que Smith demonstra para escolher material cômico ou de ação que o mantenha no posto de astro mais consistente do cinema americano hoje, em bilheteria e popularidade, e a recepção pouco calorosa às suas tentativas passadas de se envolver em filmes mais densos, como *Ali.* Há dois anos, porém, Smith encontrou o meio-termo que lhe agrada na pessoa do cineasta italiano Gabriele Muccino. *À Procura da Felicidade,* em que Muccino o dirigiu no papel de um pai que, largado sozinho com o filho pequeno, tenta driblar a má sorte, deu a Smith a oportunidade de exercitar sua flexibilidade sem alienar seu público. Agora, ator e diretor repetem a parceria em ***Sete Vidas*** *(Seven Pounds,* Estados Unidos, 2008), que estréia nesta sexta-feira no país, arriscando-se em uma história alguns tons mais sombria que a anterior.

No filme, Smith é Ben Thomas, um auditor do imposto de renda movido por razões que só no final serão explicadas, mas que desde o começo se intuem complicadas. Ben carrega consigo uma lista de sete pessoas, e as submete a testes, por assim dizer. O diretor de um asilo de velhos, por exemplo, é inquirido sobre sua situação financeira, e também acerca da evolução de sua leucemia. Sobre um cego que trabalha como operador de telemarketing (Woody Harrelson), ele despeja insultos cruéis, à espera de uma reação. De toda a lista, a pessoa a que ele dedica mais tempo e curiosidade é Emily (Rosario Dawson), uma tipógrafa que sofre de insuficiência cardíaca. Ben a procura no hospital e em casa, bisbilhota sua vida, observa-a de perto e a distância, telefona com hora marcada ou a visita de improviso. A certa altura, o teste acaba e um relacionamento começa — no qual a missão de Ben, seja ela qual for, vai interferir.

O título original de *Sete Vidas,* "sete libras", é uma referência à célebre passagem de *O Mercador de Veneza,* de William Shakespeare, em que o personagem Shylock exige de um devedor que lhe pague com uma libra da própria carne. Significa, portanto, a cobrança dura e desproporcional de uma dívida. No filme, fica claro que Ben é que está cobrando de si mesmo um preço alto por um erro cometido. E não há dúvida também de que o objetivo é pôr a platéia para chorar — ao que ela corresponde em peso, numa reação quase que fisiológica. Muccino avança além do necessário na manipulação, mas ganha pontos pelo ótimo partido que tira de Rosario Dawson e por expor um pouco mais das inflexões dramáticas de Will Smith. O "um pouco", aqui, corre não por conta do diretor, mas do próprio ator: se a impressão é verdadeira ou não, só outros filmes poderão dizer, mas Smith é talvez um caso único de astro que intriga não tanto pelo que já mostrou como pela promessa do que ainda tem a mostrar. ■ **ISABELA BOSCOV**

TRAILER DO FILME EM veja.com
www.veja.com.br

EVERETT COLECTION/ GRUPO KEYSTONE

UM INSTANTE PERFEITO *Smith e Rosario, que encabeça uma lista misteriosa com sete nomes: atores que deixam a sensação de que ainda têm muito a mostrar*

CHORO FISIOLÓGICO

Em *Sete Vidas,* Will Smith renova com o diretor Gabriele Muccino uma parceria calculada para levar a platéia às lágrimas — e dar a ele a oportunidade de exercitar seu talento dramático

Em seu início de carreira, Will Smith impressionou os não muitos espectadores que viram *Seis Graus de Separação* com um desempenho dramático extraordinário — o qual, nestes quinze anos desde então, ele poucas vezes se interessou em revisitar. Pesam aí a facilidade que Smith demonstra para escolher material cômico ou de ação que o mantenha no posto de astro mais consistente do cinema americano hoje, em bilheteria e popularidade, e a recepção pouco calorosa às suas tentativas passadas de se envolver em filmes mais densos, como *Ali.* Há dois anos, porém, Smith encontrou o meio-termo que lhe agrada na pessoa do cineasta italiano Gabriele Muccino. *À Procura da Felicidade,* em que Muccino o dirigiu no papel de um pai que, largado sozinho com o filho pequeno, tenta driblar a má sorte, deu a Smith a oportunidade de exercitar sua flexibilidade sem alienar seu público. Agora, ator e diretor repetem a parceria em ***Sete Vidas*** *(Seven Pounds,* Estados Unidos, 2008), que estréia nesta sexta-feira no país, arriscando-se em uma história alguns tons mais sombria que a anterior.

No filme, Smith é Ben Thomas, um auditor do imposto de renda movido por razões que só no final serão explicadas, mas que desde o começo se intuem complicadas. Ben carrega consigo uma lista de sete pessoas, e as submete a testes, por assim dizer. O diretor de um asilo de velhos, por exemplo, é inquirido sobre sua situação financeira, e também acerca da evolução de sua leucemia. Sobre um cego que trabalha como operador de telemarketing (Woody Harrelson), ele despeja insultos cruéis, à espera de uma reação. De toda a lista, a pessoa a que ele dedica mais tempo e curiosidade é Emily (Rosario Dawson), uma tipógrafa que sofre de insuficiência cardíaca. Ben a procura no hospital e em casa, bisbilhota sua vida, observa-a de perto e a distância, telefona com hora marcada ou a visita de improviso. A certa altura, o teste acaba e um relacionamento começa — no qual a missão de Ben, seja ela qual for, vai interferir.

O título original de *Sete Vidas,* "sete libras", é uma referência à célebre passagem de *O Mercador de Veneza,* de William Shakespeare, em que o personagem Shylock exige de um devedor que lhe pague com uma libra da própria carne. Significa, portanto, a cobrança dura e desproporcional de uma dívida. No filme, fica claro que Ben é que está cobrando de si mesmo um preço alto por um erro cometido. E não há dúvida também de que o objetivo é pôr a platéia para chorar — ao que ela corresponde em peso, numa reação quase que fisiológica. Muccino avança além do necessário na manipulação, mas ganha pontos pelo ótimo partido que tira de Rosario Dawson e por expor um pouco mais das inflexões dramáticas de Will Smith. O "um pouco", aqui, corre não por conta do diretor, mas do próprio ator: se a impressão é verdadeira ou não, só outros filmes poderão dizer, mas Smith é talvez um caso único de astro que intriga não tanto pelo que já mostrou como pela promessa do que ainda tem a mostrar. ■ **ISABELA BOSCOV**

TRAILER DO FILME EM |www.veja.com.br

DPZ

vivo

Com o 3G da Vivo, você lê esta matéria no seu notebook como está lendo agora: sem se conectar a nenhum fio.

Você também pode ler esta matéria sobre cinema no site www.veja.com.br.

Neste Natal, acesse a banda larga móvel 3G da Vivo.

Planos a partir de R$49,90
Vivo ZAP 50 MB.

Saiba mais em www.vivo.com.br/3g.
Para empresas, agende uma visita no site www.vivoempresas.com.br.

vivo Sinal de qualidade.

MELHOR QUALIDADE
3G
MAIOR COBERTURA

Oferta válida de 6/12 a 31/12/2008 (limitada ao estoque), para toda a área de atuação da Vivo. Limite de 2 modems por CPF. Oferta sujeita a permanência mínima de 12 meses (conforme condições contratuais) e análise de crédito. Valor do Vivo ZAP sujeito a alteração, nos termos da legislação vigente. Melhor rede 3G, conforme reportagem da revista Info, em dezembro de 2008. Maior cobertura 3G, conforme site www.teleco.com.br, em 11/12/2008. Consulte disponibilidade dos serviços 3G em sua região. Imagens meramente ilustrativas.

AS LUZES DO PAS

O gosto pela história cresce entre os leitores. Três lançamentos — um clássico, um dicionário e uma coletânea de testemunhos de época — vêm satisfazer esse interesse renovado

O cronista Ivan Lessa observou que a cada quinze anos o Brasil esquece o que aconteceu nos últimos quinze anos. A produção historiográfica recente deseja contrariar essa tirada. O gosto pela história vai se firmando no país. A prova mais eloqüente é o sucesso de *1808*, livro em que o jornalista Laurentino Gomes reconstitui a aventura de dom João VI na então colônia portuguesa — e que já vendeu perto de meio milhão de exemplares. Na trilha do interesse renovado dos leitores pelo passado de seu país, três novas obras acabam de chegar às livrarias. Cumprem funções essenciais da historiografia: relembrar, revisar, interpretar os fatos. *Historia do Brazil* recupera o texto pioneiro de frei Vicente do Salvador, escrito no século XVII. *Dicionário do Brasil Joanino* é uma obra de referência indispensável — e propõe novas interpretações sobre o período. Por fim, a antologia *Brasil — A História Contada por Quem Viu* traz um painel vigoroso e acessível da história nacional, com base nos depoimentos de quem a vivenciou e construiu. O leitor que deseja entender o Brasil estará bem servido com esses títulos.

TRECHOS DOS LIVROS EM veja.com
www.veja.com.br

REPRODUÇÃO/KEIJU KOBAYASHI

O primeiro crítico dos trópicos

Escrito no século XVII por frei Vicente do Salvador, o pioneiro *Historia do Brazil* ganha uma reedição cuidadosa

Se a carta de Pero Vaz de Caminha é a certidão de nascimento do Brasil, o livro ***Historia do Brazil*** (Versal; 592 páginas em dois volumes; 212 reais) é o documento de identidade. Escrito entre os anos de 1626 e 1630 pelo frade franciscano Vicente do Salvador, o texto é considerado a primeira abordagem histórica do país, o que dá ao seu autor o título de pai da historiografia brasileira. Em ordem cronológica, o livro apresenta um relato dos 130 anos da colônia. Uma nova versão da obra acaba de ser lançada, com cuidadosa edição de Maria Lêda Oliveira, pesquisadora pernambucana da Universidade Nova de Lisboa. A publicação tem especial importância quando se considera que foram poucas as edições integrais da obra. Os códices do frade ficaram esquecidos por mais de dois séculos em arquivos brasileiros e portugueses, até a obra ganhar a primeira edição, no século XIX, a cargo do historiador João Capistrano de Abreu — que lançou uma nova versão comentada do livro em 1918. Depois de Capistrano, a *Historia* só ganharia

SADO

CARANGUEJOS COLONIAIS *A chegada dos portugueses: eles deram pouca atenção ao interior*

mais uma edição, em 1965, a cargo do historiador Venâncio Willeke, que, como Vicente do Salvador, era um frade franciscano.

Vicente do Salvador foi dos primeiros a atacar o descaso dos portugueses pelo interior da colônia. Os colonizadores contentavam-se, dizia, em "andar arranhando ao longo do mar como caranguejos". O historiador é também um crítico da ganância mercantilista dos portugueses. Condenava as ambições de enriquecimento rápido, com o objetivo de transferir a fortuna para Portugal, prática que era incentivada pela coroa. Como se vê, frei Vicente do Salvador não foi apenas o primeiro historiador do Brasil: também foi um dos mais perceptivos.

LEONARDO COUTINHO

PALACIO DO ITAMARATY

IMPÉRIO EM CRISE *O rei português dom João VI: em guerra com os botocudos*

Um guia para os tempos do rei

Um painel do Brasil de dom João VI, na forma de dicionário

"Era no tempo do rei." Assim começa *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida, um dos mais engraçados romances brasileiros do século XIX. A referência é a dom João VI, que aportou na então colônia em 1808, fugindo da invasão de Portugal pelas tropas de Napoleão. O público original de *Memórias de um Sargento de Milícias* — lançado em 1854, quando dom Pedro II, neto de dom João, era o imperador — teria viva em sua memória afetiva o Rio de Janeiro da corte exilada. Para o leitor atual que desejar alguma familiaridade com o tempo do rei, há um novo instrumento, prático e competente: o ***Dicionário do Brasil Joanino*** (Objetiva; 476 páginas; 89,90 reais). Organizado pelos historiadores Ronaldo Vainfas — que já coordenara o *Dicionário do Brasil Colonial* e o *Dicionário do Brasil Imperial* — e Lúcia Bastos Pereira das Neves, o livro oferece um vasto panorama da história brasileira de 1808 a 1821.

Com 150 verbetes, o dicionário apresenta os protagonistas da história — estão lá os perfis biográficos de dom João VI e de sua polêmica rainha, Carlota Joaquina — e temas relacionados ao cotidiano da corte e à vida urbana do Rio de Janeiro. Aspectos relativamente pouco discutidos pela historiografia também comparecem. É o caso das guerras indígenas que ainda se travavam no início do século XIX — em maio de 1808, dom João assinou uma carta régia decretando a "guerra justa" contra os botocudos, povo dos chamados "sertões do leste", nos atuais estados de Espírito Santo e Minas Gerais. "Os verbetes não são apenas descritivos, mas analíticos. Apresentam os fatos e os interpretam", afirma Lúcia Bastos. O *Dicionário* contrapõe-se a uma tradição historiográfica, inspirada por liberais e republicanos dos dois lados do Atlântico, que caricaturizou dom João VI como um monarca atoleimado e glutão. "Ele não foi esse bobão. Dom João VI soube conduzir a política nas condições possíveis de um império que estava em crise e já não contava com o poderio que teve no século XVI", diz Lúcia Bastos. A vinda para o Brasil, sobretudo, foi a seu modo um lance ousado para um monarca europeu — foi o expediente com que o rei português passou a perna no poderoso Napoleão.

JERÔNIMO TEIXEIRA

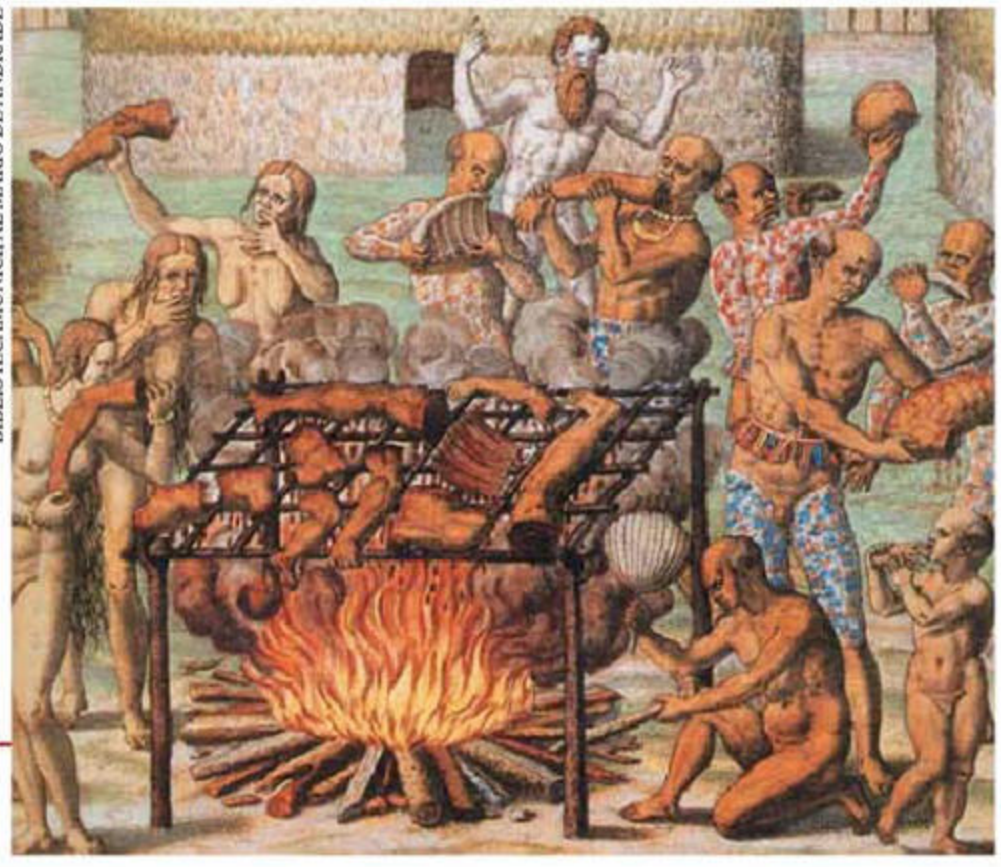
COLEÇÃO MUSEUS CASTRO MAIA/REPRODUÇÃO VICENTE MELLO

VISÕES MÚLTIPLAS *O trabalho escravo no traço de Debret: documentos que revelam o cotidiano de cidades e sertões*

Testemunhas oculares

Uma coletânea organizada pelo historiador Jorge Caldeira revisa toda a história brasileira a partir de depoimentos de época

"Meninos, eu vi": a expressão consagrada no poema *I-Juca Pirama,* de Gonçalves Dias, define que, antes da ciência, é o poder do olhar que se impõe. Há décadas, o grande historiador francês Lucien Febvre convidou os pesquisadores a multiplicar estudos sobre o que chamou de "suportes do sensível em diversas épocas". Um deles era a visão. Jorge Caldeira acolheu o chamado da mais clássica historiografia, atendendo, igualmente, o leitor interessado no passado do seu país. Sua antologia ***Brasil — A***



BIBLIOTECA MUNICIPAL MÁRIO DE ANDRADE

"Golpeia o prisioneiro na cabeça, de modo que lhe saltam os miolos. Imeditamente as mulheres levam o morto, arrastam-no para o fogo. (...) Depois de esfolado, toma-o um homem e corta-lhe as pernas acima dos joelhos, e os braços junto ao corpo. (...) As vísceras são dadas às mulheres. (...) O miolo do crânio, a língua e tudo o que podem aproveitar comem as crianças."

Ritual de antropofagia indígena descrito pelo alemão ***Hans Staden,*** *no século XVI*

EM PRIMEIRA MÃO

Trechos de quatro dos 173 textos reunidos em *Brasil – A História Contada por Quem Viu*

MNC/SPHAN/ PRO-MENOR/ MUSEU C. MAIA

"No Brasil predomina a escravidão negra e os brasileiros recuam com algo semelhante ao horror diante dos serviços manuais. (...) Interrogando-se um jovem nacional de família respeitável e em má situação financeira sobre por que não aprende uma profissão, há dez probabilidades contra uma de ele perguntar se o interlocutor está querendo insultá-lo! 'Trabalhar! Trabalhar!', gritou um deles. 'Para isso temos os negros.'"

Thomas Ewbank, *viajante americano, em 1846*

História Contada por Quem Viu (Mameluco; 656 páginas; 59 reais) é impecável. Reúne documentos e testemunhos na forma de escritos, manuscritos ou impressos, e transcrições de registros audiovisuais. Com a acuidade de um ourives, Caldeira escolheu as histórias mais relevantes e as maneiras de contar mais significativas. Garimpou até documentação inédita, como é o caso da narrativa sobre a Guerra dos Emboabas, nas Minas Gerais do século XVIII. Em ordem cronológica, cada parte do livro se abre sobre uma interpretação das condições econômicas, políticas e sociais do período. Pequenas ementas introduzem o leitor ao texto, localizando o autor e as circunstâncias em que o material foi produzido.

Nos primórdios da colonização, destacam-se os clássicos de Pero Vaz de Caminha e do governador Mem de Sá, entre muitos viajantes estrangeiros. No século XVII, sobressaem narrativas do padre jesuíta Jerônimo Rodrigues, dos holandeses que ocuparam a Bahia e o Recife e os cronistas clássicos: Vieira, Antonil e frei Vicente do Salvador. Já no século XVIII, a documentação é marcada pela preocupação com o ouro e os impostos: depoimentos de bandeirantes ombreiam com os de autoridades portuguesas e há versões variadas sobre os conflitos e revoltas, dos Mascates à Inconfidência Mineira. Com o aparecimento da imprensa, no século XIX, multiplicam-se as experiências pessoais em textos. Os documentos contemplam os grandes momentos da história, mas também aqueles mais discretos, que a historiografia contemporânea elege como fundamentais: o cotidiano nas cidades e sertões, a vida dos escravos, as práticas de religiosidade ou as relações afetivas. Moldado pela indústria cultural e pela expansão da leitura, o texto no século XX torna-se breve, vai direto ao ponto. O leitor vai se deliciar com a chegada dos imigrantes japoneses, o velório de Machado de Assis ou as primeiras crônicas jornalísticas sobre o futebol. De Vargas ao golpe de 1964, documentos apontam a complexidade do dia-a-dia: da inauguração da Transamazônica às greves do ABC, da doença de Tancredo à denúncia que derrubou Collor.

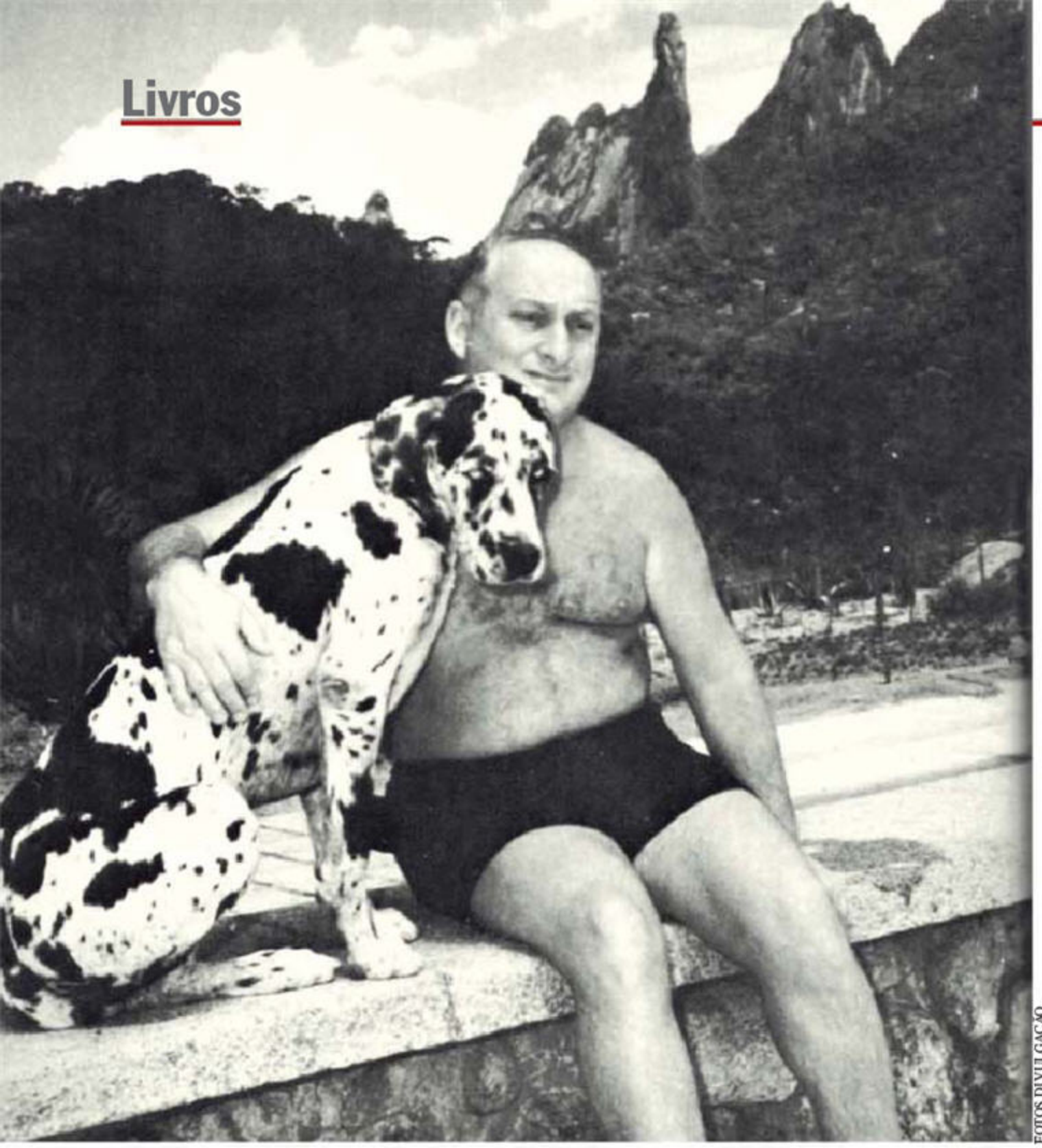
Pedagógico e erudito ao mesmo tempo, Caldeira nos convida a uma viagem no tempo através de várias visões. Visões que nos ajudam a conhecer a história, mas também a compreender os sistemas de valores nas quais foram produzidas. Visões que nos incentivam a nos enxergar a nós mesmos, não como simples espectadores, mas como atores desta mesma história. ■

MARY DEL PRIORE

LUCIANO ANDRADE

"Vi quando meu pai levantou de pijama, passou pelo corredor, foi até o gabinete e voltou. O revólver sempre esteve na mesinha dele. (...) Alguém me segurou pelos ombros e disse: – Alzira, seu pai! Eu saí correndo feito uma doida e me joguei sobre o corpo dele. Ele ainda estava vivo e tive a impressão de que esboçava um sorriso. Olhei para o médico que estava ao lado, e ele me fez sinal de que não havia solução."
Alzira Vargas, *relatando a morte do pai, Getúlio Vargas, em 1954*

"Foi uma violência estúpida, inútil e imbecil. (...) Amanhã, ao amanhecer, os brasileiros vão ler os jornais, vão ver as metralhadoras e os cães impedindo que brasileiros pacíficos exercitem um direito que está na Carta Universal dos Direitos Humanos, da qual o Brasil é signatário. Nós não temos armas. (...) Os cães ladram, mas a caravana passa."
Discurso do deputado ***Ulysses Guimarães*** *contra a ditadura, em 1978, depois que policiais com cães tentaram impedir uma manifestação eleitoral*



FOTOS DIVULGAÇÃO

ÓDIOS FRATERNAIS *Adolpho* (à esq.), *Arnaldo e Bóris* (com um cunhado ao centro) *e a* Manchete: *conflitados como personagens de Dostoievski*

TUDO EM FAMÍLIA

A ascensão e a queda do negócio dos irmãos Bloch, criadores da revista *Manchete*, narradas por um de seus descendentes

GERALDO MAYRINK

Imigrantes judeus ucranianos que se estabeleceram no Brasil depois da revolução comunista e ergueram um império das comunicações no novo país, os Bloch contam com uma história familiar que daria um romance. E é quase isso que faz um dos membros do clã, o jornalista e escritor carioca Arnaldo Bloch, ao reconstituir os feitos de seus antepassados em ***Os Irmãos Karamabloch*** (Companhia das Letras; 344 páginas; 48 reais). Os irmãos do título são Bóris, Arnaldo (avô do autor) e Adolpho, filhos do ucraniano Joseph Bloch. O trio foi alcunhado de "Karamabloch" pelo escritor e jornalista Otto Lara Resende, numa alusão à conflitada família criada pelo russo Fiodor Dostoievski em seu clássico *Os Irmãos Karamázov*. A família toda gravitava em torno de Adolpho Bloch (1908-1995), um tirano, segundo o autor, um gráfico que chegou com a parentada em 1922 e que nos primeiros tempos tinha dificuldade até em pagar a passagem de bonde. Os Bloch vieram para o Brasil para descobrir a "terra promissória", como se comentava maldosamente, e a descobriram mesmo, a partir da criação da *Manchete*, em 1952. A revista logo se tornaria líder do mercado, dando impulso a um gigante empresarial que englobaria gráficas, emissoras de rádio e televisão. Foi a televisão, aliás, a grande responsável pela debacle da empresa. Criada em 1983, nunca saiu do vermelho. Em 2000, quando as dívidas acumuladas chegavam perto de 17 milhões de reais, foi decretada a falência da Bloch Editores.

O livro centra-se mais na crônica familiar que na história empresarial — embora as duas coisas se sobreponham inevitavelmente na trajetória dos Bloch. Arnaldo não poupa seus ascendentes. Expõe todas as suas falhas — físicas e morais. Haisura, irmã do patriarca Joseph, por exemplo, é descrita como "a mulher mais feia da Rússia". O primo Bernardo era conhecido como "o corcunda". Bóris era priápico diagnosticado. Nem as mascotes da família são preservadas: Biriba, cão felpudo e preto, ti-

nha o apelido de "lascivo". Todos os personagens falam ao longo do livro, às vezes com sotaque. Eram viciados em jogos. Demitiam-se uns aos outros e costumavam se odiar com a intensidade de que só os irmãos são capazes. Mas reuniram uma série de notáveis nos imponentes salões da empresa, no Rio, entre eles o ex-presidente Juscelino Kubitschek.

A trajetória de Adolpho, o gráfico-empresário, é tragicômica, suja, doída e doente. Embora fosse o homem forte da família, não teve descendentes diretos. "Quem precisa de um filho? Melhor ter um cachorro", dizia, referindo-se à mimada cadela Manchetinha, que costumava comer em sua mesa. Editor implacável, Adolpho tinha o hábito de mastigar as fotos das quais não gostava (embora sabiamente não as engolisse). Sua ascensão foi notável para um homem que aos 30 anos não terminara o ensino médio e um dia ouvira do irmão Bóris um comentário: "Dá graças a Deus por estar aqui. Era para você nem ter nascido". *Os Irmãos Karamabloch* é muito bem pesquisado, dada a intimidade sanguínea do autor com as fontes. Pode ser lido por todos os interessados em histórias de bastidores da imprensa — e pelo leitor que busca uma envolvente saga familiar. ■

TRECHO DO LIVRO EM www.veja.com.br

Mainardi

Diogo

podcast em
www.veja.com.br/diogomainardi

Deus mudou de idéia

Em 1º de julho de 1961, alguns engenheiros da Petrobras encaminharam à diretoria da empresa um documento sigiloso que dizia:

"Tomando conhecimento de uma chocante observação feita pelo Sr. Robert M. Sanford, em data de hoje, vimos pela presente lamentar profundamente o acontecido, uma vez que, pelo que entendemos, o acima citado cidadão estrangeiro atingiu gravemente e gratuitamente a Nação Brasileira, quando sugeriu, a um subalterno desprevenido, a eleição de um macaco para próximo Presidente da República".

"O pré-sal é igual ao poço Caraminguá nº 1, do *Sítio do Picapau Amarelo*, que Monteiro Lobato definiu como 'o primeiro poço de petróleo de mentira aberto no Brasil'"

Robert M. Sanford era supervisor de Sub-Superfície da Petrobras. Ele fazia parte da equipe de geólogos de Walter Link, o americano contratado para descobrir petróleo no Brasil. Depois de anos de buscas frustradas, Walter Link concluíra que era inútil continuar procurando petróleo nas bacias terrestres brasileiras, e que era melhor procurá-lo no mar. A politicalha jingoísta, entoando "O Petróleo é Nosso", acusou-o de ser um agente estrangeiro e afastou-o da Petrobras.

Fast Forward. Data: 2 de setembro de 2008. Contrariando o apelo de Robert M. Sanford, desprezamos a possibilidade de eleger um macaco. Em vez disso, o presidente da República é Lula. Ele está numa plataforma da Petrobras, no campo de Jubarte, no litoral do Espírito Santo. A tese de Walter Link e de seu supervisor de Sub-Superfície acabou se confirmando: nosso petróleo está localizado no mar. No caso, no pré-sal. O jingoísmo petrolífero, seis décadas depois de ser empunhado pelo caudilhismo getulista, ainda rende votos. Lula esfrega óleo no macacão — mais um macaco nessa história — e, em meio à promessa de usar o dinheiro do pré-sal no combate à pobreza, declara orgulhoso: "Eu tenho tanta sorte que acho que Deus passou por aqui e resolveu ficar. Porque a sorte aumenta a cada dia".

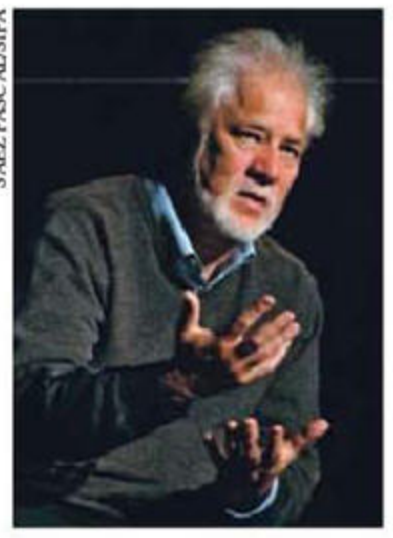
Deus, cinco dias mais tarde, mudou repentinamente de idéia. Fannie Mae e Freddie Mac, as duas paraestatais imobiliárias dos Estados Unidos, foram para o beleléu, dando a largada ao processo de derretimento da economia mundial. O pré-sal, de uma hora para a outra, transformou-se no engodo do ano. Em maio, José Gabrielli, presidente da Petrobras, garantira que, nos cinco anos seguintes, o barril do petróleo custaria entre 80 e 120 dólares, acrescentando: "É uma realidade definitiva". O barril de petróleo já está em 45 dólares, e continuando a cair. No mesmo período, Lula declarou que o Brasil ingressaria na Opep, e que o presidente poderia usar "aquele pano na cabeça, como se fosse um xeique". A Opep acaba de cortar 8% de sua produção, porque há petróleo em demasia no mundo. Em setembro, Dilma Rousseff comparou o Brasil ao *Sítio do Picapau Amarelo*, onde jorrou petróleo atrás do galinheiro. Ela está certa. O pré-sal é igual ao poço Caraminguá nº 1, que Monteiro Lobato definiu como "o primeiro poço de petróleo de mentira aberto no Brasil".

veja Recomenda

DIVULGAÇÃO

CINEMA

Café dos Maestros: *a emocionante reunião dos veteranos do tango*



SAEZ PASCAL/SIPA

LIVRO

Michael Ondaatje: separações trágicas e histórias paralelas

EVERETT COLLECTION/GRUPO KEYSTONE

DVD

BANANAS (ESTADOS UNIDOS, 1971. FOX)

■ Não há dúvida de que Woody Allen evoluiu muito como cineasta desde as suas primeiras comédias da década de 70 — mas é indiscutível também que elas tinham uma graça espontânea e amalucada que ficou para trás em sua carreira. Em *Bananas,* seu segundo trabalho na direção, Allen faz um nova-iorquino que, ao levar um fora da namorada engajada, decide ir para uma república de bananas latino-americana, onde se envolve sem querer numa revolução contra um ditador petulante, interpretado por Ricardo Montalban. O humor vai do corrosivo ao deliciosamente tolo, como na cena em que o revolucionário improvisado tem de comprar sanduíches para todo o movimento.

LIVROS

DIVISADERO, DE MICHAEL ONDAATJE (TRADUÇÃO DE AUGUSTO PACHECO CALIL; COMPANHIA DAS LETRAS; 312 PÁGINAS; 52 REAIS)

■ Divisadero, informa um personagem do novo romance do autor de *O Paciente Inglês*, é o nome de uma rua em São Francisco — mas a palavra remete a "divisão" e a "divisar", ver a distância. Nascido no Sri Lanka e radicado no Canadá, Ondaatje arma uma narrativa marcada por divisões familiares e por vidas que, distantes no tempo, se complementam. Duas irmãs, Claire e Anna, crescem em uma propriedade rural da Califórnia, ao lado de Cooper, órfão que trabalha na fazenda. O romance de Anna e Cooper vai precipitar a trágica separação da família. Essa história corre em paralelo com a de Lucien Segura, escritor francês do início do século XX que Anna estuda na França.

O VINHO MAIS CARO DA HISTÓRIA, DE BENJAMIN WALLACE (TRADUÇÃO DE MARIA LUIZA X. DE A. BORGES; JORGE ZAHAR; 280 PÁGINAS; 39,90 REAIS)

■ O título original é irônico: *The Billionaire's Vinegar* (O Vinagre do Bilionário). É disso que trata o livro do jornalista americano Benjamin Wallace: uma garrafa de vinho avinagrado de 1787 arrematada por 156 000 dólares, em um leilão na Christie's, em 1985. O vinho teria pertencido à adega de um enófilo célebre: o presidente americano Thomas Jefferson. O responsável por sua descoberta, porém, foi o duvidoso Hardy Rodenstock, um ex-empresário de bandas pop — que mais tarde seria processado por fraude. Ao investigar a provável falsificação de Rodenstock, Wallace conduz o leitor ao extravagante mundo dos colecionadores de vinhos raros.

CINEMATECA veja

■ No início do século XX, a jovem negra Celie cresce vítima de todo tipo de crueldade: abuso, incesto, perda, separação, ignorância. E, no entanto, sempre que Celie sorri, seu rosto se ilumina como se ela não soubesse o que é penar. Interpretada por Whoopi Goldberg, a protagonista de *A Cor Púrpura*, que a Cinemateca VEJA lança nesta semana nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, é uma das personagens mais marcantes da ficção americana das últimas décadas, por ser ao mesmo tempo tão improvável e tão convincente. Essa é a qualidade que Steven Spielberg capta tão bem nesta adaptação do romance de Alice Walker — a força inexplicável que faz com que uma pessoa se sobreponha ao seu destino.

DVD

Woody Allen em Bananas: *graça amalucada que ficou para trás*

DISCO

Erykah Badu, a ex-Billie Holiday do rap: menos jazz, mais hip hop

DIVULGAÇÃO

CINEMA

CAFÉ DOS MAESTROS (ARGENTINA/BRASIL, 2008; EM CARTAZ A PARTIR DE QUINTA-FEIRA)

■ Em 2005, o produtor argentino Gustavo Santaolalla criou o projeto Café dos Maestros. Era um disco que reunia artistas da era de ouro do tango argentino — as décadas de 40 e 50. O encontro desses talentos deu tão certo que se tornou um documentário, dirigido por Miguel Kohan. Mas *Café dos Maestros* não é um filme sobre as origens do tango. Na verdade, apresenta alguns artistas desse período e dá a eles a chance de contar seus casos e tocar seus sucessos. Muitas das histórias são divertidas, como as experiências do cantor Juan Carlos Godoy com os cavalos de corrida e os acessos de diva de Virginia Luque. É também difícil não se emocionar com a apresentação da trupe no Teatro Colón, em Buenos Aires, um dos templos da música na América Latina.

DISCO

NEW AMERYKAH, PT. 1: 4TH WORLD WAR, ERYKAH BADU (UNIVERSAL)

■ Em 1997, quando lançou *Baduizm*, seu disco de estréia, a cantora americana Erykah Badu foi saudada como uma "Billie Holiday em ritmo de rap". Ela tinha o canto tristonho de Billie e o misturava às batidas dolentes do hip hop. Com o passar dos anos, Erykah abandonou as influências jazzísticas e se aproximou mais do hip hop e do funk. É o que se pode notar em *New Amerykah*, seu primeiro disco em cinco anos. No CD, alternam-se canções que emulam trilhas de filmes de ação dos anos 70 (*Amerykahn Promise*) ou carregam mensagens políticas (*The Cell*). *Honey* é uma das canções românticas mais bonitas da carreira de Erykah.

■ Nos demais estados, nesta semana: *Um Sonho de Liberdade*, um clássico contemporâneo com Tim Robbins e Morgan Freeman.

Como comprar a Cinemateca VEJA
Em bancas, livrarias e redes de supermercados, a 13,90 reais o exemplar avulso. Para assinar, ligue 3347-2179 (Grande São Paulo) ou 0800-775-2979 (outras localidades), de segunda a sexta-feira, das 8 às 22 horas. Pela internet, acesse www.assineabril.com

veja.com LEIA EM **www.veja.com.br**

Os mais vendidos

FICÇÃO

1 **A Cabana**
William Young [1 | 17] SEXTANTE

2 **Crepúsculo**
Stephenie Meyer [2 | 31#] INTRÍNSECA

3 **O Vendedor de Sonhos**
Augusto Cury [3 | 25] ACADEMIA DE INTELIGÊNCIA

4 **Lua Nova**
Stephenie Meyer [4 | 12] INTRÍNSECA

5 **Os Contos de Beedle, o Bardo**
J.K. Rowling [5 | 2] ROCCO

6 **A Menina que Roubava Livros**
Markus Zusak [6 | 92] INTRÍNSECA

7 **A Viagem do Elefante**
José Saramago [8 | 6] COMPANHIA DAS LETRAS

8 **O Pequeno Príncipe**
Antoine de Saint-Exupéry [9 | 11#] AGIR

9 **Brisingr**
Christopher Paolini [7 | 4] ROCCO

10 **O Recurso**
John Grisham [0 | 1] ROCCO

NÃO-FICÇÃO

1 **Comer, Rezar, Amar**
Elizabeth Gilbert [1 | 39] OBJETIVA

2 **Uma Breve História do Mundo**
Geoffrey Blainey [2 | 49#] FUNDAMENTO

3 **1808**
Laurentino Gomes [4 | 64] PLANETA

4 **Guinness World Records 2009**
Guinness [3 | 7] EDIOURO

5 **Dewey**
Vicki Myron e Bret Witter [5 | 10] GLOBO

6 **Uma Breve História do Século XX**
Geoffrey Blainey [7 | 6] FUNDAMENTO

7 **1001 Filmes para Ver Antes de Morrer**
Steven Jay Schneider [0 | 1] SEXTANTE

8 **Fazendo as Malas**
Danuza Leão [8 | 3] COMPANHIA DAS LETRAS

9 **Mentes Perigosas**
Ana Beatriz Barbosa Silva [0 | 6#] FONTANAR

10 **Deu no New York Times**
Larry Rohter [10 | 5] OBJETIVA

AUTO-AJUDA E ESOTERISMO

1 **Vencendo o Passado**
Zibia Gasparetto [1 | 4] VIDA & CONSCIÊNCIA

2 **O Código da Inteligência**
Augusto Cury [3 | 7] THOMAS NELSON BRASIL

3 **O Segredo**
Rhonda Byrne [2 | 84] EDIOURO

4 **Eles Continuam entre Nós**
Zibia Gasparetto [4 | 18] VIDA & CONSCIÊNCIA

5 **Casais Inteligentes Enriquecem Juntos**
Gustavo Cerbasi [8 | 139#] GENTE

6 **A Arte da Guerra**
Sun Tzu [5 | 42#] VÁRIAS EDITORAS

7 **O Monge e o Executivo**
James Hunter [7 | 203] SEXTANTE

8 **Nunca Desista de Seus Sonhos**
Augusto Cury [9 | 174#] SEXTANTE

9 **A Lição Final**
Randy Pausch e Jeffrey Zaslow [6 | 20#] AGIR

10 **Quem Me Roubou de Mim?**
Fábio de Melo [10 | 6] CANÇÃO NOVA

[A | B#] – A] posição do livro na semana anterior B] há quantas semanas o livro aparece na lista #] semanas não consecutivas

J.R. Guzzo

O vento leva

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva vai chegando ao fim do seu sexto ano de governo com mais uma arrancada de declarações prodigiosas. "Tenho certeza de que vou fazer a minha sucessão", afirmou, numa das últimas ocasiões em que subiu ao palanque. Como a sucessão vai ser feita de qualquer jeito, o que Lula quis dizer, segundo se imagina, é que vai fazer o seu sucessor — ou seja, o homem já sabe, desde hoje, que o vencedor da eleição presidencial de 2010 será o candidato escolhido por ele. É o tipo de coisa que não deveria estar dizendo, tão antes da hora e tão pouco tempo depois de ter jurado que Marta Suplicy, a candidata na qual jogava todas as fichas nas últimas eleições municipais, seria eleita para a prefeitura de São Paulo. "Podem escrever: a Marta vai ganhar esta eleição", garantiu Lula alguns dias antes de sua preferida levar uma das maiores surras que os eleitores da cidade já aplicaram em alguém nos últimos anos. Com que cara ficaria quem tivesse escrito isso? Problema de quem acreditou; garantias dadas três meses atrás já são, para o presidente, material enterrado no fundo do arquivo morto. Lá vai ele de novo pela mesma trilha, sem mudar de idéia e sem mudar de assunto.

O chefe do governo dá a impressão de ser o primeiro a não ter respeito por suas próprias palavras, ou de não estar interessado em saber se elas são respeitadas ou não

Adiantaria alguma coisa as pessoas acreditarem ou não naquilo que diz o presidente da República? Talvez não faça grande diferença, pois os fatos continuam sendo os fatos, não importa o que Lula diga sobre eles. Mas vai ficando claro que em geral faz papel de bobo, ou perde o seu tempo, quem leva a sério o que o presidente diz. Lula, com certeza, desrespeita o público quando insiste em dizer qualquer disparate que lhe passe pela cabeça. E o público, por sua vez, também não precisa mais respeitar o presidente, quanto se torna inútil prestar atenção nos seus discursos. Por que haveria de respeitar, se não é respeitado? Na verdade, o chefe do governo dá a impressão, freqüentemente, de ser o primeiro a não ter respeito por suas próprias palavras, ou de não estar interessado em saber se elas são respeitadas ou não.

O que se pode pensar de diferente, por exemplo, diante da última tirada de Lula sobre as semelhanças entre a Presidência da República e a medicina? O presidente, neste seu embalo de fim de ano, ensinou que um bom médico deve dizer a verdade ao seu paciente, mas ao mesmo tempo precisa animá-lo com a perspectiva de novos remédios e avanços científicos; não pode, diante de uma doença séria, simplesmente lhe dizer "sifu". Está certo, não pode mesmo, mas por que falar desse jeito? A desculpa dada pelo mundo oficial é que Lula, no caso, estava falando na "linguagem do trabalhador". Conversa. O trabalhador de verdade, quase sempre, faz justamente o contrário: fora da sua intimidade, toma muito cuidado com as palavras que emprega, e presta muita atenção para não parecer mal-educado diante de quem as ouve. Lula não disse "sifu" porque queria entrar em comunhão com o povo, mas porque não pensou no que estava falando — só isso e nada mais. Palavras, para o presidente, são coisas baratas, que vêm com o vento e vão embora com ele. Podem até ser apagadas das transcrições oficiais, como aconteceu com a expressão usada nesse episódio, sob a extraordinária justificativa de que ela ficou "inaudível"; um caso de alucinação em que todo mundo ouve exatamente a mesma coisa, salvo o funcionário encarregado de colocar por escrito a fala do chefe.

O palavreado ao acaso de Lula fica menos engraçado quando deixa sua função de animar auditório e passa a ser utilizado, como vive acontecendo, para envenenar o debate público e ocultar deliberadamente a verdade. Há um método aí. Mais uma vez, dias atrás, o presidente repetiu que "tem gente torcendo" para o Brasil quebrar. "Tem gente que vai deitar rezando: 'Tomara que a crise pegue o Brasil, para esse Lula se lascar' ", afirmou. Nunca diz quem é essa "gente"; deveria dizer, é claro, para o público se defender das pessoas que pretendem quebrar o país. Mas o que Lula quer é outra coisa — é passar a idéia de que quem se opõe a ele e ao seu governo é inimigo do Brasil. Da mesma forma, partiu para cima dos "empresários que na primeira diarréia" correm atrás do governo pedindo dinheiro. Quem são eles? Lula não deu o nome de nenhum. O grande nome que se sabe, nessa história de receber favores do governo, é o de uma empresa chamada Telemar, com a qual está acontecendo exatamente o que Lula faz de conta que condena — na verdade, briga como um leão por ela, mesmo se para ajudá-la for preciso mudar a lei. Fato, por enquanto, é só esse.

Agora que você entrou no clima de Natal, garanta também a noite feliz.

MP5 de 1 GB a partir de
0+10 no cartão
R$ 19,90 sem juros
R$ 199,00 à vista (cada)

MP5 Vídeo Player
SCT/Ilkon
Gravador de voz.
Foto ilustrativa

SA3245
Foto ilustrativa
FM/MP4
4 GB

PHILIPS
MP4 Video Player
Philips
0+10 no cartão
R$ 26,90 sem juros
R$ 269,00 à vista

DEH-2080MP
Com controle remoto
MP3/WMA

Pioneer
Auto-rádio e CD Player Pioneer
Entrada auxiliar.
MP3 e cabo não inclusos.
0+10 no cartão
R$ 29,90 sem juros
R$ 299,00 à vista

CDX-GT927UX
Com controle remoto
MP3/USB

SONY
Auto-rádio e CD Player Sony
MP3 e cabo não inclusos.
0+10 no cartão
R$ 59,90 sem juros
R$ 599,00 à vista

KD-DV4299
Com controle remoto
MP3/DVD

JVC
Auto-rádio e DVD Player JVC
0+10 no cartão
R$ 49,90 sem juros
R$ 499,00 à vista

LCD 3,5" Colorido
DVD/MP3
USB/ SD Card

CED-320/55
MP3 não incluso.

PHILIPS
Auto-rádio e DVD Player Philips
0+10 no cartão
R$ 79,90 sem juros
R$ 799,00 à vista

21 marchas
Aro 26

Caloi
Bicicleta Aspen Caloi
0+10 no cartão
R$ 32,90 sem juros
R$ 329,00 à vista

21 marchas
Aro 26

SUNDOWN
Bicicleta Scandal I Sundown
0+10 no cartão
R$ 29,90 sem juros
R$ 299,00 à vista

CASAS BAHIA
DEDICAÇÃO TOTAL A VOCÊ

ORIENTAÇÃO DETALHADA SOBRE O PROCESSO COMERCIAL NA CONTRACAPA DESTE IMPRESSO.

www.casasbahia.com.br

Você se comportou o ano inteiro, enfeitou a casa toda e até escreveu carta. Só está faltando mesmo passar nas Casas Bahia.

Foto ilustrativa
CÓD.: 39.826

Cozinha Elegance 16 peças
Branca, nogueira ou acácia mel.

0+10 no cartão
R$ 399,90 sem juros
R$ 3.999,00 à vista

1 - Armário basculante simples
2 - Porta com vidro preto para armário basculante duplo
3 - Armário basculante duplo
4 - Armário duplo baixo
5 - Armário basculante duplo
6 - Porta com vidro preto para armário basculante duplo
7 - Prateleira
8 - Tampo para balcão/gavetões
9 - Tampo para balcão simples
10 - Tampo para balcão simples
11 - Gavetão com vidro preto para balcão
12 - Balcão/gavetões
13 - Paneleiro duplo
14 - Balcão/gavetões
15 - Gavetão com vidro preto para balcão
16 - Balcão simples com 4 gavetas

Foto ilustrativa
CÓD.: 22.584

Este quarto inteiro por apenas

0+10 no cartão
R$ 249,90 sem juros
R$ 2.499,00 à vista

1 - Guarda-roupa Dúplex
Monterey 6 portas
Altura 2,35 m x largura 2,72 m.
Branco, padrão marfim ou tabaco com maple com vidro fumê ou tabaco brilhante com vidro listrado.

2 - Cômodo-sapateira
Monterey 4 gavetas
Altura 97 cm x largura 1,17 m. Branco, padrão marfim, tabaco ou tabaco com maple.

3 - Cama Monte Rei
Casal, 1,40 m, branca, padrão marfim, tabaco, tabaco com maple, magno ou tabaco com branco.

4 - Criados-mudos
Monterey 2 gavetas
Branco, padrão marfim, tabaco ou tabaco com maple.

Guarda-roupa
Marfim | Tabaco com maple | Tabaco brilhante
Cores também disponíveis.

10x em até **sem juros no cartão***

Aceitamos cartões de crédito/débito: VISA VISA

Entrega e montagem gratuitas**

CASAS BAHIA DEDICAÇÃO TOTAL A VOCÊ

www.casasbahia.com.br

Ofertas válidas de 20/12/2008 até sexta-feira, 26/12/2008, ou enquanto durarem os estoques. Após esta data, os preços voltam ao normal. Formas de pagamento: à vista; a prazo no cartão de crédito em 10 parcelas sem juros com 1º pagamento no vencimento do cartão e as demais de 30 em 30 dias. Consulte a loja mais próxima sobre outras condições de pagamento. Não cobramos taxa de abertura de crédito. Nenhuma despesa adicional. Nas compras a prazo, o cliente fica sujeito a aprovação de crédito. Não vendemos por atacado. O estoque central garante o mínimo de 100 peças para cada produto anunciado. Ofertas excepcionais podem concorrer eventualmente no mesmo período com diferenças em sua comercialização, consulte a loja diante de dúvidas. Fotos ilustrativas. Eventuais erros neste impresso têm preservado o direito de retificação. Nossas lojas abrem aos domingos e em horários extraordinários nas cidades autorizadas. *Exceto produtos HP, Sony e telefonia celular; consulte a loja sobre os produtos disponíveis; exclui-se da condição o Cartão Casas Bahia. **Cartão Casas Bahia:** Isento de tarifa de adesão; até 40 dias para pagar; dependendo da data de compra e do vencimento da fatura; sem juros para compras em até 6 vezes; com juros em parcelamento superior, de 7 a 10 vezes, 0,99% ao mês, 12,55% ao ano, de 11 a 24 vezes, 2,95% ao mês, 41,74% ao ano; o pagamento em 24 vezes é possível para produtos disponíveis nesta condição; será cobrada tarifa de manutenção a partir do 7º mês, da data de emissão do cartão; consulte a loja sobre os documentos necessários para a aquisição do seu cartão; a aprovação e emissão do cartão está sujeita a análise de crédito. **Consulte a loja sobre as restrições de entrega, elas também limitam o serviço de montagem.